



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
MESTRADO EM MÚSICA**

**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em
torno das práticas músico-educativas**

Christiane Alves de Lima

João Pessoa
Dezembro de 2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
MESTRADO EM MÚSICA**

**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em
torno das práticas músico-educativas**

Christiane Alves de Lima

Orientador: Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, área de concentração em Educação Musical.

João Pessoa

Novembro de 2018

FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Título da Dissertação: "O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas"

Mestranda: **Christiane Alves de Lima**

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora:

Dr. Fábio Henrique Ribeiro
Orientador/UEPB

Dr.ª Juciâne Araldi Beltrame
Membro Interno do Programa/UEPB

Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho
Membro Externo ao programa/UECG

João Pessoa, 05 de Dezembro de 2018

*Um míope, obrigado a colocar o objetivo mais perto, pode talvez por um exame próximo
descobrir o que não viram muitos melhores olhos.*

George Beckley

AGRADECIMENTOS

Durante a minha trajetória no mestrado pude contar com várias pessoas especiais que me auxiliaram de alguma forma neste percurso, fortalecendo-me com palavras, gestos e aprendizados bastante significativos.

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus guias espirituais que sempre me acompanham; Um agradecimento especial ao meu companheiro de vida, meu amado esposo Jader Duarte, por dividir comigo todos os momentos bons e ruins, pela compreensão, confiança e cumplicidade em minha vida, sempre acreditando em mim e mostrando que eu poderia ir mais além;

A CAPES que tornou possível esta pesquisa;

Ao meu querido orientador Fábio Ribeiro, por ser um profissional bastante competente, por me receber ao longo deste processo.

A minha primeira orientadora, Guiomar Ribbas, que por motivos de saúde não pôde me acompanhar, mas que em pouco tempo que fui sua orientanda, me ensinou bastante, e que através deste encontro, podemos desfrutar uma linda amizade que se estende até hoje;

A Luceni Caetano, minha segunda orientadora, pelos ensinamentos e por ser uma pessoa sempre disposta a ajudar;

A Escola Municipal de Arte - Casa das Artes, por possibilitar a realização desta pesquisa e por todos os ensinamentos que desfrutei durante minha passagem por este espaço;

Ao Coral Vozes da Infância por ser um lugar onde cresci bastante musicalmente, aprendendo a trabalhar em equipe; as crianças e adolescentes que participam ou participaram do coral, que a cada encontro com eles pude não só me melhorar profissionalmente como também pessoalmente;

Aos meus queridos amigos do mestrado, Mayara, Pedro, Olga, Mayra, Quézia, Colorau e Ricardo, por compartilharmos conhecimentos, risadas e longas conversas.

A todos os professores Maura Penna, Luiz Ricardo Queiroz que me auxiliaram neste trajeto, me enriquecendo com conhecimentos, questionamentos e buscas intermináveis sobre a educação musical;

Aos meus pais, Maria José e Orlando Lima, por me darem à luz da vida e incentivarem sempre os meus estudos. Aos meus irmãos, Eduardo Alves e Anderson Alves, pela compreensão e carinho; a minha cunhada, Jaqueline Queiroz, pelo incentivo e confiança desde o início; aos meus sobrinhos, Mayra Ellen e Juan Alves, pelos os momentos de descontração;

Aos meus queridos amigos da Mãe Terra pela compreensão, força e incentivo;

Aos meus amigos, Rozana, Rodolfo, Fátima Bastos e Diego Araújo pela compreensão, pois durante este tempo estive um pouco ausente de suas vidas, em virtude do tempo dedicado as disciplinas do mestrado e a pesquisa realizada;

A professora Mônica Cure, pela compreensão e incentivo.

Por fim, fico muito grata a todos que direta ou indiretamente contribuíram para este crescimento profissional e pessoal.

Resumo

O canto coral infanto-juvenil compreende um ambiente de aprendizagem de grande relevância não só pelas características musicais, mas também pelo processo de reconhecimento de seus integrantes como indivíduos e como parte de um todo. Através do canto coral, como em outras práticas musico-educativas, a criança e o adolescente têm a oportunidade de ampliar os seus universos culturais e lidar com a diferença, possibilitando o desenvolvimento de novas formas de pensar e agir em suas vidas cotidianas. Diante disto, este estudo tem como tema os processos de educação musical desenvolvidos no contexto Coral Vozes da Infância da Escola Municipal de Arte – Casa das Artes (EMA-CA) na cidade de João Pessoa-PB. O Coral é formado por crianças e adolescentes na faixa etária entre 10 e 15 anos, envolvendo estudantes do quinto ao nono ano das escolas municipais de João Pessoa e comunidade em geral. Assim, este trabalho tem como objetivo geral identificar e compreender as principais concepções em torno das práticas musico-educativas do Coral Vozes da Infância. Os objetivos específicos visam identificar e compreender: as principais características das práticas musico-formativas do Coral; as concepções dos coralistas, professores, diretores e familiares responsáveis pelos coralistas; e as principais relações entre as práticas musico-educativas e as concepções dos sujeitos investigados. O trabalho se fundamenta principalmente no campo da educação musical e de áreas afins, como educação e sociologia. A metodologia foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, delineada como estudo de caso e baseada em pesquisa bibliográfica, observação participante e entrevistas com coralistas, familiares responsáveis pelos coralistas, diretores da escola básica na qual os alunos fazem parte, equipe de música e coordenadora da EMA-CA. Os procedimentos de organização e análise dos dados foram conduzidos a partir da constituição do referencial teórico; descrição e análise das atividades do coral; transcrição e análise das entrevistas; triangulação das informações; e análise interpretativa de cunho qualitativo. Os resultados apontam para uma construção coletiva a partir da interação social entre os coralistas, permitindo um crescimento pessoal e grupal levando a ampliação de mundo e à formação humana. Assim, o trabalho desenvolvido aponta para: 1) a percepção de um panorama investigativo diversificado sobre processos musico-educativos em canto coral, indicando-nos os principais contextos e dimensões epistemológicas que têm construído as principais correntes sobre o assunto; 2) algumas possibilidades interpretativas da realidade de estudo à partir das perspectivas teóricas sobre a educação musical como formação humana, fundamentada na ética e diversidade cultural, passando por aspectos como a coletividade, a identidade individual e coletiva, bem como pela produção de significados em torno da música; e 3) a percepção de uma estrutura de formação no Coral Vozes da Infância baseada em aspectos técnicos sobre o canto coral, mas permeados por situações sociais e relações interpessoais possivelmente articuladoras e uma formação humana. 4) os resultados apontam para a compreensão das principais concepções em torno das práticas musico-educativas tomando como base o referencial teórico e o processo de triangulação dos dados envolvendo o conhecimento empírico, entrevistas dialogando com o referencial teórico. Identificamos nas entrevistas concepções que os próprios coralistas formaram em torno do coral como, a ideia de pertencimento e o “nós”. Ao analisar as falas dos responsáveis legais dos coralistas identifiquei que o trabalho desenvolvido no coral e as mudanças no comportamento dos integrantes foram refletidas em seus lares. Notamos que houveram mudanças positivas no comportamento de seus integrantes, possibilitando a ampliação da visão de mundo através dos mecanismos de interação social desenvolvidos no ambiente coral contribuindo para o processo de formação humana.

Palavras chaves: educação musical; coral infanto-juvenil; formação humana

Abstract

Children's choral singing comprises a learning environment of great relevance not only for the musical characteristics but also for the process of recognition of its members as individuals and as part of a whole. Through choral singing, as in other musico-educational practices, children and adolescents have the opportunity to broaden their cultural universes and deal with difference, enabling the development of new ways of thinking and acting in their daily lives. Therefore, this study has as its theme the musical education processes developed in the context of the Voices of Childhood Choir of the Municipal School of Art - Casa das Artes (EMA-CA) in the city of João Pessoa-PB. The Choir consists of children and adolescents between the ages of 10 and 15, involving students from the fifth to the ninth grade of municipal schools in João Pessoa and the community in general. Thus, this work has as general objective to identify and to understand the main conceptions around the musico-educative practices of the Choir Voices of Childhood. The specific objectives are to identify and understand: the main characteristics of the musician-formative practices of the Choir; the conceptions of choristers, teachers, directors and family members responsible for choristers; and the main relations between the musician-educational practices and the conceptions of the investigated subjects. The work is mainly based in the field of music education and related areas, such as education and sociology. The methodology was developed from a qualitative approach, outlined as a case study and based on bibliographical research, participant observation and interviews with choristers, relatives responsible for choristers, directors of the basic school in which students are part, music team and coordinator of EMA-CA. The procedures of organization and analysis of the data were conducted from the theoretical framework; description and analysis of coral activities; transcription and interview analysis; triangulation of information; and qualitative interpretative analysis. The results point to a collective construction based on the social interaction between choristers, allowing personal and group growth leading to the expansion of the world and to human formation. Thus, the work developed points to: 1) the perception of a diversified research panorama on musician-educational processes in choral singing, indicating the main contexts and epistemological dimensions that have built the main currents on the subject; 2) some interpretive possibilities of the reality of study from the theoretical perspectives on musical education as a human formation, based on ethics and cultural diversity, passing through aspects such as collective, individual and collective identity, as well as the production of meanings around from music; and 3) the perception of a formation structure in the Choral Voices of Childhood based on technical aspects about choral singing but permeated by social situations and possibly articulating interpersonal relationships and human formation. 4) the results point to the understanding of the main conceptions around the musician-educational practices based on the theoretical reference and the process of triangulation of the data involving the empirical knowledge, interviews dialoguing with the theoretical reference. We identified in the interviews conceptions that the choristers themselves formed around the choir like, the idea of belonging and the "we". In analyzing the speeches of the legal heads of the choristers I identified that the work developed in the choir and the changes in the behavior of the members were reflected in their homes. We noticed that there were positive changes in the behavior of its members, making it possible to broaden the world view through the mechanisms of social interaction developed in the choral environment, contributing to the process of human formation.

Keywords: musical education; children's choir; human formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Fluxograma das entrevistas	33
Figura 2 –	Atividade de "brechó" realizada com os(as) alunos(as) da EMA-CA.....	55
Figura 3 -	Momento de reunião da equipe da EMA-CA com os pais das crianças e adolescentes pertencentes ao projeto	57
Figura 4 –	Uma das primeiras apresentações do Coral Vozes da Infância	58
Figura 5 -	Reunião da equipe da EMA-CA	59
Figura 6 -	Dia de ensaio com os coralistas coordenados pela Maestrina Christiane Aves e o pianista Manoel Theophilo	59
Figura 7 –	Realização dos exercícios corporais	60
Figura 8 –	Exercícios vocais.....	61
Figura 9 –	Partitura da canção A Girafa do ciclo de canções "Jardim dos Animais" arranjada e transcrita por Manoel Theophilo e Christiane Alves	61
Figura 10 -	Equipe de música da EMA-CA: à esquerda Soraia Bandeira, Preparadora Corporal/Vocal; no centro Manoel Theophilo, Pianista colaborador e professor de Teoria Musical	63
Figura 11 -	Realização de uma das etapas do Teste de Seleção	67
Figura 12 –	Exercício de relaxamento conduzido pela preparadora corporal Soraia Bandeira	69
Figura 13 –	Partitura de Graus Conjuntos	71
Figura 14 –	Vocalizes por graus conjuntos	73
Figura 15 –	Realização do repertório musical utilizando, de forma lúdica, movimentos corporais	74
Figura 16 –	Partitura de Quinta em Canon	76
Figura 17 –	Trecho da partitura da canção "Os Escravos de Jó", de autoria anônima	77
Figura 18 –	Amarelinha Musical utilizada na pratica de musicalização	78
Figura 19 –	Ilustração dos exercícios de Manossolfa	79
Figura 20 -	Acolhimento das crianças guiado pela Coordenadora Amélia Nobrega	81
Figura 21 -	Apresentação realizada nas escolas	83
Figura 22 -	Plateia formada por crianças das escolas básicas para assistir o Coral	84
Figura 23 -	Apresentação do Coral Vozes da Infância juntamente com o grupo de Teatro da EMA-CA	85
Figura 24 -	Apresentação no Mosteiro São Francisco	85
Figura 25 -	Capa do CD <i>Marimbau</i> , de Fernando Pintassilgo.....	86

Figura 26 -	Carta relatando a vivência da Coralista C para gravação de uma canção em um estúdio de gravação	88
-------------	--	----

Cecapro	Centro de Capacitação dos Profissionais em Educação
IDEA	Encontro Internacional de Arte e Educação
DGC	Departamento de Gestão Cultural
EMA-CA	Escola Municipal de Artes – Casa das Artes
EMEF	Escolas Municipais de Ensino Fundamental
SP	São Paulo
Al	Aluno
GT	Grupo de Trabalho
FUNJOP	Fundação Cultural de João Pessoa
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
Sedec	Secretária de Educação e Cultura de João Pessoa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
O Coral Vozes da Infância em estudo: trilhando um caminho investigativo	20
1.1 O canto coral como universo de formação: principais abordagens investigativas	20
1.1.1 Abordagem de aspectos sociais	22
1.1.2 Abordagem de aspectos psicológicos	23
1.1.3 Abordagem de aspectos cognitivos	24
1.1.4 Abordagem de aspectos técnicos	25
1.1.5 Abordagem de aspectos sensório-motores	26
1.1.6 A transversalidade das perspectivas	27
1.2 Coral, infância e adolescência: relações entre práticas musicais e formativas.....	28
1.3 O processo metodológico da pesquisa.....	29
CAPÍTULO II	
O coro infantil à luz de uma educação musical para a formação humana.....	34
2.1 Música: Interação social para formação humana	35
2.1.1 O “nós”: música e coletividade	35
2.1.2 A construção do "nós" como sentido de pertencimento	37
2.1.3 Capital cultural como articulador das interações sociais	39
2.2 Música e sentido	42
2.3 Música e formação humana.....	44
CAPÍTULO III	
O ensino de música no Coral Vozes da Infância	Erro! Indicador não definido.
3.1 A Escola Municipal de Artes - Casa das Artes e as concepções de ensino	49
3.2. Estrutura da Escola Municipal de Artes - Casa das Artes	52
3.1.2 Local e instalações da EMA-CA	
3.2.2 Logísticas da EMA-CA	
3.3 Escola Municipal de Arte - Casa das Artes e o Planejamento Pedagógico	54
3.4 Reunião da EMA-CA com os responsáveis legais pelos coralistas	
3.5 O Coral Vozes da Infância	
3.6 Equipe de música e o trabalho pedagógico	63
3.7 Teste de seleção	64
3.7.1 Exercícios utilizados para deixar as crianças mais a vontade durante o teste de seleção	
3.7.2 Movimentos corporais associados aos exercícios de relaxamento durante o teste de seleção	69
3.7.3 Exercícios vocais coletivos para familiarizar os candidatos no momento do Teste de Vocalizes.....	70
3.8 Ensaios.....	Erro! Indicador não definido.
3.8.1 Exercícios para relaxamento e respiração	
3.8.2 Movimentos corporais como auxílio para o canto e musicalização	
3.9 Metodologia das aulas letivas.....	74
3.9.1 Atividades de improvisação coletiva	
3.10 Repertório	
3.11 Apresentações musicais.....	82
3.11.1 Apresentações nas Escolas Básicas da Rede Municipal de João Pessoa	
3.11.2 Apresentação no Mosteiro São Francisco	

- 3.12 Gravação no estúdio
- 3.13 Gravação do vídeo de natal
- 3.14 Passeio a praia: encerramento das atividades do ano letivo

CAPÍTULO IV

O Coral Vozes da Infância e o sentido de pertencimento Erro! Indicador não definido.

- 4.1 O Coral Vozes da Infância como uma segunda família.....91
- 4.2 Construção do "nós": Coral Vozes da Infância com segunda família.....91
- 4.3 Conquista de novas amizades.....94
- 4.4 Música e significado no Coral Vozes da Infância.....96
- 4.5 Formação humana e mudança de comportamento99
- 4.6 Funções educacionais do Coral Vozes da Infância101

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....111

REFERÊNCIAS113

APÊNDICES.....118

Apêndice A - Termos de Consentimento

Apêndice B - Roteiro de Entrevistas

ANEXO.....135

Ficha de Inscrição para o Projeto Escola Municipal de Arte - Casa das Artes

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta as reflexões em torno de um estudo desenvolvido com o Coral Vozes da Infância da Escola Municipal de Arte – Casa das Artes, situada na Estação das Artes (prédio anexo da Estação Ciências), na cidade de João Pessoa. O coral Vozes da Infância é formado por crianças e adolescentes na faixa etária entre 10 e 15 anos envolvendo estudantes do quinto ao nono ano de escolas do município de João Pessoa e comunidade em geral.

O Coral Vozes da Infância configura-se como uma atividade musical comumente descrita na literatura como promotora da congregação de pessoas, por ser uma atividade em conjunto, sendo classificada como um importante exercício de convívio social (ELLERY, 2003; AMATO, 2005; PEREIRA; VASCONCELOS, 2007). Por meio desta prática, indivíduos de diferentes classes sociais e de diferentes culturas integram-se e interagem entre si (AMATO, 2007).

Na década de 1930, uma vertente nacionalista de canto coral incorporou na cultura brasileira a música como meio de formação moral, cívica e intelectual. Um dos precursores desta abordagem foi o compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959), que implantou oficialmente no Brasil, a partir do Decreto Federal nº 19.890 de 18 de abril de 1931, estudos voltados ao canto coral ou “canto orfeônico” como uma matéria obrigatória para o ensino secundário, e três anos depois foi instituído o decreto nº 24.794 de 14 de julho de 1934, que estabelecia a obrigatoriedade do ensino do “canto orfeônico” em todos os estabelecimentos escolares, estendendo-se, também, ao ensino primário, numa perspectiva de desenvolver a educação partindo da base escolar a partir da integração social (LISBOA; KERR, 2005). No contexto da Paraíba, o canto orfeônico teve um movimento bastante significativo através de Gazzi de Sá, sendo ele o primeiro educador que sistematizou o ensino de música no Estado (SILVA, 2013).

O canto coral infantil constitui um relevante meio de aprendizagem, no qual as crianças, além dos aspectos musicais e vocais, aprendem a reconhecer-se como indivíduos e como parte de um todo. Através da interação social entre os coralistas são praticados o companheirismo e o respeito mútuo (AMATO NETO; AMATO, 2007).

Todos os cantores que compõem um coral se encontram na mesma posição de aprendizado, sempre em busca de realizações pessoais e grupais. Esse processo de integração surge da união de sentimentos voltados para uma ação artística coletiva. A cada ensaio, novos desafios vão sendo superados, a autoestima e o prazer de cantar vão crescendo, transformando

cada indivíduo em apreciador de sua arte. A disciplina, o estudo com afinco e dedicação também se incluem na perspectiva do canto coletivo (ELIAS; SCOTSON, 2012).

O papel da performance no ensino da música coral tem sido objeto de preocupação desde o início do movimento “coral a cappella” na América do Norte. Na década de 1920 e 1930, os corais dos Estados Unidos emergiam do ensino médio, refletindo ideais de colegiado eminente e de excelentes desempenhos de profissionais (FREER, 2010).

A prática coral, baseada nas problemáticas contemporâneas é pensada como estimuladora da valorização da performance do aluno através de sua expressão e subjetividade no desenvolvimento de qualidades como imaginação, criatividade, afetividade e integração social. Defende-se também que o saber dos alunos deve interagir com o conhecimento do professor, possibilitando uma maior interação das individualidades não só na construção musical e artística, mas também nos aspectos educativos, sociais e culturais (ROSA; OLIVEIRA, 2006).

Diversos estudos especificam os efeitos advindos do canto coral na infância. Fujioka *et al.* (2006) constataram que um ano de formação musical afeta o desenvolvimento de campos auditivos corticais em crianças, promovendo uma resposta mais rápida e clara no hemisfério esquerdo do cérebro. Já Skoe e Kraus (2012) evidenciaram que estímulos de áreas específicas do cérebro relacionadas com a música durante a infância são armazenados na idade adulta, corroborando o estudo de Kraus e Chandrasekaran (2010), que constatou que a música é um agente positivo na melhora da neuroplasticidade.

O contexto em que o indivíduo está inserido torna-se matéria informante sobre a vida deste, nele, o conhecimento comum e o conhecimento científico podem unir-se para um entendimento integral do indivíduo, analisando os campos de ações que faz parte de sua vida cotidiana. Neste sentido, Pais (2003) destaca que:

Tanto os contextos dos indivíduos como os analíticos regulam distintos campos de acção. Os primeiros aparecem associados a condutas comportamentais correntes, a práticas quotidianas (do dia a dia). Os segundo aparecem associados a práticas científicas. Os contextos dos indivíduos remetem para formas elementares do conhecimento comum; os contextos analíticos, para formas elaboradas ou conceptualizadas de conhecimento científico. Em sociologia da vida quotidiana, os contextos dos indivíduos podem (tal como os observamos ...) ser tomados como matéria informante dos contextos analíticos desde que, à partida, se desmarquem as suas distintas naturezas (PAIS, 2003, p. 122)

Durante um ensaio de um coral vários fatores podem ser observados, como a interação entre os coristas, a relação do cantor com a música, a reflexão sobre os textos do

repertório e a própria voz compartilhada entre os integrantes. Como diz Amato (2007), o canto coral é muito importante para integração social, reunindo pessoas de classes sociais e culturais muitas vezes distintas, unidas pelo prazer de cantar e apreciar a sua arte.

Um estudo apresentado na revista *Chorus America* (2009, p. 4) afirma que 93% dos estudantes participantes de coral melhoraram sua participação em outros grupos; 92% tornaram-se mais sociáveis; 89% tornaram-se mais envolvidos com sua comunidade; 86% conseguiram compreender melhor outras situações, 74% aprenderam a ter mais domínio de suas emoções. Com isso, esta pesquisa nos mostra a influência do canto coral sobre o comportamento social e psicológico dos integrantes.

De acordo com Queiroz (2005), a música configura-se como um sistema que se estabelece a partir do que a própria sociedade considera significativo de acordo com o contexto em que as pessoas estão inseridas, transcendendo aspectos estruturais e estéticos. Uma abordagem socioeducativa também pode ser percebida nos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, sendo eles igualmente trabalhados no canto coral. São eles:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais [...] (BRASIL, 1997)

Portanto, o canto coral configura-se em um ambiente no qual os Parâmetros Curriculares estão sendo abordados em seus ensaios, pois é um ambiente de práticas coletivas que possui uma prática intensa de integração social, visando o respeito a diversidade e unindo seus diversos integrantes em uma mesma prática musical, chegando a desenvolver, por alguns corais, um repertório contendo vários idiomas e culturas diferentes.

Nos últimos dois séculos, uma das principais aspirações dos estudiosos de diversos campos do conhecimento tem sido a compreensão da cultura como forma de entender o indivíduo, buscando compreender suas diversidades e suas relações sociais para então compreender o ser humano (QUEIROZ, 2005, p. 51).

A educação musical apropria-se da ideia do relativismo cultural, tendo a música como resultante e produtora de construções socioculturais. Desta forma, a música deve ser estudada como um processo e não apenas como um produto pois a educação musical acontece em vários contextos, podendo eles serem formais ou informais (ARROYO, 2002).

Queiroz (2013) afirma que a escola é um ambiente influenciado pela cultura, ao mesmo tempo em que é geradora da cultura, podendo influenciar diretamente a inserção da música na sociedade como expressão humana e cultural. A música presente na escola é parte do diálogo com as músicas do contexto de vida do aluno.

Segundo Bowman (2014, p. 4), a palavra ‘música’ dá nome ao conjunto de práticas humanas que é tremendamente poderoso e diverso, podendo servir tanto para fins desejáveis ou indesejáveis. Isto vai depender de como será utilizada permitindo, ou não, que os seus praticantes prosperem. Sendo assim, o valor atribuído a ela dependerá o fim de para qual ela será utilizada.

Existem inúmeras práticas que contribuem para a formação humana, o ambiente que cada um está inserido pode favorecer nesta construção. Bowman (2014, p. 6) afirma que “[...] As músicas são práticas altamente distintivas que nos envolvem mais profundamente e mais poderosamente do que muitas outras”. Ele acredita que devemos nos voltar em defesa de sua importância educacional. Sendo assim, a música e o seu valor atribuído pode ser uma ferramenta extremamente importante para a formação de seres humanos mais sensíveis ao outro.

No processo de formação humana cada sujeito procura formas de se relacionar com o ambiente que o cerca mantendo uma relação constante entre seus saberes já construídos com os novos conhecimentos que vão sendo incorporados. Deste modo, a prática musical, a exemplo do canto coral, ao fazer parte, de forma regular, do ambiente em que o sujeito se encontra inserido, ela pode favorecer no processo de formação humana.

Este estudo foi motivado por minha percepção primeiramente como coralista, pois, ainda na adolescência, comecei minha carreira musical em 1999, cantando em um coral da Universidade Federal de Campina Grande chamado Coro em Canto, com a regência de Lemuel Guerra, pessoa que me inspirou e sempre me inspira em minha vida, neste coro tive grandes ensinamentos e grandes amigos que levarei para o resto de minha vida. E posteriormente pude atuar como regente do Coral Vozes da Infância desde 2015, percebendo como profissional que, com a convivência e a experiência do fazer musical, as sensibilidades e os pensamentos críticos não só das crianças e jovens coralistas, mas também da própria equipe que compõe um coral podem se tornar mais aguçados, promovendo uma maior

reflexão sobre sua importância para sociedade e para a formação humana. Acredito que, através do canto coral, a criança e o jovem passa a ter a oportunidade de ampliar o seu universo cultural, mostrando que o objetivo do coro não se remete apenas à atividade musical. Entendo que o coro também envolve características éticas e as diversidades culturais que passam a interagir naquele ambiente, contribuindo para a formação de sujeitos mais sensíveis e conscientes do mundo em que vivem, tornando-os capazes de desenvolver formas alternativas de pensar e agir em sua vida cotidiana.

Este estudo foi pensado em torno do processo de formação humana a partir de uma abordagem sob a ótica da educação musical em um coral infanto-juvenil, norteando-se pelo seguinte problema de pesquisa: Quais são as principais concepções em torno das práticas músico-educativas do Coral Vozes da Infância da Escola Municipal de Arte, em João Pessoa-PB?

Diante desse problema de pesquisa, este trabalho tem como objetivo geral apresentar e discutir as principais concepções em torno das práticas músico-educativas do Coral Vozes da Infância. Nesse direcionamento, a dissertação tem como objetivos específicos refletir sobre: as principais características das práticas músico-formativas do Coral; as concepções dos coralistas, dos professores da equipe de música do Coral Vozes da Infância e da Coordenadora Geral da Escola Municipal de Arte – Casa das Artes (EMA-CA), dos diretores das escolas contempladas pela EMA-CA e dos familiares (responsáveis legais) dos coralistas em relação ao Coral Vozes da Infância; e as principais relações entre as práticas-músico formativas e as concepções dos sujeitos investigados.

Este trabalho tem se fundamentado principalmente no campo da educação musical e áreas afins, como educação e sociologia, destacando-se as perspectivas teóricas de Bourdieu (1984, 1989, 1992 e 2007), Bowman (2007, 2014) e Queiroz (2005, 2013). O processo investigativo teve como principal delineamento metodológico uma abordagem qualitativa, conduzido como estudo de caso, cujos instrumentos de coleta de dados foram: pesquisa bibliográfica; pesquisa documental; observação participante, utilizando os registros em texto, áudio, vídeo e fotografias que foram produzidos durante o ano em que esta pesquisa de campo aconteceu; e entrevistas que foram realizadas com coralistas, professores, diretores e familiares envolvidos com o Coral Vozes da Infância. Os instrumentos de organização e análise dos dados foram: constituição do referencial teórico; análise documental (análise de conteúdo); organização e categorização dos registros em textos, áudios, vídeos e fotografias; transcrição e análise das entrevistas; e triangulação das informações.

No intuito de apresentar as reflexões produzidas, este trabalho se estrutura em quatro capítulos. O Capítulo I apresenta uma revisão bibliográfica baseada fundamentalmente em estudos brasileiros sobre canto coral no campo da educação musical, destacando as principais abordagens investigativas e reflexivas sobre o assunto. Ainda, no primeiro capítulo, discuto a condução do processo metodológico do estudo. No Capítulo II apresento uma discussão sobre o processo de formação humana a partir de perspectivas teóricas da Educação Musical e da Sociologia, buscando compreender como ocorre este processo em grupos corais. O Capítulo III traz uma breve apresentação sobre o que é a Escola Municipal de Artes – Casa das Artes descrevendo sua história com ênfase maior para as atividades de ensino de música através do Coral Vozes da Infância e suas dimensões sócio-pedagógicas. O Capítulo IV, apresenta os resultados das entrevistas, articuladas às informações resultantes das observações, ao estado da arte sobre o assunto e ao referencial teórico discutido anteriormente fazendo o processo de triangulação das informações.

CAPÍTULO I

O Coral Vozes da Infância em estudo: trilhando um caminho investigativo

Este capítulo discute algumas perspectivas em torno do ensino e aprendizagem da música em corais buscando refletir sobre a realidade empírica e metodológica das o Coral Vozes da Infância neste contexto. A partir da revisão de literatura empreendida em torno dos estudos brasileiros sobre canto coral no campo da educação Musical, apresento e discuto as principais categorias produzidas nos processos de análise, destacando abordagens que entendo como suficientes para a compreensão geral da literatura estudada, para a contextualização do estudo e para a construção dos caminhos metodológicos.

1.1 O canto coral como universo de formação: principais abordagens investigativas

A produção contemporânea de conhecimento no campo da educação musical vem apresentando uma diversidade de temas e abordagens que representam as múltiplas formas de relação do homem com a música. Neste contexto, a literatura brasileira que aborda o canto coral nesta última década representa parte significativa destas diferentes perspectivas. Ao analisar a literatura sobre o tema, encontramos correntes de trabalho bastante próximas do que Beineke (1999) destaca em relação às propostas de ensino da música na contemporaneidade:

A construção de uma nova proposta de ensino da música envolve discussões amplas e complexas, por englobar diversos campos de conhecimento, refletindo um conjunto de valores sobre a importância da música e da educação, a visão histórica, a perspectiva psicológica das teorias de ensino e aprendizagem, a visão das funções sociais da escola, da sociedade e da música, além de princípios teóricos e práticos que orientam a abordagem curricular (BEIKENE, 1999, p.1)

Embora Beineke (1999) trate fundamentalmente da construção de novas propostas para o ensino de música, entendemos que as categorias apresentadas por ela, relacionadas à música em diversas faces, podem ser pensadas no campo específico do canto coral. Nos trabalhos sobre o canto coral há certa tendência em discutir aspectos como valores e perspectivas históricas, psicológicas, sociais, teóricas e práticas em torno da música.

Adicionalmente, encontramos perspectivas sobre a educação musical de forma mais geral que são refletidas na literatura específica sobre o canto coral, dentre as quais destacamos a evidente diversidade de contextos sociais em que a música está envolvida, discutidos em

trabalhos como os de Queiroz (2013), Penna (2015), Souza (2008) e Arroyo (2002). Estes trabalhos nos evidenciam que há processos de ensino e aprendizagem de música na vida cotidiana do indivíduo como, na rua em que mora, no convívio com os amigos, na mídia, sendo os espaços formais mais um destes contextos musicais.

Diante desta conjuntura, entendemos que o canto coral pode ser pensado como um espaço onde se pode observar seu desenvolvimento por diversos olhares, sejam culturais, sociais, psicológicos, técnicos, entre outros. Assim, buscando compreender as principais perspectivas da literatura nacional sobre o canto coral, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de possibilitar uma compreensão mais aprofundada sobre o tema, buscando ir “além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 44) e procurando obter uma aproximação crítica dos significados neles existentes. Este capítulo foi desenvolvido sobre as teses e dissertações publicadas nos últimos dez anos nos programas de pós-graduação em música subárea Educação Musical. Nesta conjuntura, procurei investigar as diversas abordagens no campo da educação musical em torno do canto coral como universo de formação, buscando compreender contextos e dimensões epistemológicas que têm construído as principais correntes sobre o assunto.

Ao abordar a literatura estudada, pudemos perceber cinco categorias de abordagem para o canto coral: 1) abordagem de aspectos sociais, envolvendo trabalhos que discutem as interações sociais no espaço coral e do desenvolvimento social a partir delas; 2) abordagem de aspectos psicológicos, com trabalhos ligados ao desenvolvimento psíquico, como a motivação e empatia; 3) abordagem de aspectos cognitivos, compondo perspectivas investigativas ligadas à faculdade ou processo de aquisição de conhecimentos; 4) abordagem de aspectos técnicos, com trabalhos voltados para observação ou criação de técnicas aplicadas ao canto coral, como técnicas de ensaios, técnica vocal, técnica de respiração, entre outros; 5) abordagem de aspectos sensório-motores, com foco principal em discutir o desenvolvimento sensório-motor e o desenvolvimento e percepção do corpo no ato de cantar.

Tais perspectivas também se aproximam das abordagens epistemológicas da educação musical descritas por Kraemer (2000), destacando proximidades com os campos da sociologia, psicologia, filosofia entre outras. Tais dimensões são explicitadas destacando que a educação musical, nomeada por Kraemer (2000) de pedagogia da música, ocupa-se das relações entre pessoas e música(s), configurando-se como um campo que contempla a música, compartilhando-a “com as disciplinas chamadas ocasionalmente de ciências humanas, filosofia, antropologia, pedagogia, sociologia, ciências políticas, história” (KRAEMER, 2000, p. 52).

Nota-se que todos estes aspectos se caracterizam por refletirem diferentes olhares sobre a relação do indivíduo com a música, devendo-se salientar que tais aspectos foram percebidos também durante a categorização das teses e dissertações. Assim, destaco que as abordagens apresentadas aqui representam uma diversidade de olhares sobre as relações humanas mediadas pela música em processos de ensino e aprendizagem, configurando-se como uma parcela ainda superficial da realidade vivida pelos sujeitos estudados.

1.1.1 Abordagem de aspectos sociais

No que diz respeito aos trabalhos com foco maior na abordagem de aspectos sociais, é possível perceber olhares investigativos próximos dos estudos da sociologia, buscando entender os sujeitos em sociedade, compreendendo sua integração e suas relações sociais com o meio e com o outro por meio da música. Assim, no campo da educação musical, este aspecto consiste em abordar a relação da (s) pessoa (s) com a música no intuito de entender como tais relações se vinculam aos lugares sociais e experiências de com a música, observando o comportamento social, cultural e educacional.

As dimensões epistemológicas destes estudos apontam para perspectivas sobre a música como um agente impulsionador para a promoção das interações sociais. Assim, o coral é entendido como um espaço onde podemos observar tais interações, pois, por sua característica de coletividade, apresenta-se como local de convívio regular entre os integrantes, onde é possível perceber o convívio social, a integração entre os coralistas e profissionais da música responsáveis pelas realizações dos ensaios.

Diante dessas perspectivas, as características das práticas de ensino e aprendizagem nos contextos dos corais são compreendidas à luz de suas dimensões sociais. É possível perceber perspectivas voltadas para as relações entre aspectos trabalhados no coral e sua contribuição para sensibilidade social e musical de forma integral com foco especial nas dimensões comportamentais. Nesse contexto, é possível destacar o trabalho de Limeira (2016), discutindo as relações entre a percepção musical na prática coral e sua contribuição para uma sensibilidade social e musical do corista. Limeira (2016), tendo como universo de estudo o coral de uma instituição federal na cidade de Feira de Santana (BA), observou o desenvolvimento da percepção rítmica, da percepção melódica e da percepção harmônica dos coralistas, buscando compreender relações com o desenvolvimento emocional e social dos coralistas, bem como sua integração social no grupo.

Outro trabalho que pode ser destacado aqui é o de Fonseca (2016), que buscou compreender as interações que acontecem na aprendizagem musical da prática coral em um programa social. A autora observou que a integração social entre coristas acontecia no coro e se estendia também para outros ambientes como o pátio, locais de apresentação pública, dentre outros lugares. Segundo ela, os aprendizados que eram vivenciados dentro do coral não se resumiam a conteúdos musicais, pois as interações aconteciam naturalmente e eram absorvidas para além dos ensaios, transcendendo para a vida diária.

Trabalhos como os discutidos acima contribuem para a reflexão sobre o coral como um espaço de interações sociais com o foco voltado para o social. Sendo assim, o aspecto de abordagem social apresenta ligações com as perspectivas da formação humana na educação musical. Entretanto, tais abordagens contribuem para a compreensão do canto coral com aspectos sociais, porém existem poucos trabalhos publicados. Sendo necessário um direcionamento maior em futuras pesquisas.

1.1.2 Abordagem de aspectos psicológicos

Outra categoria percebida nos estudos analisados diz respeito à abordagem de aspectos psicológicos, focados em compreender as dimensões psíquicas presentes nas relações entre os indivíduos e a música. Kraemer (2000) descreve a psicologia da música como a responsável por investigar o comportamento musical e as vivências humanas, e partindo do conceito da psicologia geral, ele destaca que:

A psicologia ocupa-se com processos e estados psíquicos, seus contextos, condições e resultados. Na visão psicológica geral, questiona-se sobre os contextos ligados a regras de comportamento e as vivências humanas, como elas vigoram para (quase) todos os seres. [...] A psicologia da música investiga o comportamento musical e as vivências musicais. São analisadas semelhanças e diferenças observáveis do comportamento e da vivência musical, desenvolvimento musical e a influência do meio social no comportamento musical (KRAEMER, 2000, p. 55,)

Assim como na psicologia da música, explanada por Kraemer (2000), o coral é percebido em alguns trabalhos como um espaço de vivência musical onde se pode trocar experiências musicais, pessoais e relacionais. Nestes contextos, são observados os estados psicológicos provocados pelo canto coral nos integrantes e como estes estados podem mudar o comportamento de seus integrantes. Assim, compreende-se a música nas práticas corais como elemento de promoção de experiências significativas relacionadas a estados psicológicos, vendo que cada membro do coral exerce uma função que, ao interagir com o

outro e com a música, podem gerar estados psicológicos diferentes como a empatia e motivação.

Dentre tais contextos reflexivos, podemos destacar aqui o trabalho de Kohlrausch (2015), que investiga a motivação de coralistas para participar de uma atividade coral de extensão universitária. Os resultados deste estudo revelam que os coralistas nem sempre buscam participar das atividades corais com interesse na atividade em si, mas em aspectos relacionados as buscas e perspectivas de interesse próprio, como alguém que está procurando se encontrar. Em suas interpretações sobre os resultados, Kohlrausch (2015) destaca que a prática coral pôde trazer aos cantores maior clareza quanto à compreensão de si mesmos, algo que talvez não fosse possível na rotina do dia a dia. Deste modo, é possível perceber que as relações entre coralistas e a música é algo que transforma a vida dos participantes, dando-lhes maior motivação e esta, por sua vez, é o fator que liga o coralista mais fortemente à atividade desenvolvida.

1.1.3 Abordagem de aspectos cognitivos

De forma próxima à categoria anterior, encontramos trabalhos voltados para a abordagem de aspectos cognitivos na compreensão das práticas do canto coral. Em tais perspectivas, as relações de ensino e aprendizagem em torno da música são pensadas a partir do entendimento de dimensões do saber em torno da consciência, baseadas em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças. Nesta abordagem, as concepções de música e do canto coral giram em torno das suas relações com o desenvolvimento de processos cognitivos.

Preston e De Waal (2002, *apud* Branco, 2010) jugam que algumas expressões são captadas pelo observador através da ativação automática de suas representações neurais. Segundo Duarte (2008), essas representações foram denominadas por Giacomo Rizzolatti¹ de “neurônios espelho”, neurônios responsáveis por codificar no cérebro de um sujeito (observador) um mesmo movimento executado por outra pessoa sobre os olhos deste (espelhamento), fazendo com que esse possa replicar tal gesto ou sinal. Preston e De Waal (2002, *apud* Branco, 2010) compreende que apesar dessas respostas do observador surgirem de forma automática, esse sujeito não exime suas ações de controle e modulação cognitivas e de sua experiência prévia.

¹ Giacomo Rizzolatti, nasceu em Kiev no dia 28 de abril de 1937, é um neurofisiologista italiano. Descobriu os chamados *neurônios espelho* que ficam ativos durante a observação de uma ação.

Nessa direção, destacamos aqui o trabalho de Branco (2010), que discutiu o aspecto cognitivo através da empatia, apontando para a presença de empatia dos cantores com o regente durante a prática musical. Através da identificação de episódios de empatia em gravações audiovisuais de ensaios corais, Branco (2010) notou que os coralistas interagiam de acordo com os gestos e expressões faciais do regente e reagiam conforme sua compreensão, dando-lhes significado musical e muitas vezes corporal, chegando a imitar os próprios gestos do regente. Tais expressões nem sempre tinham relação com os gestos da regência em si, mas eram compreendidos e assimilados pelos integrantes do coro, apontando para algum grau de compreensão musical expressado corporalmente.

1.1.4 Abordagem de aspectos técnicos

No que diz respeito à abordagem de aspectos técnicos, constatamos que a literatura nacional é escassa quando relacionado a corais infanto-juvenis. No cenário internacional este tema já é mais investigado e, conseqüentemente, há mais métodos de técnica vocal voltados para este público. Como exemplo de um trabalho voltado para o canto coral infantil, utilizando método criado pelo maestro americano Henry Leck, temos o trabalho de Rheinboldt (2014), que descreve a aplicação do método na realidade brasileira no coral do Instituto Baccarelli o “Coral da Gente”, sendo a própria maestrina a realizadora desta pesquisa.

Uma parte significativa de textos encontrados e catalogados tem como foco principal fatores ligados ao ensino e a aprendizagem da técnica vocal e às técnicas de ensaio, como nos trabalhos de Silva (2017), Rheinboldt (2014), Hauck-Silva (2012) e Batista (2011). A técnica vocal é uma atividade que deve estar presente em toda atividade coral, por fazer com que o cantor realize o repertório com um bom resultado sonoro com menos esforço físico de forma saudável. A literatura evidencia que os regentes de corais precisam dominar a técnica vocal para que possam atingir o resultado vocal e musical satisfatório.

Nessa direção, Rheinboldt (2014) afirma que a técnica vocal é indispensável nos ensaios do coro, pois as pregas vocais são musculaturas que devem ser aquecidas antes de praticar o canto:

O canto é uma atividade física e, assim como qualquer esportista que faz alongamentos antes de se exercitar, o cantor também deve aquecer sua musculatura fonatória para a prática do canto. Em relação ao auxílio no estudo e montagem do repertório, vocalizes podem ser derivados do repertório para sanar dificuldades - melódicas, harmônicas, rítmicas, vocais etc. - encontradas nas peças (RHEINBOLDT, 2014, p.5).

Deste modo, a técnica vocal é destacada como imprescindível para um ensaio coral, pois, para além da questão motora, com tais atividades pode-se também resolver vários problemas referentes às habilidades vocais e musicais do coralista, sendo, também, uma ferramenta que auxilia os regentes tornando mais fluida a passagem do repertório.

Dentro desta perspectiva de discussão sobre aspectos técnicos, existe uma grande preocupação com a formação de regentes e/ou preparadores vocais para corais infantis. Hauck-Silva (2012), por meio de uma pesquisa-ação, discute a formação do estagiário em preparação vocal de um coro. Esta pesquisa aborda o desenvolvimento técnico vocal de dois corais da cidade de São Paulo e discute a técnica vocal destacando que na preparação vocal de um coro é importante empregar diversos saberes, habilidades e ferramentas para que se tenha um bom resultado vocal e educativo.

Já Silva (2017), ao observar o ensino e a aprendizagem da técnica vocal em coros amadores a partir da concepção de regentes e coralistas, compreende a técnica vocal a partir da teoria de aprendizagem humana, de Knud Illeris (2013)². O autor faz uso dos componentes sugeridos por Illeris (componentes cognitivos, afetivos e sociais da aprendizagem) e, a partir destas dimensões, percebe que a atividade de técnica vocal que acontece no ambiente coral, é também transportada para a vida de seus integrantes. A pesquisa mostra é que, apesar dos diferentes espaços em que os corais investigados encontram-se, há afinidades nas compreensões da técnica vocal e sobre o ensino e aprendizagem desta atividade na prática coral amadora, na qual, muitas vezes este conteúdo mistura-se com outros conteúdos ditos como específicos.

1.1.5 Abordagem de aspectos sensório-motores

Outra categoria percebida nas análises empreendidas diz respeito à abordagem de aspectos sensório-motores, que apresentam investigações voltadas principalmente para abordagens relacionadas à anatomia do sistema fonador nos contextos de aprendizagem no canto coral. Nesta perspectiva, Roberty (2016) faz um estudo sobre a voz infantil no contexto do ensino regular brasileiro com o objetivo de medir a extensão vocal mais utilizada por crianças entre oito e onze anos de idade.

Durante a pesquisa, as crianças eram levadas a cantar músicas sem nenhum tipo de referências melódicas. A nota que se iniciava a canção era anotada para em seguida comparar

² ILLERIS, Knud. Uma compreensão abrangente sobre a aprendizagem humana. In: _____. (Org.). Teorias Contemporâneas de Aprendizagem. Porto Alegre: Penso, 2013.

com as demais coletas. Os resultados encontrados sugerem que existem dificuldades em atingir determinadas notas e isto talvez aconteça pela falta de hábito de cantar. A pesquisa demonstra que as tonalidades que as crianças escolhem cantar encontram-se numa região muito grave para voz cantada.

Os trabalhos desta categoria evidenciam perspectivas analíticas e interpretativas relacionadas com preocupações semelhantes às dimensões técnicas, mas com foco específico nas concepções e percepções de regentes, professores e cantores em relação ao uso da voz e do corpo.

Estas preocupações são importantes para nos levar a compreender melhor as possíveis implicações metodológicas no trabalho específico com a formação musical nestes contextos. Assim, também se evidencia a necessidade de estudos mais profundos em relação aos aspectos sensório-motores na aprendizagem musical que têm como contexto os corais.

1.1.6 A transversalidade das perspectivas

Diante das discussões aqui apresentadas, é importante destacar que nem todos os trabalhos encaixam-se em apenas uma categoria e que elas foram aqui estabelecidas a partir de um foco mais evidente em cada um deles. Alguns trabalhos não foram destacados em uma categoria por serem fundamentalmente transversais.

Para compreensão de alguns temas, os autores são levados a interpassar por diversas áreas de conhecimento. Existem trabalhos da educação musical ligados à sociologia que precisam embeber-se da psicologia, como é o caso do trabalho de Moraes (2015), na qual, para se ter uma compreensão mais aprofundada em torno da ideia de formação humana, buscou o olhar da psicologia e da sociologia para identificar as práticas educativas musicais e humanas desenvolvidas por um regente educador dentro da prática coral.

Como um exemplo relevante neste aspecto, destacamos também a pesquisa de Andrade (2015), que buscou compreender concepções, conteúdos e metodologias de ensino e aprendizagem que caracterizam a formação musical no Projeto “Um Canto em Cada Canto”. Andrade (2015), considerando as particularidades socioculturais do contexto de estudo e partindo do olhar dos sujeitos envolvidos na proposta educativa, pôde perceber como as formas de relação dos indivíduos com a música e como o trabalho desenvolvido pelo projeto levam à formação humana.

Ainda dentro desta transversalidade, Costa (2017) discutiu a necessidade de uma atitude transdisciplinar por parte dos docentes de canto, afirmando que é preciso um estudo

que envolva uma visão ampla sobre a voz e o ensino de canto. Deste modo, para compreender o canto, o indivíduo precisa apropriar-se de várias áreas de conhecimento com o intuito de conhecer melhor a voz. Assim, Costa (2017) aponta que, para formação de um cantor e professor, não se pode falar apenas de técnica vocal e repertório, pois para aprofundar-se no ensino do canto, o cantor e professor precisa saber sobre anatomia vocal, sobre fatores psicológicos que podem influenciar o canto e fatores sociais que venham a influenciar o cantor no ato de cantar, entre outros aspectos.

Tais perspectivas transversais estão alinhadas com as tendências contemporâneas de produção de conhecimento em educação musical, evidenciando a necessidade de, a partir de cada realidade de estudo, produzir um conhecimento que englobe as suas necessidades e características. No caso específico do canto coral infanto-juvenil, todas as abordagens anteriormente discutidas são importantes para uma compreensão profunda das realidades estudadas.

Este estudo destacou categorias que representam perspectivas diversificadas sobre processos músico-educativos em canto coral, indicando-nos os principais contextos e dimensões epistemológicas que têm construído as principais correntes sobre o assunto. É importante termos em mente que tais categorias são importantes para uma compreensão das múltiplas realidades de canto coral infanto-juvenil.

Por fim, ainda que diante desse reconhecimento de que a literatura coral produzidas nestes últimos dez anos, ainda carece de novos trabalhos, é importante destacar os trabalhos que analisaram as características comportamentais das práticas corais, evidenciando-as como elementos de transformação social com foco no comportamento. Acredito na necessidade de ressignificar tais focos, no intuito de ampliar e aprofundar nossas concepções em torno da prática coral, com resultados investigativos mais profundos em aspectos sociais, humanos, cognitivos, psicológicos, culturais, técnicos, sensório-motores *etc.*

1.2 Coral, infância e adolescência: relações entre práticas musicais e formativas

Segundo Nascimento e Arroyo (2008, p. 2), a música sempre esteve presente na vida cotidiana das crianças e adolescentes, contribuindo para a formação de identidades e, assim, influenciando seu modo de “pensar, agir e ser”. Dessa forma, não se pode separar a sociedade da música, pois são vários os momentos em que se pode observar, dentro do cotidiano das crianças e adolescentes, o processo de imersão desses grupos etários em diversos contextos

musicais, seja em festas, cerimônias religiosas, encontra com amigos ou até mesmo sozinho em casa (BRASIL, 1997, p. 118).

O contato com vários estilos em diversos contextos possibilita a criação de um repertório musical diversificado, dando aos jovens um leque de opções para que criem seus próprios gostos e personalidade musical. Costa (2009, p. 84) observou vários efeitos positivos que o coral proporciona na vida dos adolescentes participantes, afirmando que prepara seus integrantes para atuar na sociedade, exercitando princípios de solidariedade, confiança, companheirismo e harmonia em grupo.

O Coral Vozes da Infância é formado por crianças e adolescentes de 10 a 16 anos. Nessa fase, os indivíduos encontram-se em processo de mudanças que envolvem não só características físicas (alterações hormonais) como também psíquicas (emocionais). Tais mudanças, muitas vezes, provocam uma necessidade nos jovens de se afirmarem como indivíduos detentores de uma personalidade própria. Diante disso, o Coral pode se tornar um ambiente seguro e saudável para estruturar tais mudanças e permitir que ocorram de forma tranquila.

A partir de certa idade, a criança começa a sofrer mudanças físicas com crescimento acelerado, apresentando mudanças no peso, altura e formas corporais. Essas modificações físicas anunciam o início da puberdade e são parte de um longo e complexo processo de maturação que inicia antes mesmo do nascimento e percorre a vida adulta (PAPALIA; OLDS, 2004, p.312).

Alguns autores evidenciam que não são apenas as alterações hormonais presentes na adolescência que irão constituir as características individuais destes sujeitos, mas fatores ambientais (BUCHANAN *et al. apud* PAPALIA; OLDS, 2000, p. 442) e os grupos sociais nos quais os adolescentes estão inseridos também (BROOKS-GUNN; REITER *apud* PAPALIA; OLDS, 2000, p. 442). Assim, podemos elencar a importância da inserção dos adolescentes em ambientes saudáveis e seguros, que priorizem o respeito e a abertura ao diálogo.

1.3 O processo metodológico da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, envolvendo aspectos da realidade que não podem ser quantificados. O processo investigativo buscou a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais e o trabalho no universo de aspirações, motivos, ideologias, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001, p. 14), além

de descrever as características de uma determinada população (GIL, 2008, p. 28), que nesse caso é composta pelos envolvidos no Coral Vozes da Infância.

Diante disto, esta pesquisa consiste de um estudo de campo, cujo universo abordado foi um coral infanto-juvenil. Tal estudo possibilita uma abordagem investigativa bastante utilizada nas áreas da Antropologia, Sociologia e Educação, sendo desenvolvido por meio da observação direta das atividades do grupo em estudo e de entrevistas individuais, que pode estar relacionada à análise de documentos filmagens, fotografias, áudios, dentre outros (GIL, 2008, p. 114).

O Coral Vozes da Infância possui uma equipe interdisciplinar composta por preparadora vocal/maestrina, professor de teoria musical, pianista, preparadora corporal e vocal, psicóloga, coordenadora pedagógica, visando uma melhor qualidade de ensino musical e humanização. Os ensaios ocorrem duas vezes por semana, com duas horas de duração cada, durante o período do ano letivo das escolas municipais. Neles, estão presentes maestrina/preparadora vocal, preparadora corporal/vocal e pianista.

O Coral Vozes da Infância é formado por crianças e adolescentes com faixa etária de 10 a 15 anos que são incluídos neste coral por meio de um teste de seleção, cuja dinâmica será explicada posteriormente. Todos os participantes do universo de estudo e seus respectivos responsáveis foram orientados sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos. Aliado a isso, os responsáveis pelos coralistas assinaram um termo de consentimento e uma autorização de uso de voz e imagem. Os profissionais também tiveram que firmar um termo semelhante, (ver Apêndice A).

A coleta/produção dos dados ocorreu durante todo período letivo da EMA-CA, entre abril de 2017 e janeiro de 2018 no qual foram contempladas para fazer parte do Coral Vozes da Infância alunos de cinco escolas básicas da rede municipal de João Pessoa. Os critérios de seleção destas escolas serão abordados no capítulo seguinte. A coleta consistia de todos os relatos e constatações que eram anotadas em diário de campo. Neste período, foram realizadas a observação participante das atividades e foram conduzidas entrevistas semiestruturadas de forma individual com os coralistas, os responsáveis legais pelos coralistas, a equipe de música constituída pelo pianista/professor de teoria musical e pela preparadora corporal/ vocal, a coordenadora da EMA-CA e os diretores de cada escola básica contemplada pelo Coral Vozes da Infância, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Temporização da realização das entrevistas			
	Nome	Data	Turno
Coralistas	Coralista A	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista B	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista C [†]	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista D	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista E	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista F	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista G [†]	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista H	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista I	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista J	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista K	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista L	26/ 10/ 2017	Tarde
	Coralista M [†]	26/ 10/ 2017	Tarde
Familiar Responsável Legal pelo Coralista	Responsável pelo Coralista A	09/ 02/ 2018	Manhã
	Responsável pelo Coralista B	28/ 02/ 2018	Tarde
	Responsável pelo Coralista D	07/02/ 2018	Tarde
	Responsável pelo Coralista E	30/ 01/ 2018	Tarde
	Responsável pelo Coralista F	24/ 10/ 2017	Tarde
	Responsável pelo Coralista H	25/ 01/ 2017	Tarde
	Responsável pelo Coralista J	26/ 01/ 2018	Tarde
	Responsável pelo Coralista K	07/02/ 2018	Manhã
	Responsável pelo Coralista L	22/ 12/ 2017	Tarde
Diretores das Escolas contempladas pelo Coral Vozes da Infância	EMEF Anita Trigueiro do Valle (Diretora T)	26/ 02/ 2018	Manhã
	EMEF Gal Ângelo Francisco Notare (Diretor F)	10/ 03/ 2018	Manhã
	EMEF Apolônio Sales de Miranda (Diretora A)	19/ 01/ 2018	Tarde
	EMEF Luiz Augusto Crispim (Diretora C)	19/ 01/ 2018	Manhã
Coordenadora Geral EMA-CA	Amélia Nobrega	04/ 12/ 2017	Manhã
Equipe de Música do Coral Vozes da Infância	Soraia Bandeira	25/ 10/ 2017	Tarde
	Manoel Theophilo	18/ 12/ 2017	Tarde

Nota: [†] Os Responsáveis legais pelos Coralistas C, G e M não foram entrevistados pela indisponibilidade de horários.

Para efeitos de entendimento, cada grupo foi estudado com os seguintes objetivos:

1. Investigar o interesse pela música, as relações sociais, no sentido de integração social, entre os colegas do coral e a equipe de música e possíveis mudanças que o coral proporcionou em suas vidas.
2. Entender os modos de afetação do coral na vida do integrante.
3. Avaliar o trabalho desenvolvido e seus reflexos na vida dos integrantes do coral.

4. Compreender o trabalho pedagógico da equipe de música e como isso pode afetar na vida dos integrantes do coral apurar o início da trajetória da EMA-CA e do Coral Vozes da Infância, assim como observar o seu olhar em relação às crianças que participam ou participaram do coral.
5. Investigar se existe mudança no comportamento das crianças e adolescentes que cantam no coral.

Os ensaios foram observados e vivenciados pela regente, que é a própria pesquisadora deste trabalho, o que permitiu uma vivência mais intensa, por estar diretamente ligada ao Coral Vozes da Infância, sendo todas as informações registradas em caderno de campo.

Os áudios das entrevistas foram transcritos por uma empresa especializada em transcrições. As falas dos sujeitos entrevistados foram separadas e categorizadas para uma compreensão geral do universo estudado. Após a categorização, o conteúdo foi interpretado e analisado sob a ótica do referencial teórico dentro do contexto em que se insere. As entrevistas com os coralistas foram realizadas no último dia de ensaio, sendo entrevistado um total de 13 coralistas, que foi a quantidade de crianças e adolescentes que permaneceram no coral até o final do ano letivo. Em relação aos responsáveis legais pelos coralistas, foram entrevistados apenas 10 dos 13 coralistas, pois três destes não tinham disponibilidade de horário para encontrar-se com esta pesquisadora e tais entrevistas foram realizadas em suas respectivas casas. Já as entrevistas com os diretores das quatro escolas básicas contempladas pelo Coral Vozes da Infância foram realizadas com cada um deles em suas respectivas escolas. Quanto à equipe de música e a Coordenadora Geral da EMA-CA, as entrevistas foram realizadas após o fim das atividades do ano letivo do Coral também em suas casas.

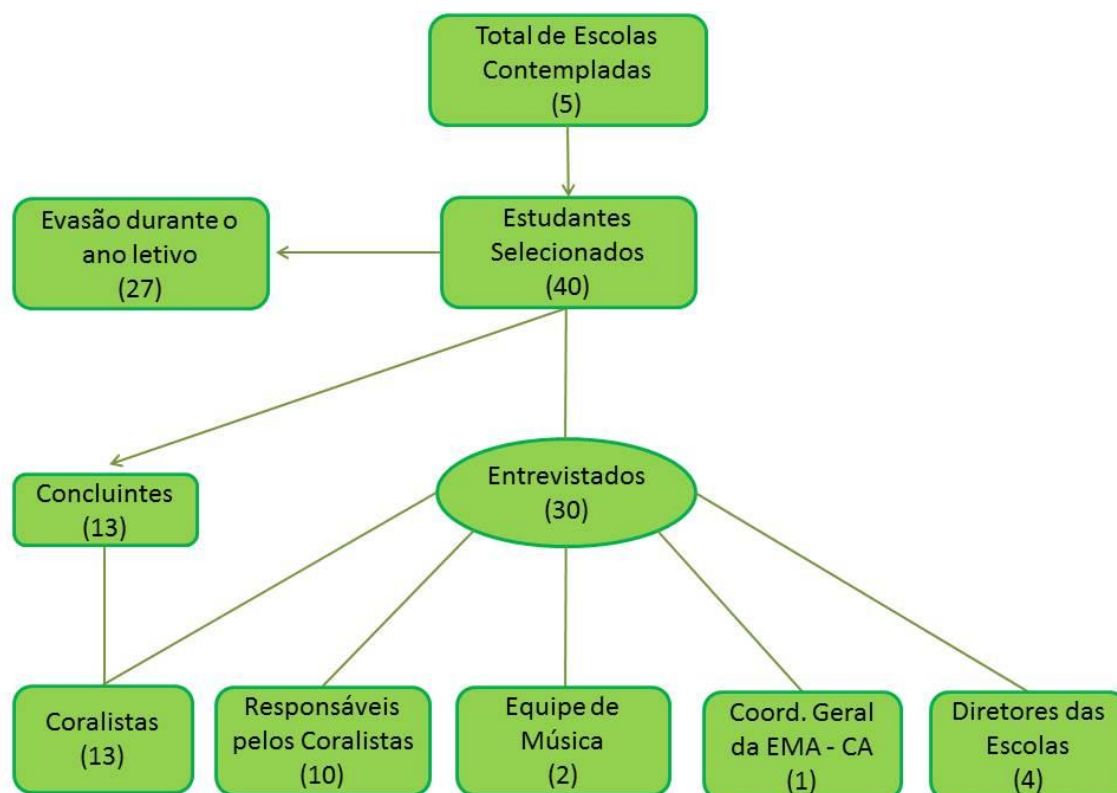


Figura 1 - Fluxograma do público entrevistado

Os documentos textuais, como caderno de campo, projeto de implementação e implantação da EMA-CA, foram utilizados para constituição do corpo do texto referente descrição das atividades pedagógicas e contextualização do processo cronológico de atuação da EMA-CA e do Coral Vozes da Infância na cidade de João Pessoa. Os registros de fotografias foram utilizados para demonstrar as atividades como ensaios, atividades da escola e apresentações do coral, para uma melhor compreensão do leitor sobre o desenvolvimento destas atividades.

Nos ensaios algumas dificuldades despontaram, a exemplo dos problemas relativos com a aquisição dos lanches para as crianças e uniformes para as apresentações, problemas com o transporte dos coralistas, dentre outros que pode estar relacionados a evasão das crianças e adolescentes que faziam parte da EMA-CA no ano em que esta pesquisa de campo foi desenvolvida.

No processo de triangulação de dados foram utilizados informações empíricas, observação participante, discursos de alunos sobre atividades realizadas pelo Coral, entrevistas realizadas com familiares responsáveis pelos coralistas, diretores das escolas básicas na qual os coralistas fazem parte, equipe de música e coordenadora da EMA-CA. E para melhor entendimento sobre o surgimento e funcionamento da Escola foi utilizado como fonte documental o Projeto de implantação e implementação da EMA-CA. Estas informações

foram discutidas com base no referencial teórico utilizei autores da Educação Musical e da sociologia para compreender a realidade estudada. A revisão de literatura coral dos últimos dez anos mostra que este tema foi abordado em teses e dissertações, por diversas abordagens e perspectivas, porém ainda carece de mais estudos voltados para este tema sob a perspectiva da formação humana em Corais.

CAPÍTULO II

O coro infantil à luz de uma educação musical para a formação humana

Neste capítulo, discuto algumas possibilidades teóricas sobre o ensino e aprendizagem da música como processo de formação humana. Para isso, a partir dos campos da Educação Musical e da Sociologia, tomo como norte as discussões pautadas na produção de significados em torno da música e do desenvolvimento de identidades individuais e coletivas. Refletir sobre as diversas redes de relações que são produzidas em práticas de ensino e aprendizagem da música em corais infanto-juvenis, provocando sutis e profundas transformações nos sujeitos envolvidos.

2.1 Música: Interação social para formação humana

2.1.1 O “nós”: música e coletividade

Através da convivência coletiva, a interação e a troca de saberes entre os personagens, onde a música é o elemento que os une, a exemplo do canto coral, pode-se observar neste meio uma ampla “viagem” a diversos “mundos musicais” e culturais, proporcionando uma troca de experiência entre todos que atuam no mesmo ambiente. Através da prática coral, o integrante se permite vivenciar não só parâmetros musicais, mas a vivência com o outro, tendo a atividade como meio de compartilhamento de experiências que muitas vezes os aprendizados são levados para toda sua trajetória de vida.

Bowman (2007) afirma que somos afetados pela nossa vivência musical e que essa vivência também determina quem somos o “nós”:

(...) No centro de toda a criação de música e experiência musical está o “nós”, um sentido de identidade coletiva que influencia poderosamente a identidade individual. “Eu sou”, então, não tanto porque “eu penso” ou porque “eu percebo”, mas porque “nós somos”, e mais particularmente eu quero afirmar aqui, porque “nós somos, musicalmente”. O que eu proponho é que nós comecemos nossa teorização profissional aqui, com a música como ato e fato social, em vez da música como uma entidade à qual o meu relacionamento é estético, receptivo e de alguma forma individual em sua natureza³ (BOWMAN 2007, p. 109, tradução minha).

³ [...] At the center of all music making and musical experience lies a “we,” a sense of collective identity that powerfully influences individual identity. “I am,” then, not so much because “I think” or because “I perceive,” but because “we are,” and more particularly I want to assert here, because “we are, musically.” What I propose is that we start our professional theorizing here, with music as a social act and social fact, instead of music as an

A partir desta afirmação o autor reflete sobre a música quando esta é designada como empreendimento fundamentalmente ético ligado a quem “nós somos”, descentralizando-a da ação individual do que eu penso ou percebo sobre algo. Assim, quando estamos inseridos em um ambiente de interação social, o pensar pode agir por meio de uma construção mútua, todos que compõem este ambiente poderão atuar e interagir coletivamente.

Desse modo, podemos refletir sobre essa construção a partir do coletivo (social) e o quanto ele pode influenciar no nosso individual, pois se o que vivemos hoje é produto desta construção, como ficariam nossas escolhas, individuais, diante deste sentido de ação do “nós”, do coletivo? Sempre teremos escolhas, mas só poderemos fazê-las se houver um conhecimento amplo e opções para realizá-las. Contudo, tais escolhas são feitas de acordo com o que julgamos ser significativo para “nós”.

Se somos resultados de nossa experiência, podemos definir nossos gostos e habilidades futuras a partir do agora. A cada interação com o outro, estamos transformando nosso ser, incorporando algo do outro em nós e deixando algo de nós no outro. Desta forma é constituído o “nós”.

Segundo Bowman (2007, p. 121) um tipo muito seletivo do “nós” é constituído não apenas pelas ações que escolhemos, mas também pelo processo de interação e captação do que pretendemos construir com os que se encontram dentro do mesmo meio em que atuamos fazendo-nos agir não só individualmente, mas coletivamente também. “ ‘Nós’ somos definidos não apenas pelo que fazemos, mas também por aqueles com quem pretendemos fazê-lo” (BOWMAN, 2007, p. 121).

Em um coral, existe uma grande integração social que provavelmente surge do envolvimento emocional e musical de cada integrante em relação ao grupo em que ele atua e isso torna possível uma troca de vivências, sendo o coral um grande espaço de aprendizado através do convívio social, onde com suas particularidades musicais, pode contribuir para a formação do “nós”. Porém é importante que os educadores musicais, no caso do coral, os regentes e preparadores vocais, possam refletir sobre a própria construção do “nós” para que faça escolhas mais conscientes respeitando o outro, tendo como eixo a justiça social, como afirma Bowman (2014):

Somente quando reconhecemos a ligação entre nossas escolhas musicais (curriculares, pedagógicas etc.), as formas como configuramos nossas identidades de educadores de música e questões de justiça social, a educação musical estará preparada para avançar nessa frente. É improvável que

façamos progressos significativos até que, e a menos que reconheçamos, que a relação entre questões musicais e sociais não seja periférica ou contingente, mas constitutiva (BOWMAN 2007, p. 110, tradução minha).⁴

Sendo assim, os educadores musicais devem voltar o seu olhar para uma prática musical contextualizada com a vida cotidiana do indivíduo. Desta forma, refletimos que práticas que envolvem a educação musical, a exemplo do canto coral, estão muito além do que definimos como ações intrínsecas, inerentes ou estéticas do valor da música em si, transcendendo para adentrar em princípios mais humanísticos que remetem aos valores dos mecanismos de interação social.

2.1.2 A construção do “nós” como sentido de pertencimento

Ao participar de um grupo de prática coletiva, o sujeito passa a reconhecer este grupo como parte de sua história, sendo que, para permanecer neste ambiente o sujeito deverá sentir-se membro importante do contexto em que se inseriu, buscando sentido para sua prática. Muitas vezes a própria prática musical torna-se um elo de interação com outras pessoas envolvidas no meio, passando , a música a ser a ligação entre o eu e o outro, formando o “nós”.

A prática coletiva pode ser uma ferramenta poderosa na construção de valores educacionais, podendo atuar como parte formadora do caráter de seus integrantes, visto que, no decorrer dos encontros a formação de ideais de igualdade e respeito podem ser praticadas e incorporadas pelos sujeitos envolvidos, auxiliando na construção de indivíduos mais conscientes e humanos. Através da interação social, o sujeito poderá sentir-se parte deste grupo, agregando valores e expandindo seus conhecimentos culturais e ao sentir a reciprocidade do grupo em relação ao seu papel dentro deste, o sentido de pertencimento passa a ser incorporado pelo sujeito ativo, como destaca Liberal (2004):

O indivíduo adquire socialmente, sua cosmovisão, da mesma forma como adquire seus papéis e constrói sua identidade. Suas ações e sua auto-interpretação são definidas para ele pela sociedade, da mesma forma que sua atitude cognitiva em relação ao universo que o rodeia. O ser humano tem sempre o impulso natural de ser aceito, de participar, de viver num mundo com outras pessoas que o aceitem e que o gratifiquem por estar participando desse determinado grupo social. Sabemos que a visão, a opinião do grupo

⁴ Only when we acknowledge the linkage among our musical choices (curricular, pedagogical, etc.), the ways we configure our music educator identities, and issues of social justice will music education be poised to move forward on this front. We are unlikely to make meaningful progress until and unless we recognize that the relationship between musical issues and social ones is not peripheral or contingent, but constitutive (BOWMAN 2007, p. 110).

sobre nós é muito importante para nossa realização; o impulso, o sentido de pertencimento lastreia o agir do ser humano e influencia nosso modo de pensar, de ser, de agir. As opiniões grupais, relativas a questões políticas, éticas, estéticas ou religiosas exercem uma grande força sobre nós [...]. Sendo assim, este “nós” pode ser construído através da interação social e pode levar os sujeitos a se sentirem pertencentes ao ambiente coletivo desenvolvendo pensamentos e atitudes que dignifiquem o caráter para construção de seres humanos mais sensíveis à si próprio, ao outro e consequentemente formando um “nós” mais humano e com mais respeito em sua vida (LIBERAL, 2004, p. 16).

Como visto na literatura, o processo de relação onde a prática coletiva é exercida podemos evidenciar uma grande relevância para construção do “nós”. No ambiente onde a música está inserida é possível perceber seu importante papel no desenvolvimento da motivação, cognição e aspecto social dos sujeitos, afirmando que nestes casos “a atividade coletiva permite ao indivíduo interpretar os diversos significados da música de maneira independente e individual, sem com isso afetar a integridade do fazer musical coletivo” (Ilari, 2007, p. 41). Diante disto, a música pode ser vista como um recurso que contribui para o desenvolvimento humano de diversas formas envolvendo múltiplos contextos de trocas de aprendizados que permeiam os mecanismos de interação social.

Nesta perspectiva, pertencer a um grupo coral pode proporcionar um aprendizado mútuo tanto por parte dos coralistas quanto da equipe de professores que estão à frente (maestro, preparador vocal etc.) permitindo que todos possam sentir um ao outro respeitando suas particularidades. A partir do momento em que existe alguma atividade de interação social que proporcione um envolvimento sinérgico de todos para a prática ou concretização de algo, a exemplo do canto coral e do fazer musical, é possível evidenciar mecanismos de crescimento pessoal e coletivo em todos os envolvidos.

Quando nos remetemos à música, podemos identificar nela esses mecanismos que transcendem a sua própria estética no sentido de permitir que os sujeitos envolvidos enxerguem que o fazer musical vai muito mais além, incorporando no âmbito social a ideia de que todos vejam o outro e a si mesmo como partes indispensáveis do todo. Em reflexões próximas desta perspectiva, Fucci Amato (2007) afirma que as práticas corais são de extrema importância como ferramenta de integração social:

O canto coral se constitui em uma relevante manifestação educacional musical e em uma significativa ferramenta de integração social. Os trabalhos com grupos vocais nas mais diversas comunidades, empresas, instituições e centros comunitários pode, por meio de uma prática vocal bem conduzida e orientada, realizar a integração (entendida como uma questão de atitude, na igualdade e na transmissão de conhecimentos novos para todas as pessoas,

independente da origem social, faixa etária ou grau de instrução, envolvendo-as no fazer o “novo”) entre os mais diversos profissionais, pertencentes a diversas classes socioeconômicas e culturais, em uma construção de conhecimento de si (da sua voz, de cada um, do seu aparelho fonador) e da realização da produção vocal em conjunto [...] (FUCCI AMATO, 2007, p.77).

Deste modo a autora discute sobre o fazer musical em coros, os aprendizados neste espaço e a importância do canto coral para interação social e construção de conhecimentos musicais. Através desta prática, pessoas de várias faixas etárias podem interagir e trocar experiências de vida e ensinamentos musicais. Sendo assim, estes aprendizados podem fluir para uma sensação de pertencimento dos seus integrantes.

Assim, podemos entender que sujeitos envolvidos na prática coral estariam ligados pela ação de cantar coletivamente e, por meio desta interação, novas características vão sendo assimiladas por cada integrante, construindo, muitas vezes de modo inconsciente, uma sensação de pertencimento, se tornando “iguais nas diferenças”, pelo simples fato da música conseguir reunir pessoas de várias classes sociais de várias idades, raças sem fazer distinções entre elas, se tornando iguais em suas diferenças, se tornando cantores de um mesmo coral.

O lugar de pertencimento muitas vezes ultrapassa lugares físicos e espaços de tempo, fazendo com que sujeitos se reconheçam por suas afinidades. Uma vez construído o “nós”, ao se encontrar novamente com as pessoas que fizeram parte desta constituição, possivelmente, os sujeitos se reconhecerão ainda pertencentes ao lugar ou ao “nós”, anteriormente construído.

Portanto, com base na ideia de Liberal (2004) e Fernandes e Pulici, (2016), entendo que o sentido de pertencimento se encontra constituído dentro de cada ser, sendo formado por uma série de afinidades decorrente de interações sociais. Um determinado grupo pode influenciar poderosamente na construção deste sentido quando o sujeito se sente acolhido e motivado a participar deste e quando a coletividade une os integrantes formando também um lugar de pertencimento, podendo contribuir na formação de grandes amizades e muitas vezes se formando laços que podem ser comparados aos laços familiares.

2.1.3. Capital Cultural como articulador das interações sociais

Os espaços sociais que surgem através de distintas origens sociais desenhados pelos diferenciais simbólicos (*cultura*) caracterizam os estados *dominantes* ou *legítimos* numa dada configuração social e que são construídos e operados pelos grupos que se encontram em posição dominante. Estes diferenciais simbólicos impostos na sociedade como princípios que delimitam a visão de mundo de acordo com o que é imposto pela cultura dominante “servem a interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo” (BOURDIEU, 1989, p. 10). Bourdieu (2007) elenca que o espaço social é um “espaço de lutas”, em que as estruturas simbólicas atuam como meio para legitimar o

empoderamento de grupos antes menos favorecidos sobre outros que se encontravam sempre no padrão de dominação. Na visão do mesmo autor em outra obra, a percepção e a interação que se constroem por meio dos bens materiais e simbólicos possibilitam construir múltiplos tipos de capitais a partir das características que definem a posição do sujeito no âmbito social. O indivíduo passa, então, a ser distinguido pelo seu capital simbólico, diversos tipos de capitais, relativos aos campos em que circulam os indivíduos permitindo ações com maior autonomia dentro do meio social que representa (BOURDIEU, 1989). Sendo este poder simbólico definido como:

[...] Num estado do campo em que se vê o poder por toda parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos a dentro, não é inútil lembrar que – sem nunca fazer dele, numa maneira de o dissolver, uma espécie de “ círculo cujo centro está em toda parte e em parte alguma” - é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7).

Bourdieu (1989, p.10) afirma que as estruturas simbólicas ao mesmo tempo que são estruturadas são também estruturantes e mantém a classe dominante no poder, pois a cultura que faz parte desta classe é dita como modelo a ser seguido pelos outros grupos sociais. Deste modo, “a cultura dominante contribui para integração real da classe dominante” através da legitimação desta cultura pela classe social dominadora transmutando esta convicção para as outras classes. Nesta perspectiva o autor destaca, que:

[...] a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 1989, p.11).

Nesta perspectiva, a cultura dominante mantém-se no poder e aqueles que almejam chegar à mesma posição sentem-se distantes culturalmente em relação à classe dominante fazendo com que a distância entre estes “dois mundos” se torne cada vez maior. Deste modo, as desigualdades e a legitimação das culturas e classes dominantes não se dão apenas pelo que Bourdieu chama de Capital Econômico, que é formado por bens materiais adquiridos (renda, salários, imóveis), mas por todas as diferentes intervenções materiais e simbólicas que a sociedade impõe. Em suma, os diferentes níveis de poderes econômicos não são os únicos responsáveis pelas desigualdades sociais, mas existem também grandes lacunas que limitam o

acesso de determinados grupos a outros “bens simbólicos” em virtude, por exemplo, do déficit de Capital Cultural.

Uma importante ferramenta que pode ser utilizada para compreender essa dimensão simbólica das relações entre os diferentes grupos sociais é o Capital Cultural, que envolve características de um determinado grupo, como: suas habilidades, o conhecimento, as informações etc., que são produzidas e transmitidas em diversos contextos como no ambiente familiar, nas escolas, em praças públicas dentre outros. Ele surge, de acordo com Thiry-Cherques (2006), através do “estado incorporado”, ou seja, é acumulado através de sua atuação em público do acesso ou domínio que se tem sobre os “bens culturais” e o “estado institucionalizado” adquirido por meio das instituições (titulações, diplomas *etc.*).

Além do Capital Cultural há o Capital Social, caracterizado pela acessibilidade social através das teias de relacionamento social que são criadas potencializando a construção da comunidade e do comprometimento dos indivíduos entre si. Nesse caso, podemos ver que há uma inter-relação entre os Capitais, e todos eles (Cultural, Econômico e Social), segundo Bourdieu (1984), irão constituir o Capital Simbólico, compreendendo o prestígio, a honra *etc.*

Segundo Thiry-Cherques (2006) aprendemos diversos códigos durante nossa construção social, sejam eles de linguagem, escrita, música, ciência etc. Tal aprendizado possibilita o domínio de saberes e estilos para poder dizer, escrever, compor, inventar de acordo com o nosso próprio pensar. Assim, podemos sugerir que por meio dos códigos comportamentais, linguísticos e intelectuais, o sujeito pode passar a ter ou perder a capacidade de interagir e impor-se perante o meio que interage.

A legitimação do poder da classe dominante sobre as outras classes através de seus bens simbólicos gera a violência simbólica. Esta tem como principal eixo a sobreposição de classes e a hierarquização de culturas gerando uma luta simbólica entre as classes (BOURDIEU, 1989, p. 11). Esta violência simbólica é mascarada e muitas vezes não se tem consciência sobre ela, chegando a causar um sentimento de incapacidade no sujeito de uma cultura, que é julgada pela classe dominante de “subcultura”, ao tentar adquirir os códigos culturais e não ter bagagem cultural suficiente para adquiri-la.

Diante do que Bourdieu (1989) discute sobre o poder simbólico, vendo a constante luta entre as classes, tendo como articulador os capitais simbólicos dentro de uma atividade coletiva podemos perceber as lutas simbólicas em algumas práticas tidas como “comuns”, mas que geram esta violência. Contudo, as práticas musicais podem ser relevantes no processo de construção do Capital Cultural, pois estas práticas apresentam diversidade de costumes, hábitos, idiomas e culturas

Um sistema não integrado e escasso de valores impossibilita o sujeito de seguir suas próprias diretrizes de maneira consciente e reflexiva. Um termo antagônico a esta situação, denominada por Giddens (1994) de **reflexividade**, possibilita que o sujeito faça suas escolhas e passe a assumir posições no seu meio, vivendo a experiência de construir reflexivamente parte de seu próprio destino. Deste modo, as práticas musicais podem ser recursos facilitadores à ampliação de “mundo” proporcionando aos sujeitos envolvidos uma ampla bagagem cultural e consequentemente um maior Capital Cultural. Como também produzir o reforço da dominação cultural e a sensação de pertencimento.

2.2 Música e sentido

Definir música torna-se uma tarefa quase impossível vendo que a música é algo amplo e de entendimento complexo. Contudo, podemos atribuir o seu sentido de acordo com o contexto em que se encontra, pois, ela está presente em quase todos ambientes do planeta contendo diversos sentidos, como afirma Iazzetta (2001):

Desvendar de modo formal a natureza da música se constitui, portanto, como um desafio e uma necessidade dada a presença marcante que ela ocupa em todos os âmbitos da vida moderna, incluindo aí as situações de lazer, de pesquisa, de criação, de relacionamento social e até mesmo em contextos aparentemente mais desligados de sua natureza artística, como na medicina e nas práticas terapêuticas (IAZZETTA, 2001, p. 1).

Sendo assim, o sentido da música discorre sob diversas perspectivas e para uma grande variedade de fins. Bowman (2014) afirma que seu verdadeiro sentido é quando ela contribui para formação humana. Neste contexto, a música ultrapassa a barreira para o “além da música”. Já Feichas e Narita, (2016) discutem as funções da música destacando o seu poder de ampliar os referenciais e quebrar preconceitos onde ela se torna uma ferramenta na percepção, ampliando a visão de mundo. Nas palavras desses autores:

Muitas são as funções da música na sociedade. A música faz parte do cotidiano das pessoas de diversas formas. No entanto, uma das funções mais fascinantes para o mundo da educação musical é a capacidade da música de ajudar as pessoas a transcender limites e expandir horizontes. A vibração dos sons é poderosa, pois pode ser transmutadora; o “fazer música” coletivamente também é transmutador! Transcende na medida em que amplia os referenciais, quebra preconceitos, aumenta o grau de tolerância e respeito, expande a percepção, muda a visão de mundo (FEICHAS; NARITA, 2016, p. 36).

Deste modo, podemos perceber o poder transmutador que a música pode exercer em uma atividade coletiva. Bowman (2014, p. 4) expressa que os valores proporcionados pela produção musical dependentes do tipo de música que se produz, dos modos com que as pessoas se envolvem com a música e dos fins a que são destinadas. “[...] Não podemos fugir da natureza contributiva do valor humano ou da natureza ética dos atos de valorização humana [...]” (BOWMAN, 2014, p. 4).

Diante dessa perspectiva, a prática coral pode se tornar um ambiente propício para este envolvimento musical e de formação humana, pois as pessoas se juntam em um coro com a finalidade de cantar coletivamente e através do canto coletivo, fatores como respeito, ética, diversidade cultural podem ser estimuladas favorecendo a um crescimento musical e humano nos âmbitos individual e coletivo. Em corais, geralmente, as músicas tornam-se elos entre os integrantes e motivos para interações sociais. Muitas vezes a atividade musical coletiva gera uma reflexão que transcende para própria vida.

Queiroz (2013) afirma que mais importante do que a música e a sua estética é o significado que esta música gera em cada indivíduo, e a transformação no ser, que se pode desenvolver através da atividade coletiva com a música. A partir do respeito à diversidade cultural, sabendo reconhecer e trabalhar juntos todos os diferenciais presentes sem exclusões, o “significado” da música passa a ser o sentido que ela provoca em cada um, os fins para qual ela é utilizada ou o sentido que ela tem para quem a produz ou a vivencia como ouvinte ativo.

Os indivíduos, em atividades musicais relacionam-se de acordo com contextos históricos, culturais e pessoais que estão sendo experienciadas e vivenciadas por elas, atribuindo e construindo significados à música (WAZLAWICK; CAMARGO; MAHEIRIE, 2007, p.110). No canto coral, a prática musical pode ser bastante significativa para o integrante, pois envolve uma construção coletiva da música, unindo cada ser através da própria voz. Por meio desta prática, cada integrante reconhece a si mesmo como importante peça nesse meio, podendo vislumbrar o coral como um lugar de pertencimento.

A música realizada pelos coralistas pode ganhar significado de acordo com as relações que os próprios integrantes constroem com o coro e com suas interações sociais. Como diz Sousa (2010), “[...] o que estaria no centro da aula de música seria as relações que os alunos constroem com a música, seja ela qual for [...]”. Diante disto, as relações sociais e o sentido musical proporcionado pelo fazer música recebe uma grande relevância e importância, pois a música transcende para o “além música”.

Sousa (2010), faz uma reflexão sobre o modo pelo qual a música é ensinada na escola, pois grande parte dos professores veem a música como conteúdo a ser aprendido, não

considerando a vida musical cotidiana de cada aluno. Contudo, a autora afirma que “considerar a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva, e portanto, social, geralmente desencadeia a convicção de que nossos alunos podem expor e assumir suas experiências musicais e que nós podemos dialogar sobre elas”. Ela afirma que esta troca de conhecimentos e experiências é bastante importante para o crescimento musical do aluno. Deste modo, é importante conhecer a realidade do aluno para que o “fazer música” não seja algo muito distante de sua realidade. Sendo assim os professores devem ensinar música de forma contextualizada com a realidade sociomusical do aluno. A autora diz que o currículo escolar não permite esta ampliação de visão e contextualização da música, dificultando enxergar e compreender a realidade em que as crianças e jovens estão inseridos.

Em corais infanto-juvenis, embora para muitos integrantes seja o lugar onde funciona como prática de musicalização, não são seguidos os conteúdos das escolas formais. Sendo assim, este diálogo musical pode estar presente com mais afinco, pois quando é dada a voz aos integrantes para que eles falem sobre os estilos que gostam de ouvir poderá construir, como eixo principal, o respeito pelo gosto musical do outro, independentemente do estilo. Deste modo, os coralistas poderão praticar o respeito mútuo e terão a oportunidade de vivenciar diversos “mundos musicais”, percebendo que existe uma vastidão de estilos a serem conhecidos e experimentados, ampliando assim, os seus conhecimentos musicais e respeitando a diversidade cultural.

2.3 Música e formação humana

A formação humana na música pode ser vista por diferentes perspectivas, como social, histórica, psicológica, entre outras, sendo cada área bastante importante no desenvolvimento da compreensão do tema. Costa, (2014) trata a música fazendo uma construção social e histórica desde o período medieval até os dias atuais tratando a formação humana como desenvolvimento da sociedade demonstrado pelo fazer musical.

Entendo que a formação humana envolve uma ampla teia de significados, porém, o que pretendo destacar aqui envolve uma construção de valores sociais e educacionais através do processo de integração social. Sendo assim, pensar a formação humana no meio educacional nos coloca a necessidade de refletir sobre o meio social e as diversas de relações que são produzidas, que provocam sutilmente transformações nos sujeitos envolvidos. Alguns autores citados anteriormente, nos fizeram perceber como as relações sociais são relevantes para construção da ideia de pertencimento. Estas construções permitem que, ao interagir em

um grupo, características grupais e individuais moldem sutilmente os sujeitos participantes de um mesmo espaço grupal (BOWMAN, 2007).

No cotidiano dos ensaios de um coral, aparentemente, as mesmas coisas acontecem sempre da mesma maneira com uma rotina de atividades que envolve a preparação corporal, preparação vocal e repertório. Desta forma, como falar de formação humana nesta estrutura que se repete a cada encontro com o principal objetivo de cantar juntos? Pais (2003) nos auxilia a refletir sobre o cotidiano afirmando que “[...]o cotidiano seria o que se passa quando nada se parece passar”. Dentro desta afirmação percebemos que ao mergulhar no cotidiano podemos compreender estruturas que não estão visivelmente perceptíveis ao olhar menos atento. Ao discutir sobre o cotidiano, Pais (2003), faz a seguinte reflexão:

[...] se o cotidiano – é o que se passa quando nada se passa – na vida que escorre, em efervescência invisível – é porque “o que se passa” tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade (“o que se passou?”), mas também do que nela flui ou desliza (o que se passa...) numa transitoriedade que não deixa grandes marcas de visibilidade (PAIS, 2003, p. 28).

Diante disto podemos concluir que o que ocorre na vida cotidiana é uma falsa sensação de estagnação e que esta sensação faz o sujeito acreditar que “nada” acontece em uma rotina diária, porém, através desta, uma construção se faz a cada momento. Dentro desta estrutura que se repete, como nos ensaios de um coral, há, possivelmente pequenas mudanças que se consolidam dia após dia na vida musical e pessoal dos seus integrantes, sendo trabalhada sutilmente a sensibilidade, dependendo da finalidade da prática musical.

Acredito que para formação humana ser possível em um grupo é necessário que ações éticas sejam internalizadas primeiramente pelas pessoas que estão à frente deste grupo. Bowman (2014, p.6) afirma que “[...] as ações de uma pessoa que é profundamente dedicada a uma prática estão profundamente ligadas ao seu caráter - aos hábitos de ação que foram desenvolvidos a serviço dos bens da prática, bens que são enriquecidos por essas ações”. Ao meu ver e diante da literatura estudada, percebe-se que para ocorrer a formação humana em um coro, o que é desenvolvido por regentes, preparadores vocais ou quem estiver à frente do coro deve sempre refletir uma ética voltada para o desenvolvimento de concepções, valores e atitudes de respeito à diversidade cultural, à individualidade e coletividade. Acredito que a música em si só não realiza tal função, sendo preciso somar valores à prática musical e direcionar aspectos éticos juntamente com a prática musical coletiva.

O modo pelo qual se faz música determina a sua função e os valores que serão produzidos. Fazer música tendo foco na formação humana é exercitar valores essenciais para

que o sujeito envolvido desenvolva através da música suas melhores atitudes em relação ao outro e em relação à própria vida. No caso do canto coral, o sujeito passa possivelmente a valorizar a coletividade, o respeito pelo outro, tendo a música e a atividade coral como elo entre o individual e o coletivo.

O coral vai ser inspiração para ações éticas, sendo os ensaios um espaço para prática de música e formação humana. Como afirma Bowman (2014, p. 4), “[...] os valores propiciados pela produção musical dependem do tipo de música em mãos, das formas como nos envolvemos nela e dos usos para os quais essa experiência é subsequentemente colocada”. A prática coral será um reflexo das pessoas que estão à frente do coro, assim como, o resultado de suas escolhas musicais, do direcionamento destas músicas e dos seus valores éticos. Sendo o sentido de identidade coletiva e individual, dentro do espaço musical saudável, dá forma e sentido à prática coletiva transformando o integrante em um sujeito mais humano e causando uma sensação de pertencimento ao grupo fazendo emergir valores que engrandecerá o caráter dos indivíduos dele participantes.

Visto que a formação humana é indissociável do caráter humano, ela procura agrupar valores éticos que possibilitem um crescimento pessoal que torne o indivíduo um sujeito mais sensível ao outro e com bagagem cultural suficientes para que tenha uma visão crítica da realidade que o cerca. Não se pode falar de formação humana sem falar de ética, respeito à diversidade cultural e as trajetórias individuais.

Bowman (2014) defende a ideia de que a “música pela música” não leva ao sentido que esta pode ocupar e que a música e seu ensino não podem ser resumidos a eles mesmos, pois desta forma não teria sentido tantas pesquisas voltadas ao seu ensino e aprendizagem. Acrescento que as investigações a respeito da música estão relacionadas a diferentes olhares e que uma mesma prática musical pode ser vista por diferentes perspectivas. Isto ressalta a complexidade da música e suas diversas funções. Sabendo disto, lanço meu olhar sobre a música como formação humana, pensando-a como capaz de agregar valores a sua prática, enfocando na construção de sujeitos mais éticos. Assim, a ética pode ser pensada como:

Parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral (finalidade e sentido da vida humana, os fundamentos da obrigação e do dever, natureza do bem e do mal, o valor da consciência moral etc.), mas fundada num estudo metafísico do conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas, diferentemente da moral, a ética está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme à sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto

de prescrições destinadas a assegurar uma vida comum justa e harmoniosa (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p.70)

Sendo assim, a ética está ligada aos valores que o sujeito agrega em si mesmo. É o que faz um indivíduo agir corretamente respeitando os seus direitos sem ferir o direito do outro. Bowman (2014) afirma que é necessário o reconhecimento do fazer musical e do estudo da música como recursos fundamentalmente éticos.

[...] Minha outra preocupação mais urgente é que reconheçamos e aceitemos a experiência musical e seu estudo como recursos fundamentalmente éticos – como práticas em e através do qual as pessoas lutam e procuram responder à questão educacional de vital importância, que tipo de pessoa é bom ser? (BOWMAN, 2014, p. 1)

Através destes questionamentos podemos concluir que a música pode auxiliar na construção de um ser humano melhor, pois o local de prática musical, como afirma este autor, é um ambiente onde se podem ensaiar atitudes corretas. Desta forma, a música pode ser acrescida de valores que dignifiquem as atitudes em relação ao outro e a si mesmo. No entanto, que valores são estes? O que seriam atitudes corretas? Como julgar o que é correto e o que não é? É possível agregar valores ao ensino e aprendizagem da música?

Sabemos que valores e atitudes corretas abrangem um vasto campo de significados, porém para simplificar nosso conceito, a fim de apontar caminhos claros para os procedimentos de produção, análise e interpretação das informações em campo, iremos nos ater a dois grandes pilares, que a nosso ver, contribuem para formação humana, que dizem respeito à diversidade cultural e a prática ética.

Queiroz (2013) entende que através da exposição à diversidade cultural o indivíduo passa a olhar o mundo de forma integrada, respeitando a si e ao outro de maneira mais profunda e igual independente de suas diferenças. Desta forma, a música passa a transcender o seu padrão estético, entrando na esfera do significado. O exercício do respeito à diversidade cultural pode produzir o reconhecimento de que somos todos diferentes em nossas culturas, em nossas raças em nossos corpos. Somos todos seres humanos iguais em nossas diferenças, não se devendo valorizar nenhuma cultura em detrimento de outras, nenhuma raça, cor, estilo musical etc. perante outros e, sim, lhes dando valores iguais na condição que somos todos seres humanos. Ao praticar o respeito ao outro como a nós mesmos possivelmente construiremos um ambiente ético.

Bowman (2014) afirma que “ [...] a música é uma prática altamente distintiva que nos envolvem mais profundamente e mais poderosamente do que muitas outras. Creio que é

nisso que devemos nos voltar em defesa de sua importância educacional”, pois a partir de nossas práticas como educadores e pela finalidade que atribuímos a esta é que a música e a educação musical podem ser reconhecidas como competências humanas que agrega inúmeras funções na vida dos que adquirem. Como destaca Ilari (2007):

Somente através da minimização das hierarquias existentes na área da educação musical e do reconhecimento da música como competência humana que assume inúmeras funções da música na vida dos indivíduos, é que teremos uma educação musical forte e libertária em nosso continente (ILARI, 2007, p. 43).

Segundo Rodrigues (2001) a formação do ser humano pode ser construída a partir de dois parâmetros distintos, porém complementares: um de fora para dentro, sendo representado por ações externas ao ser, o ato de ser educado; o outro, de dentro para fora, quando os educadores dão suporte para que o sujeito se torne protagonista de sua história, tendo autonomia sobre a própria vida. Sendo assim, a educação vai tornar o sujeito uma pessoa humana no sentido de torná-lo educado para o convívio social.

O conceito de formação humana que ilumina esta pesquisa tem relação direta com a construção de um ser humano capaz de agir com respeito ao outro e a si próprio, tornando-se sensível e sabendo discernir o que é ser uma pessoa ética, sob a perspectiva do olhar da educação musical e da sociologia.

CAPÍTULO III

O ensino de música no Coral Vozes da Infância

Como pesquisadora e atuante no ensino de música, através do Coral Vozes da Infância, pude perceber de perto toda dinâmica de funcionamento social e pedagógico da Escola Municipal de Arte - Casa das Artes – EMA-CA. Ao ter acesso ao Projeto de Implantação - PI da EMA-CA pude analisar como nas interações propiciadas no o Coral Vozes da Infância acontece, junto com a atividade musical a formação humana. Este capítulo faz uma breve apresentação do que é a EMA-CA e sua história com um foco maior para as atividades de ensino de música através do canto coral infanto-juvenil e suas dimensões sócio-pedagógicas.

3.1 A Escola Municipal de Arte - Casa das Artes e as concepções de ensino

O Coral Vozes da Infância teve sua origem a partir da criação de um projeto que procurou assistir um público infanto-juvenil cuja acessibilidade às práticas artísticas como música, teatro e artes visuais eram de difícil acesso. Este projeto foi denominado de EMA-CA, o qual foi idealizado pela prefeitura de João Pessoa com o intuito de criar uma escola de dança de referência. Inicialmente, para este fim, foram convocados para construção deste projeto o ator, Luiz Carlos Vasconcelos Costa, para assumir a função de Coordenador, e a Prof^a. Amélia Maria Nóbrega dos Santos, na função de Coordenadora Adjunta. Posteriormente, a Escola passou a integrar em seu projeto todas as linguagens artísticas (música, teatro, artes visuais e dança), com base na **Lei nº 8.069/1990, que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o qual garante** ao público estudantil dessa faixa etária **o acesso** aos bens artísticos e culturais brasileiros e de outras nações (**BRASIL, 1990**).

Através da publicação da Portaria Conjunta nº 004/2009, emitida pela Prefeitura de João Pessoa, foi constituído um Grupo de Trabalho – GT, denominado de GT Casa do Ensino das Artes, que ficou responsável pela implantação e implementação da EMA-CA (**BRASIL, 2009**).

Art. 1º Institui o Grupo de Trabalho, denominado de **GT CASA DO ENSINO DAS ARTES**, colegiado integrado, de caráter voluntário, por representantes das Secretarias e demais órgãos e entidades citados no Art. 2º desta Portaria, que terá atribuição de elaborar e propor diretrizes gerais para ações com vistas ao desenvolvimento de estudos, pesquisas e propostas para

a implantação e concretização da **CASA DO ENSINO DAS ARTES** [...] (BRASIL, 2009, p. 3).

O GT Casa do Ensino das Artes foi formado por professores da Universidade Federal da Paraíba – UFPB ligados às artes, membros da Fundação Cultural de João Pessoa – FUNJOP e alguns estudiosos das artes, da sociedade civil. Os participantes foram: Luiz Carlos Vasconcelos Costa; Amélia Maria Silva Nóbrega, Giselma Vieira Moreira Franco, Inês Caminha Lopes Rodrigues e Stella Dalva de Oliveira, que atuavam na Secretária de Educação e Cultura de João Pessoa – Sedec; Ângela Navarro e Lu Maia, da FUNJOPE; o bacharel em Música Carlos Anísio Oliveira e Silva, da UFPB; Vanildo Mousinho Marinho, Luis Ricardo Silva Queiroz e Maria Eleonora Montenegro de Souza, do Departamento de Educação Musical da UFPB; Marco Damasceno, do Departamento de Artes Visuais da UFPB; Lúcia Gomes Serpa e Amanda, do Departamento de Teatro da UFPB; Guilherme Schulze, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Corpo Cênico da UFPB; Sidney Leonardo Azevedo, artista plástico e professor, da Secretária de Educação de João Pessoa; e Jonas Bezerra, da Secretaria de Planejamento do Município – Seplan. Através deste GT, Casa do Ensino das Artes, foi construído o Projeto de Implantação – PI da EMA-CA.

Consta no PI que a EMA-CA será implantada no Convento Franciscano São Frei Pedro Gonçalves, o “Conventinho”, localizado no centro histórico da cidade de João Pessoa. Este espaço foi doado pela Arquidiocese da cidade de João Pessoa através de uma negociação entre prefeitura e a Arquidiocese da Paraíba, proporcionando a este espaço um significativo valor artístico e cultural deste patrimônio. Contudo, enquanto aguardava a sua reforma, a EMA-CA passou por vários espaços, tais como: Centro de Capacitação dos Profissionais em Educação – Cecapro do município de João Pessoa; Casarão 33; Reitoria do Campus I da UFPB e, no ano de coleta de dados desta pesquisa, encontrava-se instalada na Estação das Artes (anexo da Estação Ciências).

A EMA-CA vem possibilitando o acesso às diferentes linguagens artísticas, contribuindo para a formação do capital cultural de seus alunos. Seu objetivo é ofertar aos estudantes das escolas públicas municipais e à população pessoense o ensino pleno e continuado das linguagens artísticas: teatro, dança, música e artes visuais, oportunizando o acesso à cultura e às artes, favorecendo a formação artístico-cultural da comunidade pessoense, possibilitando o ingresso e a permanência dos estudantes da Rede Municipal de Ensino e dos demais interessados em atividades artísticas e culturais. Favorece, ainda, o intercâmbio do estudante e da comunidade em geral com a produção artística experimental da nossa e de outras regiões estabelecendo uma inter-relação com as escolas da Educação Básica

da Rede Municipal de Ensino e fortalecendo a formação artística e cultural no universo escolar, tornando-se, também, campo de pesquisa acadêmica. A EMA-CA tem o intuito de contribuir para despertar nos alunos a capacidade crítica, por meio da ampliação do seu capital cultural possibilitando-lhes conhecer o que se produz no mundo que os cerca, desenvolvendo um olhar crítico e amplo sobre as diversas áreas artísticas.

O PI da EMA-CA está fundamentado em uma ampla visão de educação em que os saberes artísticos serão trabalhados de forma articulada com a formação humana, ética, crítica e reflexiva. Sendo assim, a atuação dos professores será calcada numa dimensão formativa onde o foco principal será o aprendizado constante, o “aprender a aprender”, “inter-relacionando os diversificados saberes necessários para o ensino e aprendizagem da arte como expressão humana, social e cultural” (PMJP, 2009).

Atualmente, a EMA-CA dispõe de duas turmas de teatro, uma turma de artes visuais e uma turma de música, a partir da qual foi criado o Coral Vozes da Infância. A Escola Municipal de Arte foi estruturada em seu projeto para ter grau e modalidade. Os alunos passariam por todas as áreas de ensino de arte e no último ano escolheriam a área na qual prosseguiriam seus estudos.

No ano de implantação da EMA-CA, o ensino de Arte na escola básica apresentava carências não só de professores formados em linguagens artísticas específicas, mas também de espaços adequados para a realização dessas práticas. A EMA-CA surge neste cenário e tenta suprir a integralidade do ensino, complementando a escola básica através da oferta do ensino de linguagens artísticas no contraturno.

As escolas básicas, selecionam conteúdos que elas julgam importante para o aprendizado. A música privilegiada nessas escolas, muitas vezes, não contempla a diversidade cultural. A música configura-se como um sistema que se estabelece a partir do que a própria sociedade considera significativo, de acordo com o contexto em que as pessoas estão inseridas, transcendendo aspectos estruturais e estéticos (QUEIROZ, 2005). Deste modo, as escolas passam a selecionar e valorizar o que elas estabelecem como a música “ideal”, descartando a bagagem cultural dos alunos.

Queiroz (2005) desenvolve discussões sobre a música que é ensinada na escola básica e a importância que deve ser atribuída à diversidade cultural na formação das visões musicais das crianças e adolescentes dentro destas escolas, a fim de agregar nesse processo de construção musical repertórios que elas já conheçam, para assim, através de uma visão mais ampla, elas possam se sentir parte deste processo de construção e apropriação do fazer musical. Você só pode escolher algo se você tem opções de escolha. Quer dizer, o indivíduo

precisa ter uma diversidade de conhecimentos musicais para que perceba e consiga discernir o que gosta ou não de escutar.

A música precisa ser vista de forma que valorize por igual todas as culturas e estilos musicais, não os hierarquizando, mas sim contemplando a diversidade. Desta forma a EMA-CA surge para modificar esta estrutura rígida de ensino, priorizando o respeito à diversidade cultural. A construção coletiva de sua proposta incluiu questionamentos como: “Que escola de Artes nós queremos? Que escola seria? O que trabalhar? Que conteúdo traremos para essa Escola de Artes? Tais questionamentos guiaram a construção do projeto” (AMÉLIA NOBREGA, 2017). Através da busca pelas respostas a estes questionamentos nasce, em 2010, a EMA-CA.

Destarte, o PI da EMA-CA foi concluído com êxito, sendo, inclusive, premiado pelo Encontro Internacional de Arte e Educação – IDEA em 2010 em Belém do Pará. Atualmente, o PI da EMA-CA encontra-se em revisão, com vistas a adequar a novas visões práticas de ensino.

3.2 Estrutura da Escola Municipal de Arte - Casa das Artes

3.2.1 Local e instalações da EMA-CA

No ano de 2017, período em que esta pesquisa de campo foi realizada, a EMA-CA tinha como sede o Anexo da Estação Cabo Branco – Ciência, Cultura e Arte, localizado no bairro do Altiplano Cabo Branco. Neste espaço eram utilizados dois auditórios, o *auditório 1* para o Coral e o *auditório 3* para uma das turmas de teatro. A turma de Artes Visuais utilizava um ateliê cuja estrutura, deve-se salientar, era bem precária, sendo necessário o professor levar um ventilador da própria casa, pois a sala não tinha circulação de ar natural nem possuía ar condicionado. A segunda turma de teatro ensaiava em um espaço semiaberto ao lado do “refeitório”. A equipe de professores reunia-se em uma sala que funcionava antes como refeitório, infelizmente, não sendo um ambiente que apresentasse uma boa logística, ou seja, não era favorável para a criação e elaboração das atividades a serem programadas para as crianças e adolescentes.

No segundo semestre, devido à necessidade da psicóloga Liuba realizar os atendimentos dos coralistas, foi improvisada uma sala a fim de possibilitar a realização dessa atividade. Para isso a equipe da EMA-CA desocupou uma sala que antes funcionava como depósito da escola para guardar material de limpeza, figurinos do teatro e do coral, dentre

outros utensílios, ficando assegurado, assim, o atendimento e o acompanhamento psicológico de todos os coralistas, por ser esse serviço considerado de fundamental importância.

3.2.2 Logísticas da EMA-CA

A EMA-CA aumentou o número de turmas, porém os recursos financeiros não são mais os mesmos, conforme relatos de membros da equipe que estão desde o início neste projeto, houve uma diminuição dos recursos financeiros que eram destinados para despesas como transporte, merendas, uniformes e figurinos para as apresentações, materiais didáticos etc. Outras dificuldades com que a EMA-CA tenta lidar é a falta de um espaço físico próprio para realização de suas atividades, pois, atualmente, ainda aguardamos a reforma do “Conventinho”, onde a EMA-CA será instalada.

Em 2017, a EMA-CA dispunha de dois ônibus que ficavam responsáveis de passar nas escolas das crianças e adolescentes todas as terças e quintas para levá-las ao ensaio. Ao final destes, todos os alunos eram levados novamente para suas respectivas escolas. Os ônibus realizavam rotas diferentes atendendo a um total de 8 escolas da rede municipal de João Pessoa, sendo contempladas as Escolas Municipais de Ensino Fundamental – EMEF: EMEF Antônio Santos Coelho, EMEF Gal Ângelo Francisco Notare, EMEF Apolônio Sales de Miranda, EMEF Américo Falcão, EMEF Anita Trigueiro do Valle, EMEF Luiz Augusto Crispim, EMEF Jose Américo de Almeida e EMEF Virgíneos da Gama e Melo.

Apesar de todas estas dificuldades e do descaso governamental, a EMA-CA mantém-se forte devido à união e compromisso da equipe de profissionais e à responsabilidade social em levar os saberes artísticos para as crianças e adolescentes das escolas selecionadas. No planejamento das atividades pelos docentes, estiveram sempre presentes os questionamentos sobre as condições que a escola dispõe para a realização das atividades. A precariedade das condições de funcionamento era mais perceptível nas aulas de artes visuais, que realmente dependiam de materiais para sua realização, os professores desta linguagem geralmente compravam o material utilizando o próprio salário. E muitas vezes reciclavam o que já havia. As vezes a falta de algo nos torna mais criativos. É difícil de acreditar como conseguíamos, com tão pouco material, ter tantos resultados no final do ano.

3.3 Escola Municipal de Arte – Casa das Artes e o Planejamento Pedagógico

Em busca de aprimorar o ensino, no início do ano letivo, os professores de todas as linguagens artísticas reúnem-se para avaliar o ano anterior e construir o planejamento de

ensino para o ano que está para começar. Através desta avaliação são traçados novos caminhos metodológicos para desenvolver as atividades do ano corrente, tendo em vista o que funcionou ou não no ano anterior.

A EMA-CA está vinculada ao Departamento de Gestão Cultural - DGC da prefeitura, sendo este responsável por todas as escolas básicas de João Pessoa. Todos os anos é escolhido pela DGC um tema, para ser trabalhado em todas as escolas da rede municipal de João Pessoa, chamado **Tema Gerador**, em relação ao qual todas as áreas artísticas da EMA-CA passam a direcionar, em conjunto, o programa a ser trabalhado com base no tema proposto. Isso costuma funcionar como um ponto de encontro de ideias para o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

O desenvolvimento desta pesquisa de campo transcorreu no ano em que o tema gerador escolhido foi “Literatura Paraibana”. Deste modo, todas as linguagens artísticas buscaram inspiração nesta literatura para montar os espetáculos, exposições e recitais. O Coral Vozes da Infância optou em fazer o espetáculo do final de ano utilizando parte do ciclo de canções “O Jardim dos Animais”, de Paulo Ró, compositor paraibano com letra de Ronald Klaver⁵. Este ciclo é composto por 25 canções. Cada uma é protagonizada por um bicho diferente. Além do “Jardim dos Animais”, o Coral Vozes da Infância participou da trilha sonora de uma das peças de Teatro, cantando duas destas canções. Esta união das áreas artísticas torna-se possível pela congruência de todas as linguagens artísticas com o tema gerador.

No ano de 2017, na qual ocorreu a pesquisa de campo, a equipe da EMA-CA planejou e desenvolveu várias atividades em conjunto com todas as áreas que compõe a EMA-CA, a exemplo da prática coletiva para realização de um brechó (Figura 2) e passeios como visita ao espaço cultural e à praia, atividades que irei descrever ao longo deste texto.

3.3.1 Brechó Casa das Artes

No dia 29 de novembro de 2017, foi realizado o primeiro Brechó da EMA-CA. Recebemos várias doações de amigos e familiares da equipe da Escola. Nosso brechó teve o intuito de doar livros, roupas, brinquedos e acessórios, pois sabemos que a maioria nossos alunos se encontram em posições economicamente desfavoráveis. Através do Brechó os alunos da Casa das Artes tiveram a oportunidade de aprender a administrar o próprio dinheiro

⁵ Link da apresentação do espetáculo “Os Jardins dos Animais”:
<https://www.youtube.com/watch?v=TelcKaZe3qM>

e desenvolver a sustentabilidade. Para isto, foi criada uma moeda fictícia e distribuída igualmente entre todos os alunos e eles utilizaram para comprar o que estavam precisando.

Inicialmente foram dados apenas vinte reais em dinheiro fictício, e o aluno tinha que ver o que realmente necessitava, para poder saber investir naquilo que ele estava precisando. Em seguida foram dados mais vinte reais para que eles comprassem o que eles não conseguiram comprar com a primeira parte do dinheiro.

Várias coisas interessantes aconteceram neste dia, pois, os alunos foram bem cautelosos em suas compras. Alguns compraram o que necessitavam e passaram o restante do dinheiro para outros que ainda gostariam de comprar, mas já tinham gastado todo o dinheiro. Outros alunos compraram coisas para toda sua família, porém não levaram nada para eles próprios. Alguns disseram que não precisavam de nada compartilhando seu dinheiro com um dos seus colegas. Houveram outros que levaram muitas coisas não só para si, mas também para seus familiares.

O horário acabou e todos voltaram para suas casas com sacolas cheias de roupas, livros, brinquedos e utensílios, porém a riqueza maior que conquistaram e transpareceram foi a do companheirismo e a interação social que a atividade gerou unindo todos os alunos da escola.



Figura 2 - Atividade de "brechó" realizada com os(as) alunos(as) da EMA-CA. Imagem registrada por mim.

3.3.2 Visita ao Espaço Cultural José Lins do Rego

Na equipe de professores da EMA-CA, no ano corrente da pesquisa de campo, havia mais dois professores que tinham como tema de pesquisa de mestrado a EMA-CA. Uma das pesquisas foi realizada pela professora de teatro Fabíola Moraes, que tinha como objetivo investigar a performatividade. Utilizando performances feitas pelos próprios alunos e gravadas em seus celulares e posteriormente colocadas em um grupo de *whatsapp* para discussão. Foi com esta proposta que fomos visitar o Espaço Cultural José Lins do Rego. Para trabalhar a performatividade.

Os alunos não sabiam da proposta até chegarmos no Espaço Cultural, lá foi feita uma grande roda onde a professora de teatro falou sobre a performatividade convidando a todos para ler o espaço em que se encontravam, artisticamente. Foram formados vários pequenos grupos formados pelos alunos de diversas linguagens. A ideia era ler o ambiente, as formas, as texturas e em um passeio sinestésico, fazer arte coletivamente. Os alunos observariam o ambiente a sua volta e o interpretaria utilizando as linguagens artísticas que desejassem.

Cada professor da Escola ficou responsável por um grupo de alunos. O grupo de alunos que foram guiados por mim, no início ficaram um pouco tímidos, mas logo em seguida começaram a visualizar o espaço. O teto do Espaço foi o lugar mais observado e interpretado, parecia uma enorme partitura suspensa. Os alunos faziam movimentos corporais desenhando o teto e cantando notas que desenhavam a melodia que estava suspensa sobre seus corpos.

Foi uma atividade enriquecedora, pois, os alunos tiveram contato com a arte de forma integral, trabalhando a percepção visual, corporal, vocal e auditiva, além de desenvolver a interação social entre os alunos que abordam diferentes linguagens.

3.4 Reunião da EMA-CA com os responsáveis legais dos Coralistas

Todos os anos a equipe da EMA-CA planeja a reunião com os pais dos alunos (as) para que estes conheçam as atividades da escola, assim como o espaço físico e os seus respectivos professores, com o objetivo de estreitar as relações entre a EMA-CA, famílias e estudantes.

Nos anos anteriores, a maioria dos pais demonstrou um grande desinteresse em conhecer a EMA-CA, refletindo em um número grande de responsáveis ausentes. Tomando como base a experiência dos anos anteriores, em que as reuniões aconteciam à noite, no meio da semana, para tentar reunir o maior número de pais, foi decidido pela equipe da escola que a reunião aconteceria no final de semana, na tentativa de reunir um número maior de

responsáveis. Para nossa surpresa, o número de responsáveis presentes foi menor do que os anos anteriores, apenas quatro responsáveis legais compareceram, apesar de serem disponibilizados dois ônibus escolares para pegar as famílias nas respectivas escolas e ao final da reunião deixá-los em suas respectivas residências, foi notável o desinteresse pela reunião. Ainda é uma grande dificuldade manter este contato presencial com as famílias. Porém o contato com os familiares responsáveis sempre ocorre por telefonemas e por comunicados impressos.

Durante a reunião, cada professor se apresentou para os responsáveis dos estudantes e cada pai ou mãe se apresentou dizendo o nome do estudante pelo qual era responsável. Os professores falaram sobre cada criança e adolescentes, sobre as atividades desenvolvidas na EMA-CA e agradeceram aos pais pela confiança de deixarem seus filhos participarem da EMA-CA (Figura 3).



Figura 3 - Momento de reunião da equipe da EMA-CA com os responsáveis legais crianças e adolescentes pertencentes ao projeto. Na imagem quatro das mulheres pertencem a equipe da EMA-CA e quatro são mães de alunos, sendo uma acompanhante. Imagem registrada por Soraia Bandeira.

3.5 O Coral Vozes da Infância

O Coral Vozes da Infância foi pensado no projeto, inicialmente para ser uma prática complementar da EMA-CA. Todavia, o Coral foi a primeira atividade que surgiu na EMA-CA. Após a finalização e a aprovação do PI da EMA-CA, deu-se início às atividades do Coral, para as quais já existiam profissionais suficientes e preparados.

Em outubro de 2010, o Coral Vozes da Infância, que a princípio seria uma atividade complementar, passa a ser o projeto pioneiro e experimental da EMA-CA.

O coral surge como um experimento inicial, porém, o coral ganha uma grande aceitação na sociedade pessoense. E realiza apresentações em diversos espaços da cidade de João Pessoa (Figura 4). O coral é conhecido por ter uma excelente qualidade vocal e por formar cantores que dispõem de uma desenvoltura vocal, corporal e artística de ótima qualidade (AMÉLIA NOBREGA, 2017)⁶.



Figura 4 – Uma das primeiras apresentações do Coral Vozes da Infância. Foto disponível no site: <https://www.facebook.com/groups/417902991581182/>

A figura acima revela a grande estrutura que tinha o Coral Vozes da Infância no seu início. O Coral funcionou inicialmente no Casarão 34, tendo como maestro titular, o professor Elias Moreira da Silva. Ele residia na cidade de São Paulo, vinha à João Pessoa uma vez por mês e passava quinze dias na cidade, preparando o coral e fazendo apresentações. Vários regentes já estiveram à frente deste Coral, além do acima citado. Passaram pela regência a maestrina Regina Kinjo (SP) e os maestros Helinho Medeiros, João Linhares e Kleiton Araújo. Atualmente é regido pela autora deste trabalho.

Em 2015, a equipe multidisciplinar da EMA-CA resolve ampliar suas atividades, abrindo, além da turma do Coral, duas turmas de Teatro e uma de Artes Visuais. A partir desse período, com uma maior variedade de atividades artísticas e de professores atuantes

⁶ As citações das entrevistas estarão em *itálico*.

nestas diferentes áreas, as crianças e adolescentes passaram a encaminhados para uma dessas áreas, devendo-se salientar que a escolha da área artística era feita pela própria criança ou adolescente. Agora, com uma equipe artística multidisciplinar, alguns momentos foram criados para que os planejamentos das aulas e atividades pudessem ser discutidos entre todos os professores, contribuindo para uma maior troca de experiência entre as áreas, tornando-se mais ricas as suas vivências artísticas e pedagógicas (Figura 5).



Figura 5 - Reunião da equipe da EMA-CA. Imagem registrada por Soraia Bandeira.

O Coral Vozes da Infância, atualmente, realiza os ensaios duas vezes por semana tendo duas horas de duração cada. Nestes encontros são trabalhados o conteúdo de musicalização, teoria musical, exercícios de consciência corporal, técnica vocal e repertório (Figura 6).



Figura 6 - Dia de ensaio com os coralistas coordenados pela Maestrina Christiane Alves e o pianista Manoel Theophilo. Imagem registrada por Soraia Bandeira.

Nas práticas de musicalização trabalhavam-se exercícios musicais com o intuito de despertar e desenvolver o gosto pela música e a melhora das percepções auditivas, visuais, de sensibilidade, etc., nos quais foram usando-se recursos lúdicos e dinâmicas musicais com a finalidade de aprender posteriormente a leitura básica de partituras.

No trabalho de teoria musical foi apresentada às crianças e adolescentes, uma diversidade musical que transita por variados ambientes culturais procurando desenvolver neles a valoração e estética, através da apreciação musical. Na teoria foi trabalhada a leitura de partituras, sempre utilizando o repertório.

Nos exercícios de consciência corporal foi trabalhada a cinestesia, procurando explorar os diversos sentidos de percepção que o coralista tinha do próprio corpo no espaço que ocupava, fazendo com que cada um dos integrantes do Coral relaxasse seu corpo preparando-se para cantar sem tensões e de maneira confortável (Figura 7).



Figura 7 - Realização dos exercícios corporais. Imagem registrada por mim.

A técnica vocal foi trabalhada com o intuito de auxiliar na produção e desenvolvimento da voz de forma confortável e com menor esforço, utilizando as caixas de ressonância para projetar o som para isto foi trabalhado aspectos como dicção, ressonância, articulação e respiração (Figura 8).



Figura 8 - Exercícios vocais. Imagem registrada por Soraia Bandeira.

O repertório era escolhido por toda a equipe de música, tendo como critério o Tema Gerador sugerido pelo DGC da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Em 2017, o coral apresentou o “Jardim dos Animais”, um ciclo de canções de Paulo Ró e Ronald Claver, o qual foi transcrito e arranjado para o coral pelo pianista Manoel Theophilo e a maestrina Christiane Alves, a exemplo da canção “A Girafa” (Figura 9).

A girafa

Arranjo: Manoel Theophilo e Christiane Alves

Paulo Ró

$\text{♩} = 60$

Soprano 1

Soprano 2

Soprano 3

Piano

5

S1 U

S2 U

S3 U

Pno.

9

S1 U nas altu - ras U sem monta - nha.

S2 A gira - fa U é al - pinis - ta sem monta - nha.

S3 U U sem monta - nha.

Pno.

13

S1 U

S2 U

S3 U

Pno.

Figura 9 - Partitura da canção A Girafa do ciclo de canções "Jardim dos Animais" arranjada e transcrita por Manoel Theophilo e Christiane Alves

3.6 Equipe de música e o trabalho pedagógico

A equipe de música do Coral Vozes da Infância é composta por três professores: um pianista colaborador, Manoel Theophilo, que também fica responsável pelas aulas de teoria musical, uma preparadora corporal, Soraia Bandeira, que faz um trabalho vocal juntamente com a maestrina, e uma maestrina e preparadora vocal, que é a autora deste trabalho (Figura 10). A equipe de música sempre planeja as atividades coletivamente e faz um trabalho conjunto no momento dos ensaios; sempre voltado para o desenvolvimento musical e humano do integrante.



Figura 10 - Equipe de música da EMA-CA: à esquerda Soraia Bandeira, Preparadora Corporal/Vocal; no centro Manoel Theophilo, Pianista colaborador e professor de Teoria Musical; e à direita Christiane Alves, Maestrina e Preparadora Vocal. Imagem registrada por Amélia Nobrega.

O trabalho que a preparadora corporal/vocal desenvolve é bem particular, pois está voltado não só para o alinhamento corporal e postural e sim para a consciência do posicionamento do próprio corpo dentro do espaço em que o coralista está atuando. Através do trabalho de musicalização, conforme descrito no texto acima, os participantes do Coral Vozes da Infância passam a serem apresentados a diversos contextos musicais os quais são agregados a partir dos interesses e às suas concepções já pré-existentes, como afirma em entrevista concedida para este trabalho a preparadora vocal e corporal deste coral:

[...] eu sempre chego para as crianças tentando despertar nelas a consciência corporal, a consciência do corpo e a presença neste corpo porque a dispersão é muito grande. A nossa [cultura] é muito cerebral, e sendo muito cerebral é uma cultura de julgamento muito grande. A gente, o tempo inteiro, está julgando. Então nesse aspecto a gente está sempre muito deslocado do corpo e mente [demonstra expressão de mente dispersa] e eles chegam muito agitados, muito ansiosos, alguns muito tímidos, assim... introspectivos. Quando eu entro para fazer o trabalho corporal, eu sempre entro não só para fazer uma preparação para o canto, de alongar, de aquecer, para só então ir para as técnicas de ressonância. Eu sempre busco fazer trabalhos de integração com jogos, brincadeiras. A gente trabalha muito a musicalização através do corpo. Tem até um trabalho dos parâmetros do som que a gente faz que a gente utiliza várias brincadeiras para eles despertarem para esses parâmetros para não ficar uma coisa muito teórica, séria, chata. O tempo inteiro a gente está mexendo com esse corpo e usa alguns jogos teatrais também, que é para aquecer, interagir, acordar a noção de espaço. [...] (SORAIA BANDEIRA, 2017).

A teoria musical, neste ano, foi trabalhada de diversas formas, sendo realizados exercícios de apreciações musicais de material advindo de várias culturas diferentes, trabalhando a leitura de partitura em conjunto com o trabalho corporal e com o repertório do coro. Cada elemento novo que apareceu na partitura e cada elemento que veio somar e contribuir para o desenvolvimento do repertório foi trabalhado pelo professor de teoria musical. O professor Manoel Theophilo acredita numa formação em que a criança tenha uma visão crítica sobre sua própria vida, refletindo sobre quem ela é e o que ela quer ser no futuro.

Como maetrina do coro e pesquisadora, pude observar mais de perto nosso trabalho e como as crianças e os adolescentes que faziam parte do Coral reagiam às atividades. Percebi que cantar e reger em um coro são muito mais do que uma atividade musical. O coro é um espaço de compartilhamento de vozes, de olhares e de confiança. É um espaço onde o próprio cantar leva o ser para um estado de plenitude e presença, onde o coletivo gera consciência do individual, gerando assim, a confiança no outro e em si próprio.

3.7 Teste de seleção

O Coral apresenta certa rotatividade de coralistas. Um dos principais motivos desta rotatividade ocorre no último ano letivo do estudante na escola básica, pois, a EMA-CA atende estudantes até o nono ano. Ao completar o ensino básico, o aluno é direcionado para escolas Estaduais, dificultando o acesso ao transporte escolar, pois este segue uma rota fixa. Outro fator que contribuiu para a evasão observada em 2017 foi a falta de estruturas básicas para um bom funcionamento, tais como: água e lanche. Em virtude disto, a cada ano são

selecionadas novas crianças e adolescentes através de uma avaliação realizada pelo corpo de instrutores da equipe de música, que consiste, a princípio de uma audição.

As escolas básicas são contempladas e organizadas de acordo com a rota do ônibus. Logo quando foram iniciadas as atividades da EMA-CA, como foi dito anteriormente, só existia o Coral, então todas as vagas dos três ônibus escolares eram preenchidas com os integrantes do Coral. Atualmente, a EMA-CA tem turmas de linguagens artísticas diferentes: duas turmas de Teatro, uma turma de Artes Visuais e uma de Canto Coral, e, deve-se salientar que em 2017 o projeto EMA-CA teve a sua disposição apenas dois ônibus escolares para transportar todos os seus alunos.

As escolas que foram contempladas pelo Coral Vozes da Infância, no ano em que esta pesquisa de campo transcorreu, foram: a EMEF Anita Trigueiro do Valle, a EMEF Gal Ângelo Francisco Notare, a EMEF Apolônio Sales de Miranda e a EMEF Luiz Augusto Crispim. Estas escolas já participavam do projeto antes desta pesquisadora ingressar neste coral. Ao buscar maiores informações sobre os critérios para a escolha destas escolas junto a coordenação da EMA-CA, não obtive nenhuma resposta precisa que justificasse tais escolhas, porém as rotas dos ônibus permaneceram as mesmas devido as parcerias já estabelecidas entre a EMA-CA e os diretores das escolas básicas contempladas em anos anteriores. Foi realizada uma sucinta investigação a fim de encontrar documentos ou, mesmo relatos por parte do corpo administrativo da EMA-CA, que explicasse qual ou quais os critérios usados para a seleção das escolas básicas do município de João Pessoa. Contudo, não foi encontrado nenhum registro documental. Alguns relatos, por parte da coordenação e setor administrativo da EMA-CA, disseram que como o projeto disponha de apenas dois ônibus para pegar as crianças nas suas respectivas escolas, se fôssemos incluir outras escolas ao projeto ficaria difícil adequar essa nova demanda tanto pela falta de espaço nos ônibus quanto pelas rotas já estabelecidas para estes. Diante destas dificuldades e das demandas de apresentações requeridas para o coral, é feito um teste de seleção com os estudantes das escolas básicas atendidas.

A seleção começa a partir da escolha das escolas básicas a serem atendidas, pois o projeto, deveria ser disponibilizado para todas as escolas básicas, porém devido ao investimento governamental isto ainda não foi possível.

O teste é realizado no início do ano letivo em escolas municipais da cidade de João Pessoa. O número de vagas para coralistas depende da quantidade de vagas disponíveis nos ônibus que são cedidos pela prefeitura ou empresas parceiras, do tamanho do espaço para realização das aulas e da quantidade de profissionais dentro da equipe de música. Para o ano

de 2017, foram contempladas cinco escolas municipais foram abertas e preenchidas 40 vagas. No entanto, no primeiro ensaio só compareceram 25 coralistas, sendo concluído o ano letivo com apenas 14 coralistas, tendo ao todo, o número de 27 desistências.

Entendemos que os testes de seleção para coral implicando em uma violência simbólica (LIMA, 2016), pelo fato de reforçar a ideia do dom e do talento. Lima (2016) afirma que o dom e o talento musical são conceitos criados e mantidos socialmente, mascarando a desigualdade de oportunidades, ela afirma:

O dom e o talento musical são conceitos criados e mantidos pela sociedade, que mascaram as desigualdades de oportunidades. Tais conceitos fazem com que o indivíduo acredite que o ser já nasce com disposições e habilidades específicas, esquecendo de todo um contexto onde essas pessoas “Talentosas” estão inseridas (LIMA, 2016, p. 2).

Portanto, os alunos que tiveram mais contato com ambientes musicais, e tiveram uma percepção musical mais ativa em sua vida, terão um melhor desempenho no teste de seleção fazendo com que a sua musicalidade construída previamente em sua vida, reafirma-se diante daqueles que não tiveram a mesma oportunidade. Deste modo esta desigualdade é firmada e a vantagem daqueles que apresentam mais “talento” é reafirmada.

Diante da atual conjuntura que envolve a falta de recursos financeiros e uma grande procura por parte dos estudantes das escolas básicas, esta prática ainda acontece no Coral Vozes da Infância, porém tentamos pensá-la de uma forma mais humanizada, em que os alunos sintam um impacto menos agressivo, caso não passem e saiam direcionados para refletirem sobre a própria percepção musical.

3.7.1 Etapas do teste de seleção

Os testes foram feitos com alunos do quinto ao nono ano, sendo solicitado aos (as) diretores (as) das escolas que informassem a todos os alunos sobre os dias das audições, a fim de que todos que tivessem interesse pudessem participar. Dependendo do número de alunos inscritos, as audições podiam ser divididas em mais de uma turma, proporcionando uma maior atenção a cada um dos inscritos (Figura 11).



Figura 11 - Realização de uma das etapas do Teste de Seleção. Imagem registrada por mim.

Os testes de seleção são guiados pela maestrina, pianista e preparadora vocal/corporal e acontecem em três etapas. A Primeira Etapa consiste no primeiro contato que a equipe irá ter com as crianças; a Segunda Etapa é uma breve preparação para o teste em grupo; na Terceira Etapa são exigidos os mesmos exercícios realizados na etapa anterior, porém em um primeiro momento em trios e em seguida individual; e por fim, a Quarta Etapa que consiste na definição de quais foram as crianças e adolescentes selecionadas. Os testes aconteceram nas escolas básicas em que os alunos estudam. Os locais que foram realizados os testes dependeram da disponibilidade das salas e aconteceram em espaços como biblioteca, salas de vídeo e em algumas escolas, em salas de aula.

Primeira etapa:

1. Apresentação da equipe de música – Neste momento a equipe de música faz uma breve apresentação e explica aos alunos o motivo de se fazer os testes, relatando que há um baixo número de vagas nos ônibus, o tamanho do espaço e a pequena quantidade de profissionais da equipe de música;
2. Explicação sobre o que é a EMA-CA – A equipe faz uma explanação sobre a EMA-CA, explicando onde se localiza e como se dá o seu funcionamento.
3. Discussão sobre canto coral – Uma breve conversa sobre canto coral, perguntando se os estudantes sabem o que é um coral, se já cantaram ou cantam em algum coro ou se já viram algum coral apresentar-se no teatro, internet, eventos, TV etc.
4. Explicação sobre o que é o Coral Vozes da Infância – Neste momento a equipe faz uma breve introdução sobre o Coral Vozes da Infância.

5. Conversa para saber do interesse do aluno em participar da atividade coral – Neste último ponto perguntamos sobre a disponibilidade do aluno em participar do coro, informamos os dias e horários de ensaios, os horários nos quais o ônibus escolar irá passar na escola de cada um deles para os pegar e o horário de encerramento de nossas atividades.

Ao receber os alunos percebi que muitos foram realizar o teste mais por curiosidade, pois alguns entravam na sala perguntando o que iria ter. Então, para o início das atividades esclarecíamos todas as dúvidas dos alunos e explicávamos toda estrutura de funcionamento do Coral Vozes da Infância.

Percebi nesta primeira etapa que a maioria dos alunos quando perguntamos se já viram um coral se apresentando, afirmavam ter visto o coral da igreja. Deste modo, a igreja tem-se mostrado como um local de grande relevância musical no cenário que eles se encontram.

Muitos os alunos encontravam-se bastante nervosos ou tímidos ao realizarem o teste.

Segunda etapa:

1. Atividade de relaxamento corporal em grupo – Neste momento a preparadora corporal realiza exercícios de relaxamento e alinhamento corporal com os alunos para acalmar a mente, relaxando o corpo para diminuir a ansiedade das crianças e adolescentes, amenizando a tensão, medo ou timidez no momento de cantar. Os exercícios consistem em visualizações para trabalhar a cinestesia, o reconhecimento e conscientização do próprio corpo no espaço, respeitando, sempre, o espaço do outro. Em seguida, através da cinestesia são realizados exercícios de respiração.
2. Vocalizes em grupo – Este momento é utilizado para ensinar os vocalizes que serão realizados na terceira etapa trabalhando ligeiramente a percepção rítmica e melódica. As crianças e adolescentes fazem os vocalizes por meio de imitações. Grande parte do tempo desta etapa apresenta uma atmosfera lúdica. Ao perceber dificuldades em realizar alguns exercícios, estes são substituídos por outros com menor grau de dificuldade.

Terceira etapa:

Nesta etapa os exercícios da segunda etapa são repetidos, porém todos os alunos são orientados a se sentarem e a equipe de música passa a chamar três alunos por vez para realizarem os exercícios, onde a princípio os três convocados cantarão em trio e individualmente intercalados. Essa sequência é utilizada com o objetivo de deixar os estudantes mais tranquilos na hora de cantar.

Contudo, é mantida certa atenção por parte da regente, que, ao perceber sinais sugestivos de timidez ou medo de cantar, procura fazer uso de exercícios lúdicos e de relaxamento para em seguida dar continuidade as audições.

Quarta Etapa

Como critérios de seleção das crianças e jovens, a equipe do Coral Vozes da Infância observa o desempenho rítmico e melódico, sendo requerido um nível mínimo de afinação, além de consciência de pulsação e ritmo.

Os Testes de Seleção para entrar na EMA-CA, para muitas das crianças e adolescentes, estão envolvidos por tensão e apreensão pelo que irá vir a ser solicitado. Tudo ainda é muito novo para eles, alguns nunca ouviram termos como ‘vocalizes’, ‘colocação vocal’, ‘parâmetros musicais’, ‘solfejo’ etc. Ciente disto, a equipe do Coral procurou formas de interagir com eles procurando mantê-los relaxados e descontraídos. Para isso foram desenvolvidos movimentos corporais associados com relaxamento e respiração (Figura 12).



Figura 12 - Exercício de relaxamento conduzido pela preparadora corporal Soraia Bandeira. Imagem registrada por mim.

3.7.2 Movimentos corporais associados aos exercícios de relaxamento durante o teste de seleção

A preparadora corporal/vocal pede para que todos se posicionem formando um grande círculo. Depois disso o estudante é orientado a explorar o seu próprio espaço de modo que não ocupe o espaço do outro, dando um passo à frente ficando uma à frente e o outro um

pouco mais atrás, de forma intercalada formando dois círculos (quando a turma fosse muito grande). Assim, todos ficam livres para movimentar-se nos exercícios corporais.

Os exercícios são escolhidos de acordo com o comportamento social e musical da turma que está submetendo ao teste. Se a turma é bastante agitada, diante disto são feitos exercícios mais voltados para o relaxamento e foco. Quando a turma é mais quieta e tímida, são feitos exercícios para deixá-los mais extrovertidos e a vontade fazendo uso de exercícios mais agitados com os alunos. Abaixo segue a descrição de alguns destes exercícios realizados no teste de seleção.

Exercício 1- A professora pede para que todos os estudantes silenciem e comecem a sentir os pés bem fixos no chão, que procurem sentir os dedos dos pés e as plantas dos pés. Em seguida, pede para que destravem os joelhos, pede para relaxar os quadris soltos e pouco a pouco vai citando partes do corpo que precisam ser relaxadas e acalmadas. Quando todos se encontram relaxados, a professora direciona a atenção do aluno para a respiração e começa a trabalhar o controle da respiração. Pede-se que o aluno coloque uma mão no peito (esterno) e a outra no abdômen, e pede que ele apenas sinta como está a sua respiração. Explica-se em seguida sobre a importância que a respiração tem durante o ato de cantar e em seguida realizamos exercícios de respiração procurando otimizar a utilização dos seus principais músculos (intercostal e diafragma) expandindo os pulmões para baixo e para fora, empurrando os órgãos para baixo e expandindo as costelas. Quando a turma estava realizando o teste encontrava-se muito agitada, este exercício de respiração era feito com o aluno deitado ou sentado confortavelmente em sua cadeira.

Exercício 2- Com os pés firmes no chão na largura dos ombros os alunos destravam os joelhos e vão se debruçando lentamente para frente. Ao estarem totalmente debruçados, balançam sutilmente para um lado e para o outro deixando a cabeça suspensa e relaxada. Após isto eles irão subir vagarosamente ‘desenrolando’ a coluna, vértebra por vértebra, sendo a cabeça a última a voltar para a posição natural.

3.7.3 Exercícios vocais coletivos para familiarizar os candidatos no momento do Teste de Vocalizes

Exercício 1- Os alunos ficam com os olhos fechados e passam a ouvir todos os sons produzidos no espaço em que se encontram, assim como os sons vindos de fora como: ar condicionado, ventilador, sons das outras salas, crianças conversando fora da sala etc. Após isso, o pianista toca uma nota e as crianças volta a sua atenção para este som, e a orientadora

corporal/vocal pede para que os alunos respirem a nota no sentido de trazer para si este som e focar atenção para a altura do som.

Exercício 2- Os alunos abrem os olhos e continuam a produzir o mesmo som. Em seguida a maestrina parte da mesma nota do exercício anterior e faz um exercício utilizando graus conjuntos ascendente, depois voltando para mesma nota, subindo ascendentemente de meio em meio tom (Figura 13).

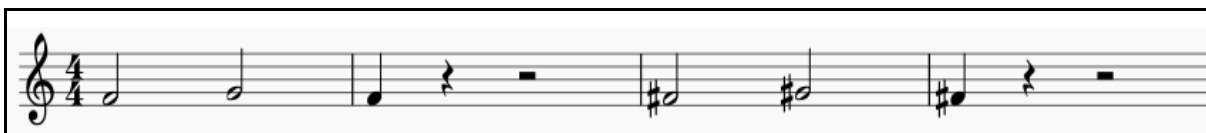


Figura 13 - Partitura de Graus Conjuntos.

Exercício 3- Os estudantes realizam vocalizes por graus conjuntos ascendentes e descendentes até a quinta, subindo de meio em meio tom a cada repetição.

Exercício 4- A maestrina propõe um jogo de imitação, ela começa a falar com a voz empostada e pede para que os mesmos sons sejam reproduzidos pelas crianças. Com o objetivo de trazer as vozes das crianças e adolescentes para a região da máscara facial e descontraí-los para amenizar a timidez dos estudantes.

Mesmo fazendo o teste de seleção percebemos que em um coro, cada sujeito encontra-se em diferentes graus de musicalidade e técnica vocal. Estas habilidades musicais podem ter sido previamente construídas a partir do contato e envolvimento com a música em sua trajetória de vida. Se os pais cantavam afinado, se os pais costumavam escutar música com frequência, se desde pequeno participava de igrejas em que a prática musical era presente ou até mesmo assistindo a desenhos em que se privilegiava a música (musicais), a criança terá uma maior possibilidade de incorporar essa prática em sua vida e irá tornar-se “mais musical” no futuro.

Sendo assim, no coro infanto-juvenil, estas crianças e jovens que tiveram essa experiência musical desde a primeira infância poderão se destacar perante os outros com a musicalidade mais afluída e muitas vezes com uma boa colocação vocal, apoio e afinação mais desenvolvida. Quando estes jovens cantores providos de maior capital cultural são colocados em contato com outros jovens, dependendo do tratamento e direcionamento que será feito entre eles e os colegas, todos poderão ser motivados e o crescimento vocal grupal e pessoal poderá ser maior. O corista que não apresenta uma boa colocação vocal poderá espelhar-se naquele que já o tem.

Ao interagir coletivamente, os integrantes vão gradativamente buscando a unificação do som até provocar no ouvinte a sensação de escutar todas as vozes soando como uma só, sendo guiados pelos regentes e preparadores vocais. É comum colocar os coristas que possuem uma melhor colocação vocal em pontos estratégicos, ou melhor, bem distribuídos dentro do coro, para que estimule o equilíbrio sonoro. Os coralistas que possuem a voz mais desenvolvida, tecnicamente, vão funcionar como pilares para outras vozes. Consequentemente, através do aprendizado coletivo, provavelmente, acontecerá uma transformação musical em cada integrante. Até mesmo no modo em que se posicionam para cantar nos ensaios e nas apresentações vão ser unificados para poder cantar de forma saudável e confortável para ter um bom resultado sonoro com menos esforço.

É comum e necessário como afirmam estudos (técnica vocal) realizar um aquecimento vocal antes de começar o ensaio do repertório. Alguns regentes e preparadores vocais utilizam esse espaço para ensinar a técnica vocal (respiração, apoio, ressonância, alinhamento corporal, projeção, dicção e afinação) e para resolver problemas do repertório.

Sendo assim o coral pode desenvolver um papel relevante na construção musical coletiva, pois apresenta um espaço com suas próprias características e códigos comportamentais e musicais provocando, consequentemente, uma construção musical individual do corista.

3.8 Ensaios

A equipe de música reúne-se duas vezes na semana (quartas e sextas-feiras) para planejar os ensaios. No planejamento são discutidas as metodologias a serem utilizadas e os repertórios que serão trabalhados nos ensaios subsequentes, refletindo sobre as dificuldades dos integrantes e o que fazer para alcançar resultados melhores com a atividade pedagógica. Os ensaios costumam acontecer de forma sistemática, nos quais as aulas de teoria acontecem juntamente com o trabalho corporal, sendo trabalhados de forma lúdica e dinâmica os aspectos teóricos, a exemplo dos parâmetros musicais.

Cada profissional realiza suas atividades de forma articulada com as dos colegas. Ao terminar uma aula o próximo professor dá continuidade acrescentando novas ideias e focos. Nos ensaios são trabalhados os vocalizes, que contribuem imensamente para o desenvolvimento da técnica vocal nos coralistas, devendo ser executados de forma que o corpo todo os compreenda e assimile. Com o domínio da técnica vocal os integrantes do Coral

passam a ter mais possibilidades de realizarem qualquer música do repertório sem fazer muito esforço físico e vocal, possibilitando uma maior expressividade, leveza e prazer ao cantar.

Nas aulas de preparação corporal do Coral Vozes da Infância, a professora responsável por essa prática realiza exercícios de relaxamento e conscientização do próprio corpo dos coralistas. Nestas práticas são feitos exercícios para compreender a pulsação, ritmo e parâmetros musicais. Em seguida, continuando o trabalho, a maestrina começa com os exercícios vocais, realizando com o Coral alguns vocalizes que irão facilitar na passagem do repertório (Figura 14). Todos os exercícios são feitos de forma contínua, dando a ideia de linearidade como se apenas uma única atividade estivesse sendo desenvolvida.



Figura 14 - Exercícios de vocalizes por graus conjuntos

Compreendo, assim, que a técnica vocal é necessária para se ter um bom resultado sonoro, primando pela qualidade e saúde vocal dos integrantes. O Coral deve ser um ambiente em que as crianças se sintam seguras para se expressar através da voz e do corpo. Aspectos de motivação são importantes estarem sempre presentes e o profissional que está à frente deve manter atenção ao desenvolvimento social, musical, técnico e humano de cada coralista e do grupo em si.

3.8.1 Movimentos corporais como auxílio para o canto e musicalização

A literatura relativa ao canto coral afirma que o corpo é uma ótima ferramenta para musicalização e para conseguir um bom desempenho vocal utilizando movimentos corporais no ensino do canto. Para chegar a resultados sonoros satisfatórios, alguns professores criam determinados gestos corporais e o associam ao som (DALCROZE, 2018). Ou seja, para realizar um som com ressonância alta, o gesto de desenhar o percurso do som levando a mão até a cabeça para que o movimento auxilie na colocação vocal, transforma o movimento físico na sensação que o corpo e a voz produzem para alcançar o resultado sonoro (SOUSA, 2010).

Assim, faz-se imprescindível que os corais, principalmente infantis, desenvolvam uma preparação vocal (respiração, apoio, emissão vocal, dicção e movimento corporal) adequada, o que pode ser obtido por meio de movimentos corporais relacionados à voz

cantada, partindo sempre do contexto do aluno para provocar e estimular o aprendizado vocal, corporal e humano.

Muitos cantores tendem a se preocupar, excessivamente, com a técnica vocal, a fim de alcançar o som ideal. Esta preocupação acontece uma dissociação entre corpo, voz e emoção. Para uma boa produção vocal o corpo, o intelecto, as emoções e dimensões cognitivas devem agir em harmonia e, assim, desenvolver uma melhora no resultado vocal (BRAGA; PEDERIVA, 2007).

A preparação corporal e vocal do Coral Vozes da Infância são associadas às práticas de musicalização e aula de técnica vocal. A equipe de música utiliza em suas aulas movimentos corporais com o objetivo de possibilitar aos coristas compreenderem a teoria musical, a técnica vocal e repertório com o intuito de provocar nestes o aprendizado através do próprio corpo de forma lúdica e eficaz provocando uma melhor interação e motivação entre os integrantes (Figura 15).



Figura 15 - Realização do repertório musical utilizando, de forma lúdica, movimentos corporais. Imagem registrada por Soraia Bandeira.

3.9 Metodologia das aulas e ensaios

Há um envolvimento de todos da EMA-CA com o intuito de receber as crianças e adolescentes para dar inícios às atividades do ano letivo e por em prática todas as atividades planejadas, que envolve desde a receptividade para a primeira aula, os trabalhos que desenvolvidos no transcorrer do ano e as apresentações.

Primeiro dia de aula (18 de abril de 2017).

Todas as áreas artísticas recebem as crianças e adolescentes, preparando uma atividade coletiva em que cada professor fala suas expectativas para o ano que se inicia. Cada ano é escolhido uma das áreas artísticas para que os professores se unam e apresentem para os alunos alguma atividade em conjunto. Sendo, neste ano, a área escolhida para ser apresentada foi à música através do canto coletivo.

Os professores de música prepararam duas músicas com toda equipe de trabalho da EMA-CA. As duas músicas apresentadas foram: *Bom dia*, um cânone que fala sobre o bom dia em quatro idiomas diferentes e a outra música foi *A lua girou* de Milton Nascimento. Ambas as músicas sob o acompanhamento do pianista Manoel Theophilo.

Foram apresentados três filmes de curta duração, onde foram abordadas temáticas importantes para o convívio social, priorizando a arte e o respeito pelo próximo. O primeiro foi uma animação que se chamava *Cumadre Florzinha*, que abordava a temática do *bulling*, da violência e exercitava a bondade e o respeito; O segundo, foi uma cena de um filme que fazia uma reflexão sobre o que é ou não arte; e o terceiro, abordava a arte em vários espaços. Por fim, foi solicitado que todos os alunos fizessem uma autorreflexão sobre as temáticas exploradas nos filmes a fim de serem discutidas na próxima aula.

Segundo dia de aula (20 de abril de 2017)

Aconteceu o primeiro ensaio do Coral Vozes da Infância. A equipe estava bem-disposta, empolgada e curiosa em saber qual seria a sonoridade do coral. Inicialmente, foram feitas breves falas por cada um dos professores apresentando as expectativas para esse ano. As falas dos professores sempre cheias de “sedução”, com o intuito de mostrar para as crianças o que o canto coral tem de melhor procurando mostrar para cada um dos coralistas o que há de melhor nesse novo ambiente cultural. Em seguida cada coralista falou sobre suas expectativas para o ano letivo que se inicia.

Soraia fez um trabalho corporal através de uma dinâmica de aquecimento. Primeiro as crianças caminhavam dentro de um pulso estabelecido por ela através de estalos de dedos; posteriormente ela inseria comandos como, correr, pular, girar e caminhar, tudo isso dentro de um pulso que hora acelerava e hora retardava. A dinâmica se completou quando foi dado o comando para formarem duplas e assim se iniciou a próxima dinâmica. Com as duplas formadas, Manoel assumiu, pedindo para cada par se apresentar um para o outro e falar de seus gostos musicais, assim como o que gosta de fazer nas horas vagas. Depois delas se apresentarem umas para as outras elas se uniram em um grupo maior, onde cada um apresentou o colega que formava a dupla dizendo os seus gostos musicais e o que o(a) colega gostava de fazer.

Uma discussão sobre o encontro anterior se formou, refletindo o que era arte, chegando à conclusão pelos próprios alunos que “arte era tudo aquilo que era feito com o objetivo de ser arte”. Deixando todos os professores surpresos com esta conclusão.

Em seguida a maestrina assumiu a turma fazendo exercícios de pulsação com o corpo, exercícios vocais com terça e quinta descendente por graus conjuntos, uníssono e em cânon (Figura 16).



Figura 16 - Partitura de Quinta em Canon.

A primeira música a ser trabalhada foi a mesma cantada pelos professores no primeiro dia de aula, “Bom dia”. O coral cantou o “Bom dia” em cânone a três vozes e os coralistas demonstraram um pouco de insegurança no início. E esta insegurança foi resolvida com a realização de movimentos corporais associados ao canto, que foram divididos em quatro etapas. Conforme descrito abaixo:

1º Bom dia: Mãos ao lado do corpo;

2º Good Morning: Mãos na cintura;

3º Guten Morgen: Mãos vibrando acima da cabeça (Nota mais aguda);

4º Buenos dias: Mãos em movimento único de cima para baixo à frente do corpo, imitando a melodia.

Em seguida, o professor de Teoria Musical assume a turma, neste momento foram realizados exercícios de apreciação musical. O professor apresentou seis músicas de estilos e períodos diferentes, as crianças ouviam cada música e a descreviam em um papel. Diziam se gostaram, o que sentiram e o que lembravam ao escutar cada música.

De início, Manoel pediu para que sentassem intercalando uma cadeira vazia. Foi quando o medo e a surpresa surgiu nos rostos dos alunos seguidos da pergunta: - Hoje é prova!?!?!? Então, Manoel explicou que não, era apenas para eles fazerem a apreciação individualmente e que não existia certo nem errado neste exercício. Depois disto, as faces expressas de medo e tensão, foram substituídas por uma expressão de alívio.

As músicas foram: Sahanã Vavatre- Havi Shankar; 5ª sinfonia\1- Ludwig van Beethoven; Smeels like teen spirit- Nirvana; Roça Roça 2 – MC Brinquedo; Mourão - Guerra peixe Rainha da noite - Wolfgang Amadeus Mozart.

Descrição de alguns pontos trabalhados nas aulas:

Grande parte dos exercícios de teoria musical e preparação corporal que eram realizados com os coristas tinham um caráter lúdico. Foi utilizada a música *Os Escravos de Jó* com o intuito de trabalhar o pulso (Figura 17). Nela, os coristas davam um pulso a cada pulsação. E esta acelerava ou diminuía de acordo com o comando do professor (a) que estava à frente.

Os escravos de Jó Anônimo

Allegro

Os es - cra - vos de Jó jo - ga - vam ca - xan - gá os es - -gá Ti - ra bo - ta

8
dei - xa o Zé Pe - rei - ra fi - car Guer - rei - ros com guer -

12
rei - ros fa - zem zi - gue zi - gue zá Guer - -zá

Figura 17 - Trecho da partitura da canção "Os Escravos de Jó", de autoria anônima.

O desenvolvimento rítmico é bastante importante em um coro, pois os integrantes precisam sentir a pulsação coletivamente de forma que todos passem a articular e cantar dentro do mesmo pulso. Para isso são realizados os exercícios de musicalização. Neste próximo exercício foram utilizadas palmas para os coristas manterem a mesma pulsação. Os alunos sentam-se fazendo um grande círculo em seguida é dada a pulsação, os alunos começam a passar a palma de um para outro, obedecendo ao sentido circular, sem perder o pulso. Este exercício é importante para o trabalho em grupo e para os coristas desenvolverem uma pulsação coletivamente.

Da mesma forma que foi trabalhado no exercício anterior, este próximo mantém a mesma ideia de posicionamento e ação, porém o que é passado de um para o outro é uma nota musical. Os coristas são posicionados um ao lado do outro formando um círculo, onde eu canto uma nota musical e todos os integrantes, um de cada vez, emite a mesma nota de forma que pareça que o som está caminhando linear e continuamente sem interrupções. Deste modo, a primeira pessoa a emitir a nota musical deve manter a dinâmica mezzo forte, em seguida outra pessoa emite a mesma nota começando pianíssima e fazendo um crescendo até chegar na mesma dinâmica que a pessoa anterior, enquanto esta faz um diminuendo até parar de

emitir o som. Este exercício auxilia no desenvolvimento do fraseado musical, do controle da respiração, da percepção melódica e da concentração do grupo.

Outro exercício também trabalhado nas aulas chamado de *Amarelinha Musical*, onde os coralistas brincam em uma amarelinha que tem o desenho das notas musicais em cada “casa” (Figura 18). Desta forma, podem-se treinar graus conjuntos e intervalos curtos. A cada salto uma nota da escala é cantada pelos coralistas. Estes exercícios serviram para treinar a coordenação e para praticar a percepção melódica.

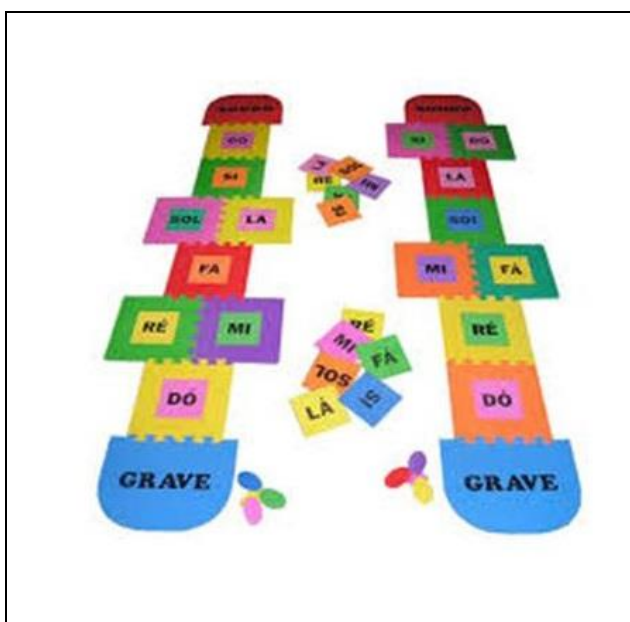


Figura 18 - Amarelinha Musical utilizada na prática de musicalização. Imagem disponível na Internet.

Um exercício bastante utilizado nos ensaios pela maestrina é o manossolfa (Figura 19), nesta prática cada nota musical é apresentada por sinais diferentes realizados com a mão, e ao praticar, os alunos tem a reação sonora com cada imagem representada pelos sinais manuais e aprendem a memorizar os intervalos musicais.

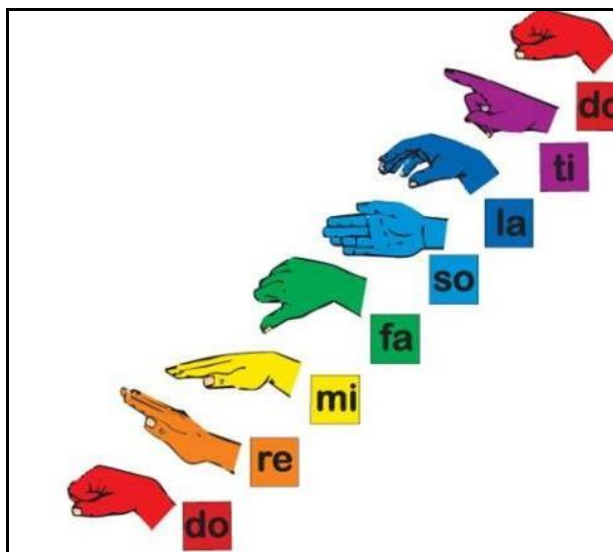


Figura 19 - Ilustração dos exercícios de manossolfa. Imagem disponível na Internet.

Outro exercício utilizado, quando a equipe trabalhou os parâmetros do som, foi o jogo conhecido como *quente e frio*, porém a medida do quente e frio se dá pelo som forte e piano. Este acontece da seguinte maneira: O coral escolhe um pequeno objeto para a brincadeira, todos observam o objeto, em seguida é escolhida uma pessoa para iniciar, esta fica do lado de fora da sala, enquanto os outros coralistas escondem o objeto pela sala. Quando o (a) coralista entra na sala ele (a) tenta encontrar o objeto, sendo guiado pelo som dos colegas que emitem uma só nota variando apenas a intensidade quando a pessoa que busca o objeto aproxima-se ou distancia-se do objeto escolhido até encontrá-lo.

3.9.1 Atividade de improvisação coletiva

Antes de trabalhar o repertório em grande parte dos ensaios, foi realizada esta atividade de improvisação coletiva que consiste em vários ostinatos sobrepostos e criados pela própria regente e pesquisadora. Tive contato a primeira vez com esta atividade no congresso da ISME que foi realizado em 2017, através da Oficina de “Canto Coletivo Improvisado” ministrado pela facilitadora e a partir deste, passei a integrá-la nos ensaios do Coral. O canto coletivo improvisado é chamado de Canto circular e conhecido internacionalmente como Circlesong, os autores Santos e Brito (2018) conceituam como:

O Canto Circular é comumente definido como um círculo de improvisação vocal realizado com distinto número de participantes, em que geralmente um membro do grupo mais experiente, um facilitador¹, canta improvisadamente uma curta frase musical. Este mote é repetido em “loop” por um naipe de vozes, criando-se sobre este outros “loops” para os demais naves - baixo, tenor, contralto e soprano -, construindo uma polifonia. O facilitador pode improvisar em solo ou indicar que algum participante possa solar. Esta

prática prioriza o fazer musical coletivo, partindo do improviso, da criação espontânea e da regência. O termo Canto Circular é a tradução do termo em inglês Circlesong (o objeto) ou Circlesinging (a ação), originado nas últimas décadas. Em 1997, Bobby McFerrin e o grupo Voicestra consagraram esta prática artística ao gravar o álbum chamado “Circlesongs”. Paralelamente, no Brasil, a partir de 1995, Fernando Barba e Stenio Mendes, importantes músicos e educadores musicais da cena paulistana, se encontram e iniciam uma fértil colaboração na criação de jogos de improviso, composições, exploração timbrística da voz, percussão corporal e manossolfa. Alguns dos exercícios mais conhecidos - Minimal, Carrossel e Contágio – são feitos em círculo, sem regência ou com regência compartilhada. Trabalha-se a partir de motes que se repetem, explorando texturas rítmicas, melódicas e harmônicas com sons do corpo e da voz (SANTOS; BRITO, 2018).

O canto circular foi utilizado para diversos fins nos ensaios, uma das grandes finalidades era desenvolver e trabalhar músicas que estavam no cotidiano dos coralistas. Pois o repertório deste ano contemplou apenas o compositor Paulo Ró. Portanto ao desenvolver o canto improvisado, a equipe de música pode conhecer um pouco mais do repertório que os alunos contemplavam em seu cotidiano com um olhar para a diversidade cultural.

Em uma das aulas, perguntamos aos coralistas qual o tipo de música que eles mais gostavam de ouvir, e as repostas foram bem variadas. Através destas respostas pude montar a próxima atividade de canto circular que consistiu em uma criação do estilo musical Funk. Os coralistas e a equipe que também participou se divertiram muito, se expressando até mesmo com a dança misturada com os ostinatos vocais.

Boa tarde

Todas as tardes antes dos ensaios os coralistas reúnem-se em um mesmo espaço para o que a equipe da EMA-CA chama de “Boa Tarde” (Figura 20), que é o momento em que todos se encontram e os professores dão boas-vindas para os alunos e alunas, momento utilizado também para dar informes. No ano anterior este momento era utilizado também para servir lanches para os estudantes, porém no ano corrente desta pesquisa a escola dispunha apenas de biscoito, sendo estes distribuídos no final das atividades.



Figura 20 - Acolhimento das crianças guiado pela Coordenadora Amélia Nobrega. Imagem registrada por mim.

No decorrer do ano, devido a atrasos dos ônibus escolares e falta de lanche, este momento de acolhimento não foi mais possível, pois o segundo ônibus demorava muito para chegar, assim, os professores optaram em começar imediatamente as atividades e os coralistas passaram a chegar na Estação das Artes e seguirem direto para as suas respectivas salas, sendo recebidas pelos seus professores.

3.10 Repertório

O repertório escolhido para ser trabalhado este ano foi o ciclo de canções de Paulo Ró e Ronald Klaver, e mais duas canções que não pertenciam a este ciclo. O repertório tinha certo grau de complexidade, pois nele havia intervalos que não são habituais na literatura coral, além de ter uma grande complexidade rítmica, apresentando vários contratempos. Contudo, criamos, entre nós professores da equipe de música, um lema importante: *Não subestime as crianças*. Este nos guiou durante todo ano letivo, tomando o devido cuidado com a voz dos integrantes, ensinando a técnica vocal adequada para a idade e desenvolvimento vocal do Coro.

O repertório apresentava 9 músicas pertencentes ao ciclo de canções “O Jardim dos Animais”: *Os Bichos*, *O Gorila*, *O Pavão*, *O Crocodilo*, *O Galo*, *O Rinoceronte*, *A Girafa*, *O Elefante* e *A Palavra Esperança*. Estas canções não apresentavam registros escritos, porém a equipe de música passou a reunir-se todas segundas e quartas feiras para transcrever e fazer os arranjos para coro e piano. Além do “Jardim dos Animais”, foram trabalhadas também as canções: *O Passarinho do Mato*, autoria de Paulo Ró, e um trecho da música, *Morte do Navio*, de Pedro Osmar, que foram apresentadas como trilha sonora numa das peças da professora de teatro da EMA-CA, Fabíola Moraes. *O Passarinho do Mato* foi a música do repertório que os coralistas mais gostavam de cantar. Isso era percebido pela equipe, pois quando chegava a vez de passá-la no ensaio, todos faziam sons de comemoração e alegria. Dentro do repertório de 2017, também foram desenvolvidas pelos coralistas a música *O Milhão*, de Paulo Ró e Águia Mendes.

3.11 Apresentações musicais e outras atividades

As apresentações musicais têm o intuito de compartilhar com a plateia todo resultado sonoro trabalhado durante as aulas, além de ampliar o fazer musical com todas as pessoas que apreciam a música coral.

O Coral Vozes da Infância surgiu, em 2010, para ser um coro de excelência. Portanto, ao ser criado foi oferecida uma grande estrutura para atender a todos os integrantes da equipe, inclusive os regentes que vinham de fora do Estado. Um investimento era feito para apresentações, como compra de uniformes, lanches e jantares para os coralistas. Neste período, o Coral realizou vários concertos que contaram com a participação da Orquestra Sinfônica Municipal de João Pessoa e da Banda 5 de Agosto, da prefeitura de João Pessoa. Participou também da abertura do 2º Festival Internacional de Música Clássica de João Pessoa, entre outras. Este foi um período em que um maior foco foi destinado às apresentações.

No ano de 2017, o Coral desenvolveu várias atividades fazendo uma série de concertos, realizando apresentações nas escolas participantes e no Mosteiro São Francisco, participou da gravação do CD *Marimbau*, de Fernando Pintassilgo, interpretando a canção *O Milhão*, e por fim, realizou dois concertos na Estação Ciências.

3.11.1 Apresentações nas Escolas Básicas da Rede Municipal de João Pessoa

No final do ano letivo de 2017, os alunos de todas as habilidades artísticas da EMA-CA realizaram apresentações nas escolas básicas das quais vieram estudantes para o Coral Vozes da Infância. Foram duas peças de teatro, sendo uma com participação do Coral, a turma de Artes Visuais distribuiu um material impresso produzido pelos próprios alunos e o Coral apresentou o Concerto Jardim dos Animais (Figura 21).



Figura 21 - Apresentação realizada nas escolas. Imagem registrada por Soraia Bandeira.

Para estes eventos foram cedidos alguns espaços, como ginásio esportivo, refeitório e pátio da escola. Os espaços costumavam ser preparados pelas próprias crianças e adolescentes que estudavam na escola em que haveria as apresentações. Geralmente, quando a equipe da EMA-CA chegava no local do evento, este já se encontrava arrumado e pronto para o espetáculo (Figura 22).



Figura 22 - Plateia formada por crianças das escolas básicas para assistir o Coral. Imagem registrada por Amélia Nobrega.

3.11.2 Apresentação no Mosteiro São Francisco

Para a apresentação no Mosteiro São Francisco, foi realizado um ensaio geral, a fim de testar todas as logísticas, como a acústica da igreja, a distribuição dos coralistas no altar (palco), assim como a articulação entre uma atividade e início da outra, já que cada apresentação da EMA-CA aconteceu em espaços diferentes do mosteiro.

As apresentações foram abertas ao público em geral e foram convidadas, pela prefeitura, algumas escolas da rede municipal de João Pessoa para levarem seus alunos para prestigiar e conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos da EMA-CA.

Através desta apresentação pude perceber a carência cultural que o público apresentava. A princípio fizemos uma visita, na qual formamos pequenos grupos, que visitaram as exposições da turma de Artes Visuais, cujas obras ficaram distribuídas por vários espaços do Convento de São Francisco. Em seguida foi apresentada, no claustro da igreja, uma peça teatral elaborada e executada por uma das turmas de teatro da EMA-CA, esta coordenada pela professora Ingrid. Após a conclusão dessa apresentação, foi a vez da outra turma de teatro, coordenada pela professora Fabíola. A peça foi realizada no altar e contou com a participação do Coral Vozes da Infância (Figura 23). Por fim, aconteceu a apresentação solo do Coral (Figura 24).



Figura 23 - Apresentação do Coral Vozes da Infância, juntamente com o grupo de Teatro da EMA-CA. Imagem registrada por Alex Viana



Figura 24 - Apresentação no Mosteiro São Francisco. Imagem registrada por Alex Viana.

3.11.3 Gravação no Estúdio

No decorrer do ano, o Coral Vozes da Infância recebeu um convite especial para fazer uma gravação de uma faixa do CD *Marimbau*, de Fernando Pintassilgo (Figura 25) no estúdio de Sérgio Gala. Deste modo, foram feitos três ensaios focando nesta atividade. Os coralistas ficaram muito felizes com o convite e fizeram os ensaios com bastante atenção e ânimo. No último ensaio, antes da gravação, o arranjador da música e protagonista do CD,

participou do ensaio tocando *marimbau*⁷. Fernando Pintassilgo apresentou seu instrumento para o coro, contando a história e suas peculiaridades, mostrando também como se tocava o instrumento. As crianças ficaram muito entusiasmadas por ter conhecido este músico maravilhoso e carismático. E gostaram muito do som do marimbau.



Figura 25 - Capa do CD *Marimbau*, de Fernando Pintassilgo.

No dia da gravação, os alunos estavam bastante ansiosos e, em sua maioria, nervosos por nunca terem gravado em estúdio. Quando entraram na casa onde se encontra o estúdio, se depararam com outra realidade muito diferente da que eles já conheciam, pois o espaço do estúdio é um lugar bastante agradável. Ao entrarem nesse ambiente, os alunos depararam-se com uma sala de estar que dava acesso a uma varanda, onde todos ficaram debruçados contemplando a linda vista, bastante verde e tranquila.

Antes dos coralistas entrarem na sala de gravação, Soraia fez alguns exercícios de relaxamento para tranquiliza-los, focando na respiração e na concentração. Ao entrarem, pude observar rostos de surpresa, admiração e um pouco de inquietude. Sentimentos que se mesclavam com a felicidade de estarem naquele lugar; além do mais, tinham em suas faces a

⁷ **Marimbau:** é tocado com uma baqueta que percute as duas cordas e com um vidrinho que "passeia" pelo braço do instrumento. Por essa característica, é um instrumento de corda que é bem explorado por percussionistas. Medidas: 76 x 21 x 7 cm, com detalhes em osso no cavalete, nas cravelhas e no capotrasto.

alegria em poder conhecer o compositor, Paulo Ró, que compôs a música que eles mais gostavam, *Passarinho do Mato*.

Neste dia, Paulo Ró iria participar, juntamente com o coral, da gravação do CD realizando a função de percussionista da música *Pau-de-sebo*, música de sua autoria com Águia Mendes. O coral repetiu várias vezes a música, pois, como estavam nervosos, queriam acelerar o andamento e após muitas repetições, conseguiram manter a pulsação da música a partir de um gesto corporal que consistia em balançar o corpo flexionando e alongando os joelhos.

Ao final da gravação, os coralistas cantaram a música *Passarinho do Mato* para o próprio compositor, o qual fez o acompanhamento com violão. Ao final da música, Paulo Ró, demonstrou uma grande alegria e elogiou todos os coralistas, dizendo que a música estava muito bonita nas vozes deles.

Alguns coralistas escreveram um pequeno relatório contando com suas palavras sobre a experiência de gravar em estúdio. A maioria destes depoimentos falou da alegria em ter conhecido o compositor de *Passarinho do Mato*. Muitos dos coralistas terminaram ou citaram no meio de seu relatório, a seguinte expressão: *Bom danado!*... epíteto carinhoso usado para se referir a Fernando Pintassilgo, pois é uma expressão muito utilizada por ele em sua fala. A Coralista C teve todo um olhar artístico em relação ao dia da apresentação desenhando cuidadosamente o contexto onde estava inserida, descrevendo o ambiente com palavras e imagens (Figura 26).

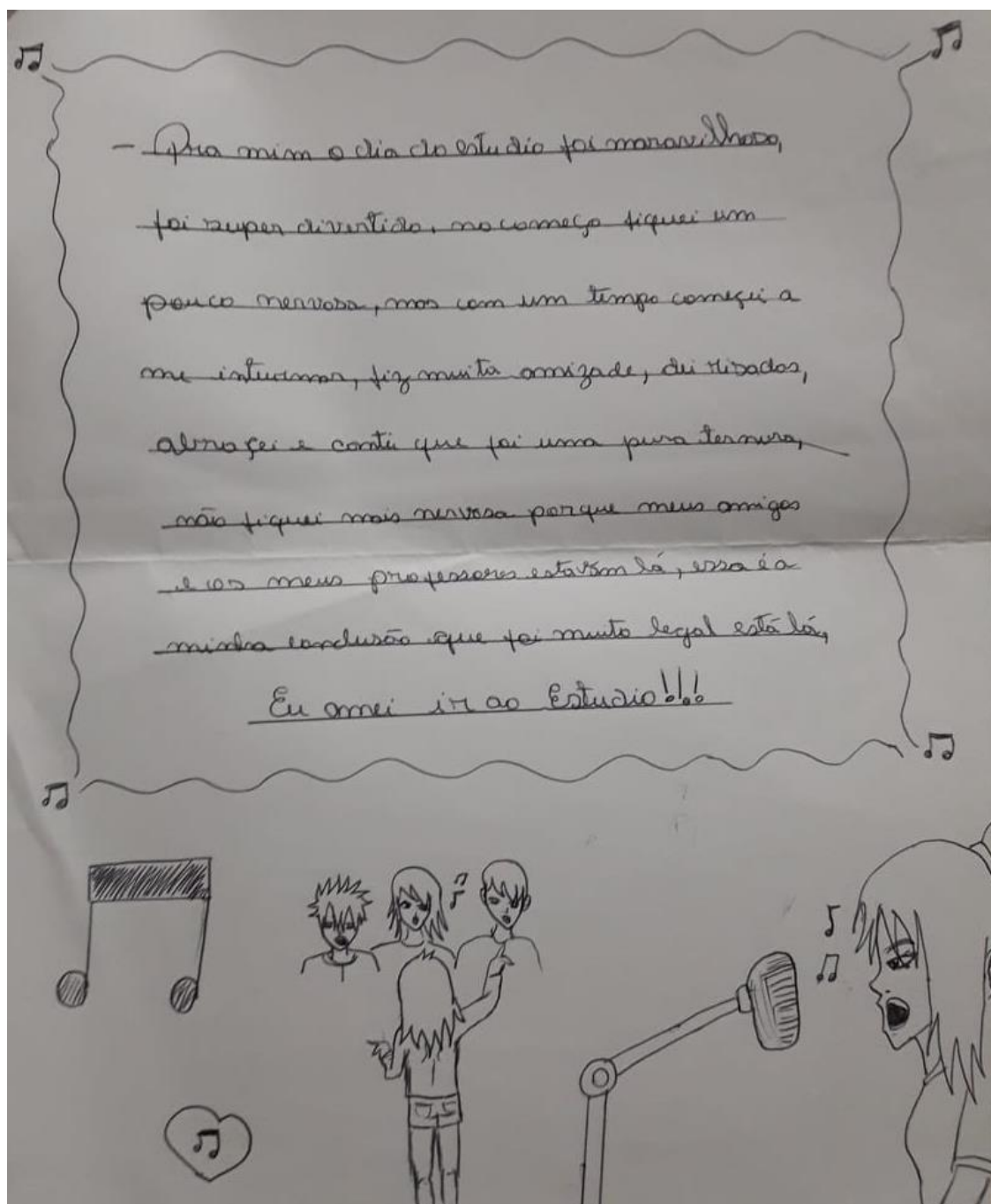


Figura 26 - Carta relatando a vivência da Coralista C para gravação de uma canção em um estúdio de gravação.

Para a Coralista H, esta experiência foi ímpar, a sensação de após a gravação poderem os ouvir cantando foi ao mesmo tempo estranho e engraçado. Segundo ela “[...] quando finalmente conseguimos gravar bem, escutamos nossas vozes. Foi estranho e engraçado, tudo ao mesmo tempo. Gravar assim, em uma gravadora, é uma experiência única” (CORALISTA H, 2017). Na fala da Coralista K podemos perceber a alegria que ela expressa em conhecer os músicos profissionais que estavam presentes terminando sua fala com o epíteto, Bom danado!

Bem, entrar em uma gravadora pela primeira vez foi bem empolgante apesar de que tudo que nos acontece pela primeira vez tem uma reação. Fiquei nervosa, mas é um nervosismo que vale apenas. Poder participar disto foi uma experiência fantástica, além disto, poder conhecer músicas que já viajaram o Brasil a fora. Uma experiência ótima, em outras palavras pode dizer: Bom danado! (CORALISTA K).

A Coralista E, sentiu muita satisfação em fazer parte da do processo de gravação, durante todo seu relato sobre o evento ela apresenta um sentimento de coletividade, pois estava sempre descrevendo as características do grupo e em seguida ela fala de suas sensações dentro deste. Um sentimento de carinho e dedicação é relatado.

No dia 27 de Julho, em uma quinta-feira, nós do coral fomos a um estúdio. Acredito que não só eu, mas todos gostaram da sensação de gravar uma música mesmo que não fosse solo, mas esta gravação dependia de cada um presente naquela sala. Admito que pensei: vai dar errado! Não iremos nos sair bem! Vamos demorar muito..., porém como sempre me surpreendo, dessa vez não foi diferente, nos demos super bem! Apesar de alguns estarem nervosos, ansiosos, etc. Eles fizeram tudo certo, com dedicação e amor, assim como eu. Foi uma sensação incrível, saber como pode ser nosso futuro, que com certeza terão grandes cantores e cantoras. Obrigado pela experiência (CORALISTA E, 2017).

3.11.4 Gravação do vídeo de natal

Ao chegar o final de ano, todos da EMA-CA encontrávamos empenhados nas apresentações de circulação pelas escolas básicas contempladas por este projeto. Em uma dessas apresentações, recebemos o convite da prefeitura de João Pessoa para gravarmos um vídeo com uma canção natalina. Como nosso repertório do ano de 2017, consistia das canções da peça o Jardim dos Animais, ou seja, não tínhamos ensaiado músicas natalinas. Contudo, resolvemos conversar com os Coralistas, para saber se eles aceitariam o “desafio” de ensaiarmos uma canção natalina em poucas semanas para em seguida fazermos a gravação dessa canção. Sem hesitar, todos concordaram. Empenhando-se e dedicando-se ao máximo a esta gravação.

Após aprendemos a música, fomos gravar na Igreja São Bento, localizada no centro de João Pessoa. Os Coralistas estavam bastante empolgados para este dia. Gravamos inúmeras vezes e todas as repetições que fizemos, a mesma empolgação foi mantida. Ao terminarmos, os olhares dos integrantes expressavam muita alegria de ter feito parte disto e logo nos fizeram várias perguntas como: “Onde vamos aparecer? Em que canal vai passar? Quando vai passar na TV?”. A equipe de profissionais de mídia era muito tranquila, deixou nossos coralistas muito à vontade. E ao final, todos relataram que não estavam nervosos.

3.11.5 Passeio à praia: encerramento das atividades do ano letivo

Todo final de ano terminamos as atividades com um passeio. Este ano, nossa confraternização foi na praia de Camboinha I, na cidade de Cabedelo. Neste momento todos os alunos, professores, coordenadores e psicóloga da EMA-CA reuniram-se para comemorar juntos o encerramento das atividades do ano. Para isto, foram entregues termos de autorização para os responsáveis legais de cada um dos coralistas.

Neste passeio, a equipe da EMA-CA dividiu-se em duas, metade dos professores iam para o mar com os alunos e a outra metade ficava na praia, observando e interagindo com os alunos que se encontram brincando na areia. Não foi feita nenhuma programação de brincadeiras, pois queríamos que os estudantes ficassem livres para brincar como quisessem. Todos interagiram entre si, inclusive os alunos que eram mais reservados.

É interessante perceber que mesmo morando em uma cidade litorânea, alguns alunos relataram, no ano anterior, não conhecerem a praia, pois, por serem privados de muitas coisas, não tem condições financeiras de pegar um ônibus para passear com a família. A partir daí podemos refletir sobre a importância cultural que a EMA-CA exerce para estes indivíduos. A EMA-CA acaba se tornando um ponto de apoio cultural para seus alunos, contribuindo para formação de capital cultural e para ampliação de mundo.

Capítulo IV

Coral Vozes da Infância e sentido de pertencimento:

4.1 O Coral Vozes da Infância como uma segunda família

No cotidiano dos ensaios do Coral Vozes da Infância podemos perceber que as mesmas atividades se repetem (musicalização, preparação corporal, preparação vocal e repertório), porém o que se desenvolve a cada dia nos leva a perceber a riqueza nas relações interpessoais. Relações que caminham em um ambiente de respeito recíproco, além do surgimento e desenvolvimento da musicalidade que envolve um espaço repleto de gostos e culturas diferentes. Apesar das diferenças, o respeito se mostra prevalente sobre todas essas diversidades culturais. O Coral funciona como um espaço de aprendizado onde a prática coletiva auxilia na percepção do outro e de si mesmo, aprendendo a trabalhar em equipe, dando e criando um sentido de união e reciprocidade, como afirma a Coralista C:

Eu acho que eu não sei dizer o porquê, é meio que uma união, uma conexão, vocês [a equipe de música] criam exatamente essa conexão. Desde o início, vocês pegam e fazem exatamente isso, porque a gente precisa ser unido para cantar tudo em conjunto. O que vocês passaram para a gente, então acho que é a relação boa (CORALISTA C, 2017).

Deste modo Bowman (2007) nos faz a reflexão da construção do “nós” através de uma coletividade vivenciada que influencia fortemente cada sujeito envolvido. Podemos identificar a construção do “nós” na fala da Coralista C, pois, ela afirma haver uma conexão entre os integrantes do coral, e que esta conexão seria provocada pelas ações da equipe de música. Nesta perspectiva, os valores que se formam em uma prática coletiva dependem da finalidade para qual a música é utilizada e do envolvimento que todos os sujeitos se relacionam com a música e com a prática musical (BOWMAN, 2014). Deste modo, o Coral Vozes da Infância procura desenvolver a formação humana pensando sempre na união, respeito, ética e responsabilidade.

Na maioria das vezes, a atividade coral é a primeira “escola de música” com que essas crianças e adolescentes tiveram contato, um ambiente muito diferente e ao mesmo tempo envolvente. Diferente por ser algo novo e desconhecido para muitos deles, envolvente por fazer com que eles se sintam parte do todo, como se todos fossem uma parte indispensável para que o coral existisse. Conforme relato de uma das coralistas ao afirmar: “estou achando muito legal, tudo é muito interessante. As músicas são bem diferentes, eu

nunca tinha escutado esse tipo de música na minha vida. E quando eu comecei a cantar, eu achei bem legal [...]” (CORALISTA H, 2017). Numa perspectiva por parte dos responsáveis legais dos coralistas, o relato do pai de um deles enfatiza que:

O coral é muito bom principalmente porque não deixa de ser um aprendizado, não é? Mexe muito com a autoestima, comportamento. E nela [Coralista K] tem, assim, mudado o interesse dela [...] para o coral, ela fazia sempre questão de ir. O coral eu acho bom porque além de ser uma ocupação é também um aprendizado e eu vi que ela se interessou muito, ela ficava preocupada quando ia ter alguma apresentação e chegava em casa, avisava logo a gente, para liberar ela para ir (PAI DA CORALISTA K, 2018).

Nesta fala o pai da Coralista K afirma que o Coral tem mudado o interesse de sua filha, ele percebe que o Coral é uma atividade na qual ela faz muita questão de participar, demonstrando satisfação em realiza-la. Em outra fala o pai destaca que o seu comportamento foi elogiado até mesmo na igreja em que frequenta, chegando a ser convidada a fazer parte da secretaria dominical, coisa que o pai falou com orgulho, que é um cargo que raramente uma menina de 14 anos assumiria. Ele afirma que sua filha mudou muito após entrar no Coral, melhorando até mesmo em seus estudos, buscando ler mais livros. Diante disto podemos afirmar que o Coral foi bastante importante para formação de aspectos éticos despertando mais responsabilidade nesta coralista. Sendo assim, esta mudança de comportamento se afina com o que Bowman (2014) destaca quando afirma que é necessário o reconhecimento do fazer musical e do estudo da música como recursos fundamentalmente éticos.

O Coral Vozes da Infância apresenta uma dinâmica que envolve desde a preparação das aulas até a reflexão que ela passa a gerar nos seus integrantes. Todo aprendizado musical envolve um importante modo pelo qual os integrantes passam a perceber a música, seja ela a do coral ou cotidiana, o que está por trás da estrutura musical em si, abrindo uma visão mais ampla sobre sua relação com os aspectos sociais de cada integrante do grupo. No processo de ensino e aprendizagem desses coralistas há uma construção coletiva: musical e relacional, muitos dos integrantes desenvolvem um olhar diferente em relação a vida e a arte. Como afirma a coordenadora da EMA-CA:

E a gente tem crianças hoje dando retorno. Crianças que estão na orquestra sinfônica com violão violoncelo, violino, voltando para nos ajudar. Quando a gente quer ajuda para uma apresentação, eles voltam. E tem crianças e adolescentes estudando na escola técnica, Canto. Tem alguns que seguiram caminhos diferentes, mas, até aonde a gente mapeia e conversa são estudantes mesmo que sendo... que foi trabalhar em hotelaria dobrando lençol no hotel, ele leva a arte em si, ele leva esse olhar desperto. Ela diz

[uma ex integrante do Coral] – “Quando eu vou arrumar a cama, eu arrumo diferente da minha colega porque eu me afasto um pouco e olho, Amélia, se a cama está bonita. Se a cama está bem forrada. Eu me afasto”. Isso foi uma das ações que maestro Elias fazia e a Kinjo, a Regina Kinjo que era na hora que a gente fazia as rodinhas que era para cantar e escutar a própria voz ou se afastar e escutar a voz do colega. “Eu sempre me afasto um pouco para ver se aquilo ali que eu fiz está numa perspectiva de beleza que eu acredito”. Eu achei muito bonito isso. Ela não faz música, ela não faz arte, mas, aonde ela está, ela está com um olhar de percepção mais aguçado. Mesmo dobrando a cama de hotel (AMÉLIA NÓBREGA, 2017).

Diante disto, podemos dizer, que mesmo não seguindo os estudos de música, a sensibilidade artística de cada um desses integrantes pode ser despertada, e possivelmente, de outros sujeitos que convivem com os participantes do coral. Portanto, o sentido da música ultrapassa as notas musicais fazendo com que as formas e estruturas da música transcendam do audível para algo mais concreto, palpável, visível, que são as múltiplas relações sociais desenhadas entre cada um dos integrantes do coral e, que transpassam o ambiente do coral, passando a envolver outros ciclos de interações sociais a exemplo da escola, família, amigos, etc. Este sentido da música é discutido por Queiroz (2013), quando afirma que a importância da música está em transcender a estética.

Como já foi dito, o processo de aprendizagem não se estende apenas aos coralistas, a equipe de música também aprendeu muito nas atividades do ano de 2017, pois tínhamos o coral como um laboratório de práticas, onde colocamos todo conhecimento de técnica vocal, teoria musical, musicalização com trabalho corporal, tudo isto aplicado ao repertório.

A equipe de música tinha características e personalidades bem diferentes, contudo percebíamos que um completava o outro. Soraia, a preparadora corporal, caracterizava-se por sua atividade e ações enérgicas que contribuíam para as atividades que precisavam de um pouco mais de energia, como as atividades lúdicas. Enquanto Manoel, professor de teoria musical e musicalização, sempre demonstrava ser muito calmo durante as atividades do grupo, porém agindo de forma direta e racional. Por fim, eu costumava atuar de forma muito tranquila e calma. Desta forma, criou-se uma grande conexão e respeito entre a equipe e assim juntos em nossas diferenças podíamos equilibrar um ao outro. O que também nos unia era a vontade de oferecermos o melhor de nós para aquelas crianças e adolescentes que chegaram de alguma forma em nossas mãos. Então compartilhamos muitas experiências pedagógicas construímos juntos novos profissionais a cada dia.

Víamos e sentíamos constantemente como é difícil a arte sobreviver em um país em que não lhe atribuí o valor justo e digno que ela realmente merece. A EMA-CA precisava de muitas coisas básicas para funcionar dignamente, coisas estas que anteriormente, quando só

funcionava o Coral Vozes da Infância, tinha em abundância. Atualmente, sem o devido apoio dos órgãos gestores, inúmeros problemas surgiram por falta de recursos financeiros.

Por muitas vezes, a coordenação precisava desprender dias e horas indo à sede da prefeitura tentando conseguir lanche, água, transporte e fardamento para os alunos da EMA-CA e sempre, a palavra NÃO ecoou no estabelecimento público. Um fator importante a ser lembrado é que: o espaço físico da Escola está prometido desde 2010, e já se passaram oito anos de árdua espera sem o mínimo de respeito por parte dos governantes. A dificuldade que a EMA-CA é grande. A equipe de artes não mede esforços para manter viva a oportunidade para essas crianças e adolescentes e comunidade em geral terem acesso aos bens culturais.

No ano de 2017, a EMA-CA passou mais da metade do ano sem água para beber, apesar da equipe ter feito inúmeras solicitações junto à Prefeitura Municipal, não obtendo nenhuma resposta positiva. Nestas circunstâncias, as crianças e professores precisavam levar de casa suas garrafinhas com água, assim como o lanche para passarem as tardes de atividades na Escola. Portanto continuar dando aulas na EMA-CA virou símbolo de resistência por parte da equipe de professores e trabalhadores desta escola e por parte dos nossos alunos, que mesmo diante das dificuldades resistiram até o final.

4.2 Construção do “nós”: Coral Vozes da Infância como segunda família

Ao compartilhar de uma mesma atividade musical, o ser passa a viver uma construção coletiva influenciará sutilmente e ao mesmo tempo fortemente o seu modo de ser e pensar, pois, assim se construirá o “nós”. “Portanto nós somos não porque penso, mais porque somos coletivamente” (BOWMAN 2007), retomando esta fala citada anteriormente, podemos compreender o seu sentido dentro do Coral Vozes da Infância, pois os sujeitos reúnem-se com o intuito de cantar coletivamente, porém, não é apenas as vozes que são compartilhadas em um coral e sim experiência de vida e construção coletiva, provocando crescimento mútuo e individual e formando sutilmente o “nós”. Pude perceber que os significados que os integrantes atribuem ao Coral transcendem à própria prática musical, pois quando foi perguntado em entrevista o que eles achavam do coral, as primeiras respostas eram quase sempre voltadas para o convívio em grupo e para o sentido da prática em suas vidas. Observei que se construiu gradativamente um sentido de pertencimento por parte das crianças e adolescentes que frequentaram o coro, assim como a própria equipe de música, pois um ano, dependendo de como o processo é guiado, é tempo suficiente para construirmos fortes laços.

Essas fortes relações se mostraram evidentes, pois, durante as entrevistas os integrantes perceberam no Coral um espaço de laços fraternos, afirmando que sentiam o coral como se fosse uma segunda família, como diz a Coralista A “O Coral foi uma escolha, a melhor escolha que eu já fiz, porque eu encontrei uma segunda família e é tudo o lugar... Não dá para explicar, é tanta coisa para falar, assim, é muito bom! Muito bom ficar aqui”. Já a Coralista D, a mais descontraída de todas, afirma que interage com todos os seus colegas e todos se compreendem. Ela também destaca que sente o Coral como sua segunda família. Deste modo, podemos perceber o sentido de pertencimento presente nestas falas, pois o sentir-se família dá ideia de continuidade, união e laços fraternos e esta sensação reflete as uniões causadas pela interação social existente no coro e, conseqüentemente, a formação do “nós”. Dentro da mesma perspectiva, a Coralista B faz uma reflexão sobre essas relações com o coro, porém com uma ênfase ainda maior:

Eu vejo [o Coral] como uma família. Só que mais feliz, desenvolvida. Com muito mais alegria. [...] Bom, e trouxe muito mais alegria, felicidade, como eu nunca tinha sentido antes. Tenho mais alegria aqui do que em casa. [...] Só uma coisa a dizer é... Eu amo todo mundo (CORALISTA B).

Com esta fala, a integrante reforça que as relações sociais existentes no Coral Vozes da Infância suprem, muitas vezes, através de um espaço saudável de convivência, carências no âmbito familiar, podendo tornar-se um lugar de confiança e entrega proporcionando alegria e gerando união em seus integrantes. Esta coralista apresentava, no início do ano, um comportamento um pouco agressivo e triste. Ela não se envolvia com entusiasmo nas atividades desenvolvidas no coro, porém, no decorrer do ano, foi mudando e tornando-se mais participativa nos ensaios. Observávamos que ela, em muitas situações, se negava a realizar algumas das atividades que eram encaminhadas para fazer, talvez por insegurança, ou para chamar a atenção. Percebendo isto, procuramos dar mais ênfase nas suas qualidades a fim de elevar sua autoestima. Com o passar dos dias, o comportamento desta Coralista foi mudando, ela passou a ser uma pessoa mais sociável e passou a cantar com mais entusiasmo e, conseqüentemente, com mais volume. Com o tempo, ela se tornou mais envolvida com o grupo e pude perceber um sentido de pertencimento, companheirismo e um forte empoderamento. O Coral Vozes da Infância agiu como um ponto de apoio para estas criança e adolescentes, visto que a equipe de música buscava sempre criar dentro das aulas ambientes de diálogo mútuo entre a equipe de música e seus alunos esclarecendo questões mais amplas sobre a vida e seus conflitos.

Na mesma perspectiva a Coralista C afirma sentir o Coral como uma família, em uma de suas falas, ela relata:

[...]eu gosto muito do coral. Eu acho que eu só defino isso [o Coral], como uma segunda família, que às vezes eu estou muito triste e quando venho para o coral me divirto com vocês, como se eu criasse uma conexão desde o começo, principalmente você, Soraia e Manoel, que me fazem mais... que dão os conselhos e etc. (CORALISTA C, 2017).

A fala desta integrante demonstra que existe uma conexão entre a equipe de música e ela, podemos sugerir que esta conexão se deu através da construção do “nós”, através da percepção do outro, de si mesmo e do todo (grupo coral como unificador de ideias e sentido). Este “nós” é refletido nas ações e construções do próprio sentido em que todos passam a compartilhar na prática coral. Se Bowman (2007), afirma que a prática musical é um lugar que se deve praticar as ações corretas, o Coral Vozes da Infância mostra-se como um local relevante neste sentido, pois o Coral além de ser um local de prática coletiva de canto, tornou-se um local prazeroso de se estar. Através das relações sociais em atividades musicais, a coletividade passa a exercer forte influência na formação de indivíduos mais conscientes dependendo de que modo e para que finalidade a prática musical é utilizada.

Dentro desta mesma perspectiva, a Coralista E, em uma de suas falas destacou: “Eu vejo o coral como minha segunda família, é... [o Coral Vozes da Infância] me ajudou em bastante coisas, as pessoas são maravilhosas, então, é um lugar muito maravilhoso de ficar” e sobre a relação entre eles, os coralistas, ela destaca que “é uma relação muito boa, porque é todo mundo junto, todo mundo se ajuda, eu acho isso incrível e eu acho muito bonito também [...]” (CORALISTA E, 2017).

É interessante destacar que todos os alunos citados tornam, no decorrer dos ensaios, este espaço um lugar de pertencimento. A grande maioria dos coralistas iniciaram suas falas durante a entrevista referindo-se ao coral como sua família, o que nos remete a essa ideia de pertencimento que se aproxima ao que Liberal (2004) discute quando afirma que as interações sociais podem levar os sujeitos a se sentir pertencentes ao ambiente coletivo desenvolvendo a formação humana.

4.3 Conquista de novas amizades

Outra fala bastante recorrente entre os coralistas retrata a construção de novas e “boas” amizades. O Coral Vozes da Infância, por funcionar no contraturno das escolas básicas, o aluno aproveita seu tempo de forma mais saudável, pois as atividades da EMA-CA, tiram grande parte dos integrantes da ociosidade os fazendo terem contatos com um rico

ambiente artístico e cultural compartilhando experiências através de interações sociais. Neste sentido, as amizades dentro do coral se consolidam, pois, apesar das diferenças entre os sujeitos, todos passam a compartilhar o mesmo sentido de pertencimento. As amizades construídas no coral fizeram alguns integrantes perceberem e diferenciarem amizades saudáveis e de amizades que levam para caminhos ruins, como afirma a Coralista D:

[...] Quando eu entrei aqui no coral, eu andava meio estranha. Antes eu não queria saber de nada, eu andava com pessoas que quase me levaram para o mau caminho. Quando comecei a entrar aqui e ver que eu fiz ótimas amizades e muitas... Novas amizades, eu vi que nem tudo é igual, nem todo mundo é perfeito. E eu queria! Porque tem gente que quer andar com mais pessoas assim, não é? E eles [os colegas coralistas], eu vejo que eles são bastante diferentes, e eu digo que mudei bastante. Até meu pai disse "quando tu entrastes na casa das artes, tu mudaste bastante", e eu mudei (CORALISTA D, 2017).

Esta fala discute a importância do coral na ampliação da visão de mundo. Através das amizades conquistadas, a aluna percebeu que existem pessoas boas na qual ela pode se relacionar e pôde ter discernimento para fazer escolhas salutares para sua vida. Ela afirma que antes andava estranha, no sentido de agir de forma bem diferente, e que estava inserida em outro “mundo”, mas, ao entrar no coral, percebeu que este lugar era muito diferente de sua realidade e que existia pessoas muito boas, e passou a se espelhar nestas novas relações, portanto, o que era familiar passou a ser estranho e o que era estranho passou a ser familiar, esse estranhamento é discutido por Arroyo (2002).

A amizade pode ser bastante relevante na construção de um novo modo de enxergar a vida, pois através dela o sujeito pode sentir-se importante, atribuindo sentido à prática de atividades em conjunto (LIBERAL, 2004). Na mesma perspectiva a Coralista C afirma que se sente à vontade para interagir com seus colegas do coral, pois antes era difícil se relacionar com colegas de outros espaços:

[...] antigamente eu sempre fui uma pessoa que na escola levava muito bullying, eu era muito bulinada, aí eu não tinha tantas amizades, tipo, eu já tive muitas brigas por causa de amizade, aqui eu consegui várias amizades e não tenho nenhum inimigo aqui dentro. Aqui, eu só me relaciono com todo mundo, eu rio com todo mundo, eu converso com todo mundo pode não ser todo dia, porque aí, eu às vezes tinha vergonha no início, como naquela vez que a senhora fez uma brincadeira e eu meio que fiquei com vergonha de entrar na brincadeira, mas eu fiz e agora eu tenho vários amigos, eu me relaciono com todos (CORALISTA C).

O respeito pelo próximo reflete em amizades saudáveis, estas podem caracterizar-se pelo ambiente agradável de convívio social. Portanto, o local de práticas coletivas deve priorizar sempre o respeito mútuo, para que todos se sintam à vontade para interagir um com o outro respeitando suas diferenças e auxiliando no crescimento pessoal e coletivo. No Coral Vozes da Infância este respeito é bastante reforçado pelos professores desde o primeiro dia de ensaio.

A infância e a adolescência são fases de mudanças que levam o sujeito ao desenvolver qualidades humanas determinando suas mudanças e levando-os à maturidade. A participação destes, em grupos sociais, o apoio e companheirismo de amigos e familiares, assim como, a necessidade de reconhecimento de seus próprios valores, funcionam como “(...) ‘tijolos’ de uma construção, interligando autoestima e sociabilidade impulsionadoras de futuros cidadãos ativos e operantes dentro da sociedade” (MENDES, 2010). Esta autora discute a violência na escola e como compreender para intervir, afirmando que a escola surge neste contexto como um espaço que práticas como o *bullying* e isto ainda é pouco explorado por parte dos profissionais de ensino. Sobre a escola a autora destaca:

A escola representa um dos mais importantes agentes socializadores para a criança e adolescente, mas pode vir também a tornar-se um local indesejado e temido para os mesmos, se instalado o sentimento de insegurança. Nestas circunstâncias, existe uma maior probabilidade de insucesso escolar, comprometimentos físicos e emocionais ou sentimentos de insatisfação com a vida (MENDES, 2010).

Portanto, a escola deve ser um espaço em que a criança e o adolescente sintam-se livre para se expressar, porém, tendo o respeito pelo outro como um grande pilar para conduzir-se ao ser humano sensível e ético. Neste contexto a fala da coralista C, destaca que encontrou este lugar seguro e saudável no Coral Vozes da Infância. Pois este ambiente causou uma mudança no seu modo de perceber-se como uma pessoa capaz de interagir sem ser julgada pelos seus colegas. Como regente do coro, posso afirmar que este ambiente foi construído dia após dia com gestos, atitudes e diálogos promovidos por todos da equipe de música e de professores da EMA-CA.

Foi possível perceber, nas falas de todos os coralistas, que o coral os proporciona uma sensação de pertencimento causado pelo sentimento de se ter uma nova família que foi construída a partir de boas amizades envolvidas por ciclos de respeito mútuo e ético sobre a importância e espaço que cada um deles tem dentro da “família” coral. Sendo assim, este ambiente de interação social e de construção de seres humanos mais sensíveis ao outro,

praticando o respeito e a ética, que são vivenciados dentro de um ambiente salutar, sendo construídos dia após dia.

O espaço coral tornou-se bastante significativo por ser um ambiente enriquecedor, onde podemos observar certa diversidade de culturas e costumes, no qual as crianças e os adolescentes trazem uma visão pessoal construída pelo seu ciclo social (músicas religiosas, músicas populares cantadas e ouvidas em ambientes diversos) e a equipe de música procura, aos poucos, apresentar outro espaço musical. No entanto, é importante ressaltar que esta apresentação se dá de forma lenta e gradual respeitando o saber de cada um deles, a fim de construirmos um coral voltado para formação humana. Portanto, a partir dos laços construídos entre todos que fazem parte do Coral, os coralistas tiveram suporte para lidar com outras questões da vida e a partir da convivência construiu-se uma relação de cumplicidade entre os participantes do Coro. Esta aprendizagem foi riquíssima no sentido de aprender a conviver e respeitar e confiar no outro respeitando-os como a si mesmos.

4.4 Música e significado no Coral Vozes da Infância

Ao lançar um olhar investigativo sobre as falas dos integrantes eu pude perceber que o sentido da música no Coral Vozes da Infância está muito ligado à interação e o sentido que ela provoca entre seus membros são semelhantes as ideias dos autores Bowman (2014) e Queiroz (2013). As atividades musicais podem ser meios pelos quais os seus praticantes descobrem respostas sobre si mesmos, muitas vezes dando-lhes apoio para superar as dificuldades impostas pela vida ou pode ser simplesmente um local para passar o tempo. As falas de grande parte dos integrantes do Coral deixaram bem claras que este espaço representa muito mais do que um local bom de estar, ele representa um lugar de pertencimento.

Os familiares responsáveis pelos integrantes que foram entrevistados afirmam que o Coral Vozes da Infância é uma atividade muito importante para vida desses jovens, pois através dele, a criança e/ou adolescente passou a ser mais responsável com seus compromissos. Muitos notaram um grande entusiasmo dos coralistas ao participarem do coral e afirmaram que os coralistas sentem um grande carinho por toda equipe de música, como afirma a mãe da Coralista A:

Para ela [o Coral] é um sonho. Desde que ela entrou no coral, ela tem gostado demais. Ela se apronta cedo e só pensa no coral. Ela ama o coral, ela ama vocês, especialmente tu, ela ama demais! Ela é apaixonada pelo coral e por vocês também. Apaixonada! E ela está pensando já em quando terminar: - Quando terminar mãe, o que é que eu vou fazer?. Eu disse: - Eu não sei! Aí a gente vê como vai ser. (MÃE da CORALISTA A, 2018).

Além dessa percepção e admiração relatadas pelos familiares dos integrantes do coral, outras falas remetem-se a importância de se estar em um lugar tranquilo e bom, pois o Coral Vozes da Infância para muitos tem a função de retirar os jovens da ociosidade abrindo a visão desses jovens para outros caminhos, caminhos estes que irão proporcionar uma visão mais aguçada sobre a importância do trabalho em grupo e de como se tornar pessoas mais humanas. A mãe do Coralista J afirma que seu filho está em um bom caminho, segundo ela, seu filho está sempre envolvido em atividades dentro da igreja e, agora faz parte do Coral, ela acredita que ele sempre foi bem direcionado e, por isso, é uma boa pessoa. Diante disto, ela faz uma analogia como os amigos do Coralista J e afirma que eles não tiveram um bom direcionamento na vida e hoje não se encontram em um bom caminho, ela afirma:

Ainda bem que ele [Coralista J] não me dá trabalho, o negócio dele é igreja e Coral. [...] Mas assim, tem muito menino da idade dele e que estudaram juntos, que hoje estão perdidos. Por que? O mundo não tem o que oferecer, não é? E quando você não tem um negócio desses como o coral, vai, que ali, ajude. Estar naquele período, dentro do coral, com vocês incentivando, para mim é ótimo. Fico tranquila, que não está solto no meio do mundo, porque quando chega essa fase não tem quem segure. É muito difícil. Ainda bem que meu filho é tranquilo, mas eu vejo os amigos dele mesmo, e tem uns que só Jesus! [Expressão de negação para dizer que não tem mais jeito] (MÃE do CORALISTA J, 2018).

Esta mãe destacou em sua fala a ociosidade enfrentada pelos adolescentes, pois esta é uma fase de descobertas e o ambiente Coral proporciona a ampliação de visão de mundo, mostrando outras perspectivas de olhares, suprimindo-os de boas companhias para assim construir um novo modo de pensar e impor-se diante da vida. É na fase da adolescência que o jovem busca se afirmar com sua própria personalidade buscando trilhar por si só o caminho que irá seguir na vida. Para esta mãe, o Coral e a igreja são espaços de incentivo para os jovens seguirem um bom caminho. Podemos então relacionar este “bom caminho” com as boas escolhas na vida. Para esta mãe estar em um lugar bom refletirá em seu futuro, pois as antigas amizades do Coralista J, que não tiveram as mesmas oportunidades de seu filho, hoje se encontram mau caminho, pois, alguns se tornaram usuários de drogas. Sendo assim, o Coral também tem a função de tirar os jovens Coralistas da ociosidade possibilitando uma ampliação de mundo e tornando os sujeitos mais humanos, cumprindo assim com a função da educação musical, discutidos por Bowman (2014), quando afirma que a finalidade da música deve estar voltada para a formação humana.

Ao visitar as famílias dos coralistas pude perceber que a maioria das crianças e dos adolescentes reflete um pouco sobre a realidade de seus pais e que o Coral Vozes da Infância conseguiu modificar um pouco a realidade de seus integrantes mostrando um horizonte novo, cheio de novas relações, novos conhecimentos e novas expectativas perante a vida.

A família do Coralista J apresentava uma grande leveza e ao conversar com sua mãe, percebi uma conexão e cumplicidade, mostrando que os dois se conhecem e se respeitam bastante. Este Coralista está sempre sorrindo nos ensaios, sempre leve e tranquilo. O Coralista J afirma que gosta muito de participar do coral e que a prática o auxiliou a deixá-lo mais calmo, ele destaca:

Eu estou gostado muito. Está sendo uma experiência muito incrível. A cada dia eu tento me esforçar mais para aprender muito, porque acho que é uma forma de me acalmo e me ajuda muito, em tudo. O coral para mim é muito importante, porque me acalmo mais, tranquiliza-me (CORALISTA J, 2017).

Podemos observar, nas entrevistas com os familiares responsáveis pelos coralistas, diferentes envolvimento deles como o Coral, alguns desses familiares não sabiam nem o que seu “filho” fazia nas tardes das terças e quintas feiras ao saírem de casa. Diferente do relato anterior, a mãe do Coralistas I não parecia saber nada da vida de seu filho, não sabia que frequentava o Coral, mesmo assinando todos os termos de consentimento da Casa das Artes assim como, todas as autorizações para aulas extracampo. Dois pais de alunos não sabiam quais as atividades que os alunos realizavam no contraturno da escola básica, nem que eles participavam da EMA-CA. Uma das falas da mãe da Coralista E, relatou que certa vez ouviu sua filha cantando no banheiro e, então, ela percebeu que sua filha estava cantando muito bem e sua voz estava muito bonita. E ao questionar a filha sobre onde ela havia aprendido a cantar assim, foi que tomou conhecimento do Coral. Isto reflete a falta de diálogo que alguns jovens apresentam nas relações com familiares. Muitos integrantes, apesar de serem crianças e adolescentes, são “donos de sua própria vida”, pois os pais muitas vezes não acompanham o desenvolvimento de seus filhos. O Coral Vozes da Infância funciona como um lugar de construção de novas referências, tendo no convívio social dentro do espaço coral a construção do “nós” que abre possibilidades de ampliação de mundo e possibilidades de crescimento pessoal produzindo também o capital cultural.

4.5 Formação humana e mudança de comportamento

O Coral Vozes da Infância serviu de suporte para grandes transformações na vida do integrante, pois ao conhecer e se apropriar de uma nova realidade o indivíduo busca forças para mudanças internas. Mudanças estas que são provocadas pela imersão na atividade coral, através da confiança mútua entre colegas e equipe de música, construindo novos modos de agir e pensar coletivamente, auxiliando no crescimento pessoal e grupal. Podemos, a partir dos mecanismos de interação social perceber algumas mudanças no comportamento dos integrantes do Coral no decorrer do ano. Algumas mudanças aconteceram de forma muito sutil, pois, quando o sujeito carregava dentro de si o sentimento de coletividade, formado em grupos como de igrejas, por exemplo, enquanto outras mudanças aconteceram de forma bem evidentes, sendo o Coral Vozes

da Infância um divisor de águas com possibilidades para crescimento interior. “O canto coral se constitui em uma relevante manifestação educacional musical e em uma significativa ferramenta de integração social” (AMATO, 2007, p.77).

Nesta perspectiva, a mãe do Coralista F afirma que houveram muitas mudanças no comportamento de seu filho, segundo ela seu filho não percebe, mas ela percebeu que ele se expressa e gesticula melhor suas palavras após ter participado do Coral prestando mais atenção nas coisas antes ele não prestava. “Ele tá mais atento com as coisas” (MÃE do CORALISTA F, 2017). Neste caso podemos perceber uma mudança de postura deste Coralista, que passou a se expressar com mais clareza em suas falas. A interação social através do canto coral exerceu uma grande influência para formação humana de seus integrantes. Os autores Pereira e Vasconcelos (2007) destacam que a prática coral pode influenciar o processo de formação do integrante podendo ter um desenvolvimento favorável para o integrante, os autores afirmam:

[...] acreditamos que há um processo de socialização no canto coral e, conseqüentemente, um desenvolvimento favorável ao participante desta atividade. Este desenvolvimento acredita-se, é propiciado pelas relações travadas entre as pessoas, porém tendo como canal e vínculo entre elas aquilo que seria o elemento principal – *a música, que traz novas formas de agir, pensar e sentir*. Necessariamente, parte-se do pressuposto que esta arte é essencialmente uma manifestação social e que, no canto coral, a música contextualiza as relações sociais influenciando o processo de formação dos participantes (PEREIRA; VASCONCELOS, 2007, p. 2).

No ano de 2017, houve casos bem específicos em que alunos puderam desenvolver a autoestima e superar situações difíceis em sua vida, em virtude da atividade musical e das relações sociais construídas durante à prática. Podemos destacar a Coralista E, que segundo sua mãe, sofria bastante, a coralista costumava automutilar-se cortando a pele de seu punho. Esse foi um período bem difícil segundo esta mãe, foi preciso que ela tomasse atitudes preventivas, como retirar todos os objetos que possivelmente serviria para este fim: facas, vidros etc. e até o apontador de lápis era desmontado para servir para este fim. Essa mãe afirmou que após a entrada no Coral sua filha conseguiu superar este problema e está mais feliz. Esta coralista foi acompanhada pela psicóloga da EMA-CA e observada pela equipe de música em todos os ensaios.

Acredito que a prática musical, quando bem guiada, pode tornar-se um grande suporte para enfrentar questões mais difíceis da vida. No Coral Vozes da Infância, no ano de 2017, existiu muita cumplicidade entre os integrantes suprimindo muitas vezes o carinho e atenção que alguns coralistas não apresentam em suas casas, como afirma a Coralista B: “Levo muito alegria para casa, mas onde eu moro não me sinto feliz como me sinto aqui. Aqui é como uma fonte que me preenchesse”. Esta coralista afirma que busca energia no Coro para lidar com a própria

vida familiar, deste modo o Coral influenciou diretamente e positivamente sua vida. Ao conversar com os pais desta coralista percebi um sistema de educação familiar muito rigoroso ensinado pelos pais. Podemos abrir um parêntese para citar um exemplo desta “rigorosidade familiar”, em um momento da vida desta coralista, ela contou para os pais que gostava de uma pessoa do mesmo sexo, porém os pais a repreenderam bastante por isso. Durante a entrevista destes pais teve a presença de sua filha, a Coralista B que se encontrava em casa. A entrevista foi bastante constrangedora, pois os pais falaram apenas os pontos “negativos” de sua filha, mostrando sempre a rigorosidade que existia em sua casa, como se fosse algo muito positivo. Esta coralista ao entrar no Coral demonstrava em seu olhar e em suas atitudes uma raiva e agressividade ao se expressar, porém no decorrer do ano ela desenvolveu um pouco a sua amorosidade perante os colegas do Coral. Esta forma de educação familiar pode contribuir para que criança e adolescente acabem se espelhando nisso, tornando-se uma pessoa raivosa e agressiva. Portanto ao estar inserida em um ambiente alegre e saudável, a uma probabilidade maior de manifestar-se de acordo com o ambiente, sendo assim, o “nós” construído será um reflexo deste, levando esta construção para sua vida cotidiana, direcionando para um futuro mais consciente em sua trajetória de vida. Deste modo podemos identificar a mudança de comportamento e de postura diante da vida ocorre sutilmente através do cotidiano de uma prática e das relações sociais existentes nela, (PAIS ,2003). Estas mudanças nem sempre são percebidas, pois são bastante sutis e ocorre a cada dia a cada diálogo, a cada compartilhamento de vozes e a cada entrega de um para o outro e ao próprio se permitir compartilhar.

Cada coralista que integra o Coral carrega em si uma história de vida que nem sempre temos o conhecimento. Muitas vezes passaram ou passam por situações bastante difíceis. Mas uma grande barreira que nos impede de perceber o outro, muitas vezes é criada pelo conhecimento que é posto na frente e que separa o aluno do professor. Porém se nos colocarmos no mesmo plano dos nossos alunos iremos compartilhar conteúdos e histórias de vida.

Neste mesmo sentido, uma história que me chamou bastante atenção foi o da Coralista L, pois ela expressava um olhar tímido e triste, sempre se encontrava sozinha e afastada dos demais colegas. A equipe de música já discutia sobre esta coralista e tentávamos enturmá-la com os demais, porém ela sempre resistia. No decorrer do ano, vez ou outra ela me falava que gostava muito do coral, mas que pretendia deixar de ir aos ensaios porque ela estava com muitos problemas. Questionei se os problemas eram referentes a prática musical ou se alguém dentro da escola tinha feito algum mal para ela e as respostas eram sempre

negativas. Ela afirmou que os problemas tinham a ver com a sua casa. Fiquei bastante reflexiva com esta afirmação. Às vezes os profissionais que estão à frente de alguma atividade inspiram muita confiança nos integrantes. Deparei-me com esta situação, mas não sabia como agir, pois na Universidade não nos ensinam a lidar com estes casos. No entanto esta situação se agravou ainda mais quando a aluna me enviou pelo whatsapp uma foto de seu braço com vários cortes ainda sangrando, provocados por ela mesma. Na foto tinha uma única frase: “Me ajude, por favor”! Neste mesmo período um jogo de adolescentes chamado “Baleia azul” induzia os jovens a mutilarem-se e até suicidarem-se, tiveram vários casos nesta cidade de jovens envolvidos com este jogo.

Ao receber a foto fiquei muito aflita porque pensei que a aluna estava envolvida neste jogo, imediatamente procurei ajuda com a psicóloga e coordenadora da EMA-CA. E juntas acionamos o conselho tutelar que acompanhou a aluna por algum tempo juntamente com sua família. Em seguida ficamos sabendo que o seu problema não tinha relação com o jogo, mas estava acontecendo em sua casa uma violência sexual com a menina. Atualmente, o conselho tutelar acompanha este caso. A coralista afirmou que encontrou forças no coral para poder enfrentar este desafio que a vida lhe impôs. Hoje ela já consegue se enturmar com as outras pessoas e apresenta outra postura diante da vida, muitas vezes eu já observei nela sinais de alegria durante as atividades do coro. Ela afirma, ao falar sobre o coral: “no coral tenho mais expectativa de vida, porque eu não tinha mais. O coral me ajudou”. Esta coralista relata que conseguiu encontrar forças no Coral para enfrentar as dificuldades da vida. Sua tia destaca em entrevista, que sua sobrinha mudou bastante depois que entrou no Coral:

Quando ela entrou no coral não falava com ninguém, era sempre calada, cabeça baixa. E hoje ela está outra pessoa. [...] Ela já mudou bastante, quem sabe não muda mais e mais, não é? [...] Para o bem, para o bem mesmo, porque ela era complicada. Ela gostava de se cortar. [...] Ela não diz. [porque se cortava] Uma vez eu perguntei e ela só respondeu que quando ela tinha raiva ela fazia isso (TIA da CORALISTA L, 2017).

Ao entrar no Coral esta coralista não mantinha aproximação com seus colegas e não fazia contato físico com os outros coralistas (abraçar, cumprimentar com um aperto de mão...), os demais gostavam muito de abraçar uns aos outros, mas ela devido os traumas que adquiriu em sua vida, não gostava de participar, porém no decorrer do ano ela foi percebendo que os abraços dos colegas eram abraços de amizade e carinho, passando a demonstrar sinais de confiança pelos colegas e pelo lugar seguro que o coral começou a representar para ela.

Ao visitar as famílias dos Coralistas pude perceber a dificuldade econômica que a maioria enfrenta. Pois todas as casas das crianças e adolescentes que visitei se encontram em

áreas desprivilegiadas economicamente. Pude perceber o quão é importante o nosso trabalho da EMA-CA, no que se refere a acessibilidade aos bens culturais e o quanto a população e alunos das redes públicas dependem das escolas municipais para ter a acessibilidade a educação e a cultura. Muitas vezes, essa acessibilidade não é apenas criar espaços de arte ou promover concertos gratuitos, pois é preciso disponibilizar espaços e tornar o acesso viável, pois nem todos possuem meios de se locomover até os espaços culturais existentes. O pianista e professor de teoria, Manoel Theophilo fala um pouco do ambiente de acolhimento existente no Coral Vozes da Infância, ele destaca:

As crianças tão acostumadas a uma, a uma realidade muito cruel, tanto do ponto de vista da violência quanto do ponto de vista do cuidado mesmo, do cuidado por parte das escolas, do cuidado por parte da vizinhança onde elas vivem do cuidado por parte dos pais, muitas vezes. Então, quando elas entram no Coral elas encontram um ambiente de acolhimento, um ambiente de cuidado, um ambiente de atenção, um ambiente de carinho que muitas vezes elas não têm ou têm pouco. Ao mesmo tempo em que elas têm um ambiente de disciplina, um ambiente de regras que também muitas vezes elas não têm. Então é meio paradoxal, muitas vezes em que falta rigor falta carinho; ao mesmo tempo em que falta liberdade falta limite. Então, às vezes elas têm limites demais, liberdade de menos, às vezes elas têm liberdade demais e limite de menos e aí a gente entra com uma proposta que... uma proposta que visa uma relação saudável entre o limite, a disciplina, o acolhimento, o amor, o carinho, o olho no olho (MANOEL THEOPHILO, 2017).

Portanto, o Coral Vozes da Infância, este lugar de pertencimento agiu como um meio educacional, promovendo acesso a bens culturais e ampliação de mundo, trabalhando desde o respeito ao próximo, a diversidade cultural e a ética através da interação social, assim como o desenvolvimento do capital cultural. Então, este ambiente proporciona uma riqueza ímpar nas relações humanas e sensibilização do ser através da prática coral voltada para formação humana. A equipe de música deste Coral tornou o espaço um laboratório, onde levávamos uma ação e esta ação era devolvida de alguma forma pelos alunos. Então, pensávamos qual foi o efeito que reverberou nos coralistas, e como poderíamos melhorar nossa prática. Foi uma experiência enriquecedora.

Na fala seguinte, o professor Manoel Theophilo, reflete sobre a formação destas crianças e destes adolescentes dentro do Coral e afirma que a formação dos coralistas deve ser voltada para tornar o indivíduo mais equilibrado em sua vida auxiliando suas escolhas, ressaltando sempre o amor ao próximo e o respeito as diferenças, ele afirma:

É muito subjetivo [a medida correta da disciplina], porque realmente é difícil porque é difícil você medir essas coisas porque vai depender de cada

criança e vai depender de cada professor, da visão de cada um mesmo. Não só a visão institucional, mas a visão de cada professor no dia-a-dia da criança. Então é aquela coisa do ação-reflexão-ação do Paulo Freire, você faz, você viu se deu certo, se não deu você reflete, depois você age de novo. Então a gente pode muito, a gente pode muito bem pegar uma criança muito indisciplinada e disciplinar demais, aí não, opa, o caminho não é esse. Então a gente vai acertando e errando e isso faz parte, isso mesmo, isso faz parte da formação também, da formação nossa e da formação do aluno. Essa consciência de que as coisas são muito instáveis, você não consegue estabelecer objetivamente, você não consegue formar uma pessoa absolutamente equilibrada entre o limite e a liberdade, entre o amor e a disciplina, sabe, entre o carinho e a violência, tudo, você não consegue estabelecer, você não consegue criar um ser humano, ou formar um ser humano ou ser um ser humano totalmente equilibrado. Então essa formação que propõe uma visão mais equilibrada de tudo isso é a chave da questão porque o querer formar uma pessoa equilibrada faz com que a gente talvez chegue num meio termo interessante e numa formação que atinja numa formação onde a criança consiga refletir sobre como ela é e como ela precisa ser. Uma criança que consiga olhar para trás, ver de onde ela vem ver o que formou ela, olhar para ela agora, ver o que ela é depois dessa história e ver o que ela quer ser no futuro. Então a gente através das aulas, através daquilo que a gente chama de currículo oculto né, que são as práticas, interpessoais, enfim, os exemplos que a gente dá e tudo isso, ela vai poder se espelhar nisso e ter as ferramentas para se analisar hoje e planejar o futuro. E não só a gente, claro, ela vai olhar para os nossos exemplos, ela vai olhar para os exemplos da vizinhança, para os pais e aí a formação para sensibilidade, que a gente tenta fazer, faz com que essa criança pare e pense o que ela quer ser a partir dos valores que ela tem, dos valores que a gente tenta trabalhar, da disciplina, do amor ao próximo, do respeito às diferenças. A partir de tudo isso ela decidir qual caminho ela vai seguir na vida (MANOEL THEOPHILO, 2017).

Diante disto, podemos refletir sobre a própria prática educacional, pois além de professores de música somos educadores e como afirma Bowman (2014), a finalidade da educação é a formação humana, portanto todo e qualquer profissional da educação deve também, através de sua prática, almejar este fim. A partir do momento que isto fica claro, passamos a olhar para nossas ações educativas com mais reflexão fazendo ou, dependendo dos obstáculos a serem vencidos, tentando fazer que ela cumpra esta função. Este olhar torna o resultado da prática diferente. Deste modo, o professor e o aluno conseguem colocar-se como facilitadores nesta caminhada de descobertas.

Pude perceber que um ambiente de cumplicidade existia fortemente entre os coralistas, gerando muita confiança entre eles. Observei com mais clareza em um dia em que fizemos uma roda de conversa para falar sobre os tabus da adolescência, pois uma mãe havia proibido sua filha de ir para os ensaios quando suspeitou que a menina estivesse com um namorado na EMA-CA, isto gerou toda discussão. Quando deixamos todos à vontade para falar o que quisessem, os coralistas entreolharam-se e começaram a agir como em um jogo de

pingue-pongue, fazendo questionamentos um para o outro, dizendo: eu acho que a Coralista B queria falar alguma coisa, então a Coralista B dizia que não e apontava para a Coralista E, e assim por diante, o que passou a aparentar que todos pareciam compartilhar segredos entre si. Tal acontecimento demonstra que todos compartilharam de uma grande cumplicidade, deste modo, laços muito fortes foram criados, laços estes que os tornam pertencentes à uma “segunda família”, o Coral Vozes da Infância. Ao perceber qualquer conflito envolvendo temas enfrentados pelos jovens a equipe sempre buscava primeiramente o auxílio da psicóloga da EMA-CA para entender qual o melhor direcionamento que poderíamos dar para o jovem ou a turma, como afirma a professora Soraia:

Todas as vezes que a gente percebe que existe alguma situação [conflito] e são várias, né? Primeiro, a gente tem uma psicóloga na escola, que é uma psicóloga escolar, Liuba de Medeiros, e a gente sempre está levando os casos para ela. Alguns casos ela chama e ela mesma conversa com as crianças, individualmente, em outros casos a gente conversa, ela orienta os profissionais, e a gente chega para as crianças e a gente faz rodas de conversas, e pede para as crianças se colocarem, e a gente coloca os problemas que estão acontecendo. E a gente coloca, também, o crescimento que está acontecendo, é tudo conversado. E o processo é muito bonito, muito bonito (SORAIA BANDEIRA, 2017).

Nestas rodas de conversas procurávamos compreender os coralistas e dar alguma orientação se tivéssemos conhecimento para isto. Os coralistas geralmente falavam de suas vidas, de seus problemas e de acontecimentos nos quais não conseguiam contar para outras pessoas. Este espaço foi criado pela necessidade de compreender melhor nossos coralistas.

O canto coletivo refletiu positivamente em outros espaços de convivência de nossos alunos. Ao entrevistar os diretores e ou gestores das escolas básicas nas quais os alunos da EMA-CA estudaram, afirmaram que os alunos que participam das atividades da EMA-CA, apresentam muita disciplina, a diretora do EEMM Apolônio de Miranda destaca:

Bem, os nossos alunos eles mudaram sim porque antes era aquele potencial, aquele talento que eles têm e estavam se guardando e com esse projeto da casa das artes com esse desempenho de vocês, os nossos alunos que estão tendo um bom desempenho sim. Eles mudaram também nas suas atividades de sala de aula, passaram a ser mais responsáveis. [...] Só aquela responsabilidade do aluno sair da escola 11:45, vai em casa, toma um banho mais 1 hora eles estão aqui esperando o ônibus e o ônibus não pode atrasar 1 minuto que eles vêm aqui, diretora, o ônibus ainda não chegou. E quando eu ligo para Ingrid [Coordenadora pedagógica da EMA-CA], então o interesse, isso colaborou bastante, nos ajudou porque eram alunos assim, não vamos dizer indisciplinados, mas não tinha um certo interesse. E depois que este talento deles despertou este talento tem alunos aqui que as vezes assim eles vêm aqui na direção e eles começam a cantar para ver que eles são bons, os nossos talentos que eles têm um potencial muito elevado. Mas

falta somente a oportunidade e esta oportunidade eles estão tendo agora (DIRETORA A, 2018).

Embora a diretora tenha uma visão equivocada sobre talento musical, que pode ser compreendido no texto de Lima (2016), ela destaca nesta fala a mudança de comportamento dos seus alunos que frequentam a EMA-CA, afirmando que estes desenvolveram mais responsabilidade em cumprir com os horários. Já o diretor de uma das escolas básicas afirma que o Coral Vozes da Infância contribui para a integração social na escola básica, sobre isto ele afirma:

[...] o que a gente percebe é o carinho que vocês têm por eles, é algo que estimula, eu sempre passo para eles “ó, o pessoal tá bem empolgado” com esses alunos que já são do projeto, eles vão continuar se Deus quiser, nesse ano também. A gente escuta muito mais elogios do que propriamente algum tipo de atitudes, de comportamento inadequado. Graças a Deus nesse ponto a gente tem atingido os objetivos, não é? Que é envolvê-los, mas também não desfocar, acho que a ideia é estar integrado nos estudos, na atividade na escola, isso é um complemento, que vem enriquecer ainda mais o aprendizado do aluno, a escolarização, não é? O processo de integração entre eles, entre os colegas também de outras escolas. Eu acompanho, como te falei, o resultado também, no final do ano. Eu participo e vejo essa motivação deles. Por exemplo, a Coralista H, ela chegou aqui com muita inadequação, né, porque ela estudava numa escola particular e a mãe teve dificuldades [financeiras], teve que matricular numa escola pública então ela teve muita dificuldade para aceitar isso, essa mudança. Então foi um período muito intenso de conversas na supervisão, na área da psicologia. E quando surgiu a oportunidade da Casa das Artes que ela aceitou aí acho que foi o ponto fundamental, né, para que ela vencesse aquela dificuldade dela. E hoje é uma aluna extremamente participativa, tem ótimas notas, integrada numa forma ampla na escola que ela tinha muita rejeição à escola, rejeição em função talvez disso de ser uma escola pública e, enfim, ela tinha dificuldade no relacionamento interpessoal com os colegas e hoje a gente vê uma outra pessoa, não é? É um caso assim muito evidente assim de mudança assim bem forte que ela realmente está muito integrada (DIRETOR F, 2018).

Nesta fala, fica claro que a Coralista H desenvolveu uma motivação e integração social para a escola básica, conseguindo superar a mudança de escola, passando a interagir melhor com seus colegas. Através do Coral Vozes da Infância, os seus integrantes puderam perceber o outro e a si mesmo como indivíduos importantes em sua essência. E através do convívio, os sujeitos puderam agregar valores humanos a sua prática, trabalhando um pouco mais a sensibilidade artística e humana. A formação humana construiu-se neste ambiente de respeito mútuo dia após dia, como uma prática constante de respeito e ética.

De ante disto, Bowman (2014) afirma que a música e seu ensino não pode ser resumido a eles mesmos, podemos compreender as relações que a música proporciona e

entender as funções que a prática coral e, mais especificamente, o Coral Vozes da Infância como formação humana, desenvolvendo a sensibilidade humana na vida de seu integrante. Sendo assim, as investigações a respeito da prática coral estão relacionadas a diferentes olhares e que uma mesma prática musical pode ser vista por diferentes perspectivas.

4.6 Funções educacionais do Coral Vozes da Infância

O Coral Vozes da Infância visto pelo olhar da educação musical, assim como, da sociologia nos permite investigar as funções músico educacionais do coral e entender mais a fundo as mudanças provocadas nas vidas de seus integrantes.

A diretora da EEM Apolônio de Miranda, afirma que o coral apresenta a função social de educar, assim como a escola básica, não importando se o aluno vai seguir a carreira artística ou não. Ela afirma que os conhecimentos gerados na Escola Básica e na EMA-CA são conhecimentos que serão levados por toda a vida refletindo poderosamente na vida adulta, podendo influenciar em suas escolhas futuras.

Acho que [o Coral Vozes da Infância] tem a função social sim, do educar primeiramente, a construção das coisas que a gente já falou como a responsabilidade no horário, coisas que eles vão aprendendo e o desenvolvimento também vai avançando à medida que eles vão aprendendo as coisas lá, e vão exercitando várias coisas e essa construção integral é extremamente importante para a constituição deles enquanto adulto. São coisas que eles levam para a sua história, porque lá na frente vão ter uma importância independentemente, se eles escolherem desenvolver mais esse lado [artístico], no caso da música, ou não (...) (DIRETORA A, 2018).

Podemos identificar nesta fala que a construção coletiva na atividade do coral, é bastante importante para a formação de adultos mais conscientes, pois a construção do “nós” é algo que o sujeito leva por toda sua vida e as relações construídas no coral, a partir do respeito mútuo e disciplina, são fatores imprescindíveis para formação humana. Formar seres mais sensíveis ao outro, seres capazes de escolher seu próprio destino por ter uma visão ampla e diversificada podendo pensar criticamente sobre o mundo que o cerca faz toda a diferença em suas escolhas. Através do coral, afirmam alguns pais e diretores, que esta é uma grande oportunidade para desenvolverem através da música, a formação humana. Pois como afirma a diretora da EMEF Luiz Augusto Crispim, é mais difícil os alunos de escolas públicas terem acesso a aulas de música. Diz ela:

Dá aquela questão, vamos dizer assim, no momento em que [os Coralistas] se apresentam, tem um público para assistir... A gente percebe a questão da autoestima. “Eu consigo. Eu sou capaz”. A gente [as escolas básicas]

atende a crianças carentes, escola pública de várias comunidades. O que falta muito nas escolas é a gente passar essa questão de humanizar mais. E mostrar para eles que eles têm potencial. Que não é o aluno que está na escola particular que vai ter oportunidades de chegar lá, não. Eles têm também. Tanto quanto. Eles não têm condição de sair para fazer música fora, “ah eu tenho que estudar aqui, mas tenho que sair para fazer uma aula aqui’... o transporte, é uma dificuldade”. [...] Eu vejo que é fundamental. Porque é como eu te falei, ela vai desenvolver várias habilidades até a questão de concentração, do ouvir, a questão de sensibilizar. Porque o mundo está precisando de pessoas humanas. A escola é um espaço muito difícil hoje. Inclusive, eu vejo em muitas [escolas] particulares. Meu filho enfrenta problema na escola. É totalmente normal. É até normal no sentido de dizer que ele é muito sensível e muito humano e as pessoas não são assim. As pessoas têm que estar mais humanizadas e a música traz isso. A música remete lembranças, coisas boas, você chora, você ri, você lembra de fatos que você escuta a muito tempo... E uma coisa que me chama a atenção é a questão de cultura musical deles. Eu consegui lutar contra isso e eles conseguem ouvir uma boa música (DIRETORA C, 2018).

Esta fala nos remete à falta de oportunidades que as pessoas que apresentam um menor capital econômico enfrentam. De acordo com Bourdieu (1989), quanto maior o capital econômico, maior o capital cultural e, portanto, um maior poder simbólico na luta de classes. Sendo assim, a desigualdade social continuaria sendo propagada. Porém a EMA-CA surge neste cenário buscando contribuir para formação de capital cultural com maior foco na formação humana. Segundo a diretora, as escolas precisam ser mais humanizadas e a música contribui para este fim, desenvolvendo a autoestima e habilidades como a concentração tornando também o indivíduo mais sensível no sentido de se tornar uma pessoa mais humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou e discutiu as principais concepções em torno das práticas músico-educativas do Coral Vozes da Infância, por meio da identificação e compreensão das principais características das práticas músico-formativas do coral; as concepções dos coralistas, professores, diretores e familiares; e as principais relações entre as concepções dos sujeitos investigados.

A revisão bibliográfica mostrou um panorama investigativo diversificado sobre processos músico-educativos no canto coral, indicando-nos os principais contextos e dimensões epistemológicas que têm construído as principais correntes sobre o assunto. Neste processo, foram identificadas cinco categorias de abordagem para o canto coral na literatura estudada: 1) abordagem de aspectos sociais, envolvendo trabalhos que discutem as interações sociais no espaço coral e do desenvolvimento social à partir delas; 2) abordagem de aspectos psicológicos, com trabalhos ligados ao desenvolvimento psíquico, como a motivação e empatia; 3) abordagem de aspectos cognitivos, compondo perspectivas investigativas ligadas a faculdade ou processo de adquirir conhecimentos; 4) abordagem de aspectos técnicos, com trabalhos voltados para observação ou criação de técnicas aplicadas ao canto coral, como técnicas de ensaios, técnica vocal, técnica de respiração, entre outros; 5) abordagem de aspectos sensório-motores, com foco principal em discutir o desenvolvimento sensório motor, desenvolvimento e percepção do corpo no ato de cantar. Deve-se salientar que foram encontrados, também, trabalhos que abrangiam mais de uma categoria. Através desta revisão buscou-se uma visão macro sobre o canto coral para posteriormente se aprofundar no micro, o Coral Vozes da Infância.

Como fundamentação teórica foram apresentadas algumas possibilidades interpretativas da realidade de estudo a partir das perspectivas teóricas sobre a educação musical como formação humana, fundamentada na ética e diversidade cultural, passando por aspectos como a coletividade, bem como pela produção de significados em torno da música transpassando pelas áreas da educação musical e sociologia identificando conceitos como o “nós” e o capital cultural na prática coral e nas relações sociais que se estabelecem neste ambiente.

O capítulo três faz um apanhado histórico sobre o surgimento do projeto EMA-CA e sua relação com o Coral Vozes da Infância abordando o processo de formação deste coral e como se deu todo o processo de suas atividades realizadas no ano de 2017, analisando os

aspectos técnicos convencionais sobre o canto coral permeados por situações sociais e relações interpessoais possivelmente articuladoras de formação humana.

O último capítulo está composto pela análise das entrevistas articuladas com a triangulação dos dados (entrevistas com Coralistas, responsáveis legais pelos Coralistas, diretores de escolas básicas nas quais os alunos do coral estudam, equipe de música e coordenadora geral da EMA-CA), tomando como base o referencial teórico apresentado no capítulo dois.

Esta pesquisa possibilitou compreender e identificar as principais concepções em torno das práticas músico-educativas do Coral Vozes da Infância da EMA-CA, apontando uma construção coletiva a partir da interação social entre os coralistas, permitindo um crescimento pessoal e grupal levando a ampliação de mundo e à formação humana. Podemos identificar nas entrevistas concepções que os próprios coralistas formaram em torno do coral como, a ideia de pertencimento (LIBERAL, 2004) e o “nós” (BOWMAN, 2007), refletidas no que eles chamam de coral como segunda família. Ao analisar as falas dos responsáveis legais dos coralistas identifiquei na maioria uma percepção positiva que eles têm sobre a importância que o trabalho desenvolvido no Coral Vozes da Infância vem ocasionando sobre essas crianças e adolescentes e aos pouco percebidas em seus lares. Durante o convívio com os coralistas em todo o ano letivo de 2017, notamos que houveram grandes mudanças positivas no comportamento dos integrantes do Coral Vozes da Infância e, em alguns casos, o coral agiu como um “divisor de águas” na vida de alguns deles, possibilitando a ampliação da visão de mundo através dos mecanismos de interação social desenvolvidos no ambiente coral contribuindo para o processo de formação humana. Identificamos nas falas dos diretores das escolas básicas as concepções a respeito das práticas desenvolvidas na EMA-CA e os reflexos que tiveram no comportamento de seus alunos participantes do coral, no qual contribuiu positivamente para a formação humana de seus integrantes. Não pretendo generalizar esta pesquisa, pois este trabalho consiste de um estudo de caso onde o universo descrito remete-se a um coral específico, o Coral Vozes da Infância da Escola Municipal de Arte – Casa das Artes da cidade de João Pessoa. Em virtude disto, sabemos que o canto coral tem sido abordado pela literatura sob diversas perspectivas, porém ainda carece de mais estudos voltados para o canto coral infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

AMATO, Rita Fucci. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *Opus*. Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

_____. Educação musical: o canto coral como processo de aprendizagem e desenvolvimento de múltiplas competências. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Belo Horizonte, 2005. *Anais...* Belo Horizonte: ABEM/ UEMG, 2005. p. 1-6.

AMATO NETO, João; AMATO, Rita Fucci. Organização do trabalho e gestão de competências: uma análise do papel do regente coral. *Gepros: Gestão da Produção, Operações e Sistemas*. Bauru, v. 2, n. 2, 2007, p. 89-98.

AMÉLIA NÓBREGA. Entrevista concedida por Amélia Nóbrega a Christiane Alves de Lima em João Pessoa/PB. Arquivo de áudio [mp3], duração 00:26:30, João Pessoa/PB, dez 2017.

ANDRADE, Klesia Garcia. *Projeto “Um Canto em Cada Canto”: o coro infantil, seus ensinamentos e suas aprendizagens*. 2015. 256 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

ARROYO, Margaret. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta*, v. 13, n. 20, jun 2002.

ARROYO, M. Educação Musical na Contemporaneidade. In: II Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2002, Goiânia. *Anais...* II Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2002. p. 18-29.

BATISTA, Héli da Lisboa Mendes. *A influência do canto coral infantil no padrão técnico-vocal do cantor lírico profissional*. 2011. 127 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BEINEKE, Viviane. O debate sobre filosofia da educação musical: uma revisão de tendências e perspectivas. *Revista Expressão do Centro de Artes e Letras da UFSM*, Santa Maria, v. 3, n. 1, p. 117-125, jan. jun. 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Universal LDA, 2003.

_____. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 1ª ed. Rio de Janeiro: Difel Bertrand Brasil, 1989.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOWMAN, Wayne. Who is the “We”? Rethinking Professionalism in Music Education. In: *Action, Criticism, and Theory for Music Education Electronic Article*. 2007. Disponível em: <http://act.maydaygroup.org/articles/Bowman6_4.pdf>. Acesso: 28 de jun de 2018.

_____. The ethical significance of music-making. *Music Mark Magazine*, Winter, Issue 3, 2014.

BRAGA, Adriana; PEDERIVA, Patrícia. Voz e corporeidade segundo a percepção de coristas. *Revista Musica Hodie*. v. 7, n. 2, 2007, p. 43-51.

BRANCO, Heloiza de Castello. *Empatia no ensaio coral: aspectos dessa interação não-verbal dos cantores com o regente durante a execução musical*. 2010. 165 f. Tese (doutorado em Música) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 130.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

COSTA, Patricia. Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade? *Música na educação básica*. Porto Alegre. v. 1, n. 1, out. 2009.

COSTA, Cristiano Aparecido da. Formação humana e música: um estudo sob a ótica de T. W. Adorno. *Revista Itinerarius Reflectionis* – UFG, Jataí, v. 10, n. 2, jul. dez. 2014.

COSTA, Wanderson Moura. *Cantar: um desafio complexo e transdisciplinar*. 2017. 114 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. DALCROZE, Émile Jaques. *Rhythm, Music and Education*. Tradução Harold Frederick Rubinstein, 1891. Ed. London: Franklin Classics Trade Press, 2018, p. 314

DICIONÁRIO de Filosofia. Disponível em: <
http://www.filosofia.com.br/vi_dic.php?pg=7&palvr=E>. Acesso em: 18 ago. 2018.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. A imitação sensório-motora como uma possibilidade de aprendizagem do desenho por crianças cegas. *Revista Ciências & Cognição*. v. 13, n. 2, jul. 2008, p. 14-26.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, Jonh. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. *Revista entre ideias*, Salvador, v. 1, n. 2, jul. dez. 2012, p. 149-152.

ELLERY, Maria Angélica Rodrigues. Saindo do ócio com uma oficina de cantar. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 12, 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABEM, 2003, p. 595-600.

FEICHAS, Heloisa Faria Braga; NARITA, Flávia Motoyama. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Musical: análise de dois projetos pedagógico-musicais brasileiros. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, v. 11, n. 1, jun. 2016, p. 15-38.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; PULICI, Carolina. Gosto musical e pertencimento social: o caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 28, n. 2, 2016, p. 131-159

FONSECA, Cláudia Cavalcante. *Prática coral em um programa social: um estudo de caso*. 2016. 87 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal em Bahia, Salvador, 2016.

FREER, Patrick. K. The performance-pedagogy paradox in choral music teaching. *Music Faculty Publications*, Georgia, p. 1-22, jan. 2010. Disponível em: <http://scholarworks.gsu.edu/music_facpub/38>. Acesso: 15 de abr. 2017.

FUJIOKA, Takako et al. One year of musical training affects development of auditory cortical-evoked fields in young children. *Brain A Journal of Neurology*, Londres, set. 2006, p. 1-16.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade pessoal*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. *Sociologia*. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Metodologias e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008

HAUCK-SILVA, Caiti. *Preparação vocal em coros comunitários: estratégias pedagógicas para construção vocal no Comunicantus*. 2012. 193 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

IAZZETTA, Fernando. O que é música (hoje). *I Fórum Catarinense de Musicoterapia*. Florianópolis, ago. set. 2001.

ILARI, Beatriz. Música, identidade e relações humanas em um país mestiço: implicações para educação musical na América Latina. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.18, n. 18, out. 2007, p. 35-44.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KOHLRAUSCH, Daniela Barzotti. *Prática coral e motivação: o ambiente coral na percepção do corista*. 2015. 103 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Em Pauta*, v. 11, n. 16, abr. nov. 2000, p. 146-172.

KRAUS, Nina; CHANDRASEKARAN, Bharath. Music training for the development of auditory skills. *Nature Reviews Neuroscience*, v. 11, ago. 2010, p. 599–605.

LIBERAL, Márcia Mello Costa de. Religião, identidade e sentido de pertencimento. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS: A questão social no novo milênio, Universidade de Coimbra, set. 2004.

LIMA, Christiane Alves. A Violência simbólica presente em testes de seleção. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – ANPPOM, 27., 2017, Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP, 2017. p. 01-08.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katál.* Florianópolis, v. 10, n. esp, 2007, p. 37-45.

LIMEIRA, Doraneide Tosta de Santana. *A percepção musical na prática coral e sua contribuição na sensibilidade sóciomusical do corista*. 2016. 105 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

LISBOA, Alessandra; KERR, Dorotéia Machado. Villa-Lobos e o canto orfeônico: análise de discurso nas canções e cantos cívicos. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – ANPPOM, 15., 2005, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNESP, 2005. p. 416-422.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Davi Silvino. *Formação humana através do canto coletivo: um estudo de caso no Coral da ADUFC*. 2015. 171 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

NASCIMENTO, Thais Vieira. *Juventude e música: uma bibliografia comentada de dissertações e teses defendidas no Brasil entre 1996 e 2007*. Relatório parcial do PIBIC/CNPq/UFU. Uberlândia: UFU, jan. 2008.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento Humano*. 8ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Éliton; VASCONCELOS, Miriã. O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. *Música Hodie*, Goiânia, v. 7, n. 1, 2007, p. 99-120.

PMJP. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Secretaria de Educação e Cultura. Centro de Capacitação dos Profissionais em Educação – Cecapro. *Projeto Escola Municipal de Artes Casa das Artes*. 2009.

PMJP. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Seminário Oficial. Portaria Conjunta n. 004/2009, 30 ago. 05 set. 2009, p.1-8.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. A música como fenômeno sociocultural: perspectivas para uma educação musical abrangente. In: *contexturas: o ensino das artes em diferentes espaços*. João Pessoa: editora universitária/UFPB, 2005.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS*. Campo Grande, v. 19, n. 37, jan. jun. 2013, p. 95-124.

RHEINBOLDT, Juliana. Melleiro. *Preparo vocal para coro infantil*: análise, descrição e relato da proposta do maestro henry leck aplicada ao “coral da gente” do instituto baccarelli.

2014. 204 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014, p. 60.

ROBERTY, Bruno Boechat. *A extensão vocal infantil: um estudo sobre a voz infantil no contexto do ensino regular brasileiro*. 2016. 119 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ROSA, Amélia Martins Dias Santos; OLIVEIRA, Alda de Jesus. *A construção do musical como prática artística interdisciplinar para educação musical*. 2006. 185 f. Dissertação (mestrado em Educação Musical) – Programa de pós-graduação em música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SILVA, Luceni Caetano. *Gazzi de Sá e o prelúdio da educação musical na Paraíba (1930-1950)*. 2ª ed. João Pessoa: editora universitária/ UFPB, 2013.

SILVA, Luiz Eduardo. *O ensino e a aprendizagem da técnica vocal em coros amadores a partir da concepção de regentes e cantores*. 2017. 159 f. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SKOE, Erika; KRAUS, Nina. A little goes a long way: how the adult brain is shaped by musical training in childhood. *Journal of Neuroscience*, Illinois, v. 32, n. 34, 2012.

SORAIA BANDEIRA. Entrevista concedida por Soraia Bandeira a Christiane Alves de Lima em João Pessoa/PB. Arquivo de áudio digital [mp3], duração 00:17:10, João Pessoa/PB, dez. 2017.

SOUSA, Joana Mariz et al. O uso de metáforas como recurso didático no ensino do canto: diferentes abordagens. *Revista Sociedade Brasileira Fonoaudiologia*, v. 15, n. 3, 2010, p. 317-328.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 1, jan. abr. 2007, p. 105-113.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMOS DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas

Christiane Alves de Lima (Mestranda)

Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro (Orientador)

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da Pesquisa da pesquisa “**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas**”, sob a responsabilidade da pesquisadora/mestranda Christiane Alves de Lima, RG nº _____ da Universidade Federal da Paraíba. O estudo tem como objetivo apresentar e discutir as principais concepções em torno das práticas músico-educativas de um coral infanto-juvenil.

A presente pesquisa não apresenta riscos e não trará nenhum ônus financeiro para a pesquisadora ou sujeitos pesquisados. Os dados obtidos embasarão a elaboração de uma dissertação de mestrado e publicações acadêmico-científicas resultantes da pesquisa. Todas as informações coletadas serão analisadas a partir da produção científica da área de Educação Musical, podendo ou não ser incluída na redação final do relatório dessa pesquisa.

Sua participação é voluntária e se dará no sentido de:

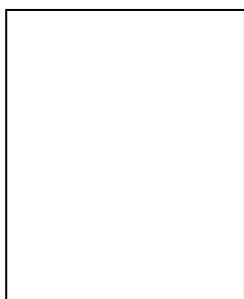
- Permitir o registro de áudio, vídeo e fotográfico captados e registrados para finalidades acadêmico-científicas, sendo que a eventual divulgação e publicação dessas imagens (paradas e/ou em movimento) só serão realizadas a partir de autorização por escrito de todos os participantes diretamente envolvidos;
- Participar das entrevistas necessárias para esclarecimentos sobre as atividades músico educativa;

- Ceder os direitos das entrevistas gravadas, podendo a mesma ser utilizada integralmente ou em partes, sem restrição de prazo, desde a presente data para fins de publicação acadêmico-científica;
- Permitir a explicitação da identidade de acordo com a indicação a seguir, desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-científica:

É assegurado durante toda a pesquisa o livre acesso as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo. Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, RG nº _____, declaro está ciente de todas a informações supracitadas, sabendo que não haverá nenhuma remuneração e que a permanência neste projeto é de livre escolha deste signatário. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.



Nome do aluno

Assinatura do Responsável Legal

Impressão Digital

João Pessoa, ____ de _____ de 2017.

Eu certifico que revisei o conteúdo deste formulário com a pessoa que assinou acima, que em minha opinião, entendeu a explanação sobre os procedimentos, riscos e benefícios conhecidos desta pesquisa.

Ass. da pesquisadora:

Data: ____/____/____



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas

Christiane Alves de Lima (Mestranda)

Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro (Orientador)

Na qualidade de **Coordenadora Geral** da Escola Municipal de Artes – Casa das Artes - EMA-CA, autorizo a pesquisadora/mestranda Christiane Alves de Lima, RG nº _____, da Universidade Federal da Paraíba a realizar a pesquisa “**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas**” nesta instituição, durante o ano de 2017, coletando dados a partir de entrevistas com os participantes do projeto (os alunos, um membro da família responsável pelo aluno, os diretores e/ou psicólogo das escolas contempladas pela EMA-CA, a coordenadora geral da EMA-CA e a equipe de música da EMA-CA) e observações das atividades músico pedagógicas, conforme as diretrizes apresentadas a seguir:

- Os participantes do Projeto decidirão livremente se querem participar da pesquisa; em caso positivo assinarão um termo de consentimento;
- Fotografias, filmagens e registros de áudio poderão, como recurso para o registro das aulas enquanto material de pesquisa, ser realizados mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido;
- A eventual divulgação e publicação dessas imagens (paradas e/ou em movimento) só serão realizadas a partir de autorização por escrito dos participantes diretamente envolvidos;

- A realização do trabalho não implicará qualquer mudança nas atividades regulares do Projeto;
- O trabalho realizado não trará qualquer ônus financeiro para o Projeto e demais envolvidos.

João Pessoa, _____ de _____ de 2017.

Coordenadora Geral da EMA-CA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas

Christiane Alves de Lima (Mestranda)

Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro (Orientador)

Na qualidade de **Preparadora Vocal/Corporal** do Coral Vozes da Infância, autorizo a pesquisadora/mestranda Christiane Alves de Lima, RG nº _____, da Universidade Federal da Paraíba a realizar a pesquisa “**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas**” nesta instituição, durante o ano de 2017, coletando dados a partir de entrevistas com os participantes do projeto (os alunos, um membro da família responsável pelo aluno, os diretores e/ou psicólogo das escolas contempladas pela EMA-CA, a coordenadora geral da EMA-CA e a equipe de música da EMA-CA) e observações das atividades músico pedagógicas, conforme as diretrizes apresentadas a seguir:

- Os participantes do Projeto decidirão livremente se querem participar da pesquisa; em caso positivo assinarão um termo de consentimento;
- Fotografias, filmagens e registros de áudio poderão, como recurso para o registro das aulas enquanto material de pesquisa, ser realizados mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido;
- A eventual divulgação e publicação dessas imagens (paradas e/ou em movimento) só serão realizadas a partir de autorização por escrito dos participantes diretamente envolvidos;

- A realização do trabalho não implicará qualquer mudança nas atividades regulares do Projeto;
- O trabalho realizado não trará qualquer ônus financeiro para o Projeto e demais envolvidos.

João Pessoa, _____ de _____ de 2017.

Preparadora Vocal/Corporal do Coral Vozes da Infância



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas

Christiane Alves de Lima (Mestranda)

Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro (Orientador)

Na qualidade de **Professor de Teoria Musical e Pianista Colaborador** do Coral Vozes da Infância, autorizo a pesquisadora/mestranda Christiane Alves de Lima, RG nº _____, da Universidade Federal da Paraíba a realizar a pesquisa “**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas**” nesta instituição, durante o ano de 2017, coletando dados a partir de entrevistas com os participantes do projeto (os alunos, um membro da família responsável pelo aluno, os diretores e/ou psicólogo das escolas contempladas pela EMA-CA, a coordenadora geral da EMA-CA e a equipe de música da EMA-CA) e observações das atividades músico pedagógicas, conforme as diretrizes apresentadas a seguir:

- Os participantes do Projeto decidirão livremente se querem participar da pesquisa; em caso positivo assinarão um termo de consentimento;
- Fotografias, filmagens e registros de áudio poderão, como recurso para o registro das aulas enquanto material de pesquisa, ser realizados mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido;
- A eventual divulgação e publicação dessas imagens (paradas e/ou em movimento) só serão realizadas a partir de autorização por escrito dos participantes diretamente envolvidos;

- A realização do trabalho não implicará qualquer mudança nas atividades regulares do Projeto;
- O trabalho realizado não trará qualquer ônus financeiro para o Projeto e demais envolvidos.

João Pessoa, _____ de _____ de 2017.

**Professor de Teoria Musical e Pianista Colaborador
do Coral Vozes da Infância.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas

Christiane Alves de Lima (Mestranda)

Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro (Orientador)

Na qualidade de **Diretor(a) da Escola Municipal de Ensino Fundamental** _____, autorizo a pesquisadora/mestranda Christiane Alves de Lima, RG nº _____, da Universidade Federal da Paraíba a realizar a pesquisa “**O Coral Vozes da Infância: um olhar sobre as concepções em torno das práticas músico-educativas**” nesta instituição, durante o ano de 2017, coletando dados a partir de entrevistas com os participantes do projeto (os alunos, um membro da família responsável pelo aluno, os diretores e/ou psicólogo das escolas contempladas pela EMA-CA, a coordenadora geral da EMA-CA e a equipe de música da EMA-CA) e observações das atividades músico pedagógicas, conforme as diretrizes apresentadas a seguir:

- Os participantes do Projeto decidirão livremente se querem participar da pesquisa; em caso positivo assinarão um termo de consentimento;
- Fotografias, filmagens e registros de áudio poderão, como recurso para o registro das aulas enquanto material de pesquisa, ser realizados mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido;

- A eventual divulgação e publicação dessas imagens (paradas e/ou em movimento) só serão realizadas a partir de autorização por escrito dos participantes diretamente envolvidos;
- A realização do trabalho não implicará qualquer mudança nas atividades regulares do Projeto;
- O trabalho realizado não trará qualquer ônus financeiro para o Projeto e demais envolvidos.

João Pessoa, _____ de _____ de 2017.

Diretor(a)

APÊNDICE B - ROTEIROS DE ENTREVISTAS

CORALISTAS DO CORAL VOZES DA INFÂNCIA

Contextualização

1. O que você acha do coral?
2. Você gosta do repertório do coro? Por quê?
3. Qual a atividade você gosta mais?
4. Qual o professor que você mais gosta?
5. Alguma coisa mudou em sua vida com a sua participação no coral?
6. Como você vê os seus colegas e os professores da equipe?
7. Qual a mensagem que você levará do Coral quando sair?

RESPONSÁVEIS LEGAIS DOS CORALISTAS DO CORAL VOZES DA INFÂNCIA

Contextualização

1. Como você define o comportamento da criança/adolescente?
2. O que você acha do coral Vozes da Infância?
3. Houveram mudanças no comportamento da criança/adolescente com a participação dele no coro? Se sim, quais foram?
4. Você acha importante a participação de sua criança/adolescente no Coral? Se sim, por que?
5. Você tem alguma observação para fazer?

COORDENADORA GERAL DA ESCOLA MUNICIPAL DE ARTES – CASA DAS
ARTES

Contextualização

1. Quem teve a proposta inicial de fundar a Escola Municipal de Artes - Casa das Artes?
2. Quais foram os lugares que a casa das artes esteve instalada?
3. Como surgiu o Coral Vozes da Infância?
4. Quais foram os regentes que atuaram no Coral Vozes da Infância?
5. O Coral Vozes da Infância possui uma função social? Se sim, como acontece?
6. Você tem notado mudanças nas relações sociais dos integrantes após a permanência deles no coral?
7. Como você vê o Coral Vozes da Infância?

PREPARADORA CORPORAL E VOCAL DO CORAL VOZES DA INFÂNCIA

Contextualização

1. Há quanto tempo você trabalha no Coral Vozes da Infância?
2. Como se desenvolveu o trabalho com as crianças desde o tempo de sua chegada até os dias atuais?
3. Como você vê o Coral Vozes da Infância no sentido de interações sociais?
4. Como você definiria o trabalho corporal e vocal do coro?
5. Como é a voz da criança e do adolescente no coral? (retirei)
6. O que você acha do repertório do coro deste ano?
7. Como você vê o Coral Vozes da Infância no sentido de interações sociais?
8. Como acontece a relação social entre os coralistas e entre estes com a equipe do Coral Vozes da Infância?
9. Você tem percebido mudanças no comportamento das crianças e jovens ao passarem um tempo cantando no coro?
10. Algum ex integrante do coro seguiu a carreira musical?
11. Qual a função da Casa das Artes para sociedade?

PIANISTA COLABORADOR E PROFESSOR DE TEORIA MUSICAL E PIANISTA
COLABORADOR DO CORAL VOZES DA INFÂNCIA

Contextualização

1. Como você vê o Coral Vozes da Infância?
2. Como você vê o processo educativo desse Coral?
3. Você acha que este Coral exerce uma função social?
4. Você tem percebido mudanças no comportamento das crianças e adolescentes no decorrer do ano?
5. Como acontece a relação social entre os coralistas e entre estes com a equipe do Coral Vozes da Infância?

DIRETOR(A) DAS ESCOLAS CONTEMPLADAS PELA ESCOLA MUNICIPAL DE
ARTES – CASA DAS ARTES

Contextualização

1. Como você vê o coral Vozes da Infância no sentido socioeducativo?
2. Você percebeu diferenças no comportamento das crianças e adolescentes que participaram do coral Vozes da Infância? Se sim, quais?
3. Como está sendo a parceria com a Escola Municipal de Artes - Casa das Artes?

ANEXOS

FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O PROJETO ESCOLA MUNICIPAL DE ARTES – CASA DAS ARTES



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA MUNICIPAL DE ARTES – CASA DAS ARTES

FICHA DE INSCRIÇÃO

Data do preenchimento: ____/____/____.

Área artística: _____

Situação: veterano () novato ()

Nome: _____

Telefone fixo: _____ Celular: _____

Idade: _____ Data de Nascimento: _____

Filiação: Pai: _____ Celular: _____

Mãe: _____ Celular: _____

Mora com: _____ Celular: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: João Pessoa

Tem acesso a internet? () não () sim WhatsApp: _____

E-mail/facebook: _____

Escola onde estuda: _____

Bairro: _____

Série: _____ Turno: _____

Professor de Arte da Escola: _____

Numeração de roupa: shrt/calça: _____ blusas: _____ sapato: _____

Tem alguma deficiência? () Não () Sim Qual? _____

Tem algum tipo de alergia? () Não () Sim Qual? _____

Toma algum medicamento? () Não () Sim Qual?

Faz alguma atividade extra na escola? () Não () Sim Qual?

OBSERVAÇÕES:

